

ELIZABETH GASKELL



o Chale
de
Moorland

PEDRAZUL
LITÉRARI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CAPÍTULO I

Se você virar à esquerda, depois de passar pelo portal de entrada da Igreja Combehurst, você irá chegar à ponte de madeira que passa por sobre um riacho; continue adiante no caminho que vai pelo campo, o qual sobe cada vez mais alto, e, em mais ou menos oitocentos metros, você chegará a um planalto com uma ótima brisa, quase amplo o suficiente para ser chamado de colina, onde ovelhas pastam no gramado baixo, fino e vívido. De lá de cima, pode-se avistar a Combehurst e sua bela torre. Depois de atravessar o campo, você chega a uma área repleta de cores com tojos¹ dourados e urzes roxas, que na época do verão exalam seus agradáveis aromas pelos tranquilos ares. As ondulações altivas do planalto criam um novo horizonte junto ao céu; a linha só é quebrada num ponto por um pequeno bosque de abetos escoceses², que sempre parecem negros e sob uma sombra, mesmo ao meio dia, quando todo o resto da paisagem parece banhado pela luz do sol. A cotovia bate asas e canta para os ares, muito lá no alto – numa região brilhante demais para vê-la. Veja! Ela atira-se lá de cima e se faz visível, mas, como se estivesse relutante em deixar o esplendor do Paraíso, ela balança e flutua no espaço celeste. Agora ela cai repentinamente bem para dentro de seu ninho, escondido por entre as urzes, invisível exceto para os olhos de Deus e dos pequenos insetos brilhantes que correm aqui e acolá nas elásticas hastes florais. Assim como a repentina queda da cotovia, o caminho desce uma íngreme ladeira verde, e em uma região banhada por rios e afluentes, cercada de colinas gramadas, ali se encontra um alojamento, que não é nem um chalé nem uma casa, mas algo entre os dois tipos em tamanho. Nem é uma fazenda, apesar de estar cercada por coisas vivas. É, ou melhor, era na época sobre a qual falo a moradia da Sra. Browne, viúva do recém-falecido pároco auxiliar da Combehurst. Lá, ela vivia com sua velha e fiel criada e seus únicos filhos: um menino e uma menina. Eles ficavam tão isolados em seu vale quanto às famílias dos contos de florestas alemães.

1

- Tojo é uma espécie de planta de folhas espinhosas e flores amarelas.

2

- Abeto são árvores nativas da América do Norte, Europa e Ásia, que não precisam de sol para crescer e são muito semelhantes aos pinheiros.

Uma vez por semana eles saíam e cruzavam o campo de tojos e urzes, alcançando em seu cume os primeiros sons dos sinos de notas angelicais, que os chamavam para a igreja. A Sra. Browne andava na frente, segurando a mão de Edward. A velha Nancy seguia atrás com Maggie. Mas eles eram um grupo e todos conversavam juntos em um tom brando e silencioso, adequado para o dia. Eles não tinham muito a dizer, suas vidas eram regulares demais; a viúva e seus filhos, por exemplo, jamais iam a Combehurst se não fosse domingo. A maioria das pessoas teria considerado a cidadezinha um lugarejo calmo e como de um sonho; para aquelas duas crianças, porém, parecia o mundo. Depois de atravessada a ponte, ambos apertavam ainda mais as mãos que seguravam e olhavam para cima timidamente por debaixo de suas pálpebras abatidas, quando qualquer um dos amigos de sua mãe dirigia-lhes a palavra. A Sra. Browne era frequentemente convidada por alguém para ficar para o almoço depois da missa da manhã, e, com a mesma frequência, rejeitava – um tanto para o alívio das tímidas crianças. No entanto, algumas vezes, durante a semana, conversavam em voz baixa sobre o prazer que seria para eles se mamãe aceitasse jantar na casa do Sr. Buxton, onde a menininha de branco e aquele menino grande e alto moravam. Em vez de ficar lá, ou em qualquer outro lugar, todo domingo a Sra. Browne acreditava ser o seu dever ir chorar sobre o túmulo de seu marido. O costume havia surgido de um sofrimento verdadeiro provocado por sua perda, pois um marido mais gentil e homem mais notável jamais existiram. Mas a simplicidade de sua tristeza tinha sido destruída pelos comentários dos outros a respeito da forma com que manifestava suas emoções. Eles abriam caminho para que ela atravessasse o gramado em direção ao túmulo, e ela, imaginando que era o que esperavam, caiu no hábito mencionado. Seus filhos,

cada um deles segurando uma mão, sentiam-se intimidados e desconfortáveis, e tinham plena consciência do quão frequentemente eram apontados como um grupo em luto a ser observado.

“Eu gostaria que sempre chovesse aos domingos”, disse Edward um dia para Maggie em um colóquio no jardim.

“Por quê?”, perguntou ela.

“Porque assim nos apressaríamos para fora da igreja e chegaríamos a nossa casa o mais rápido que pudéssemos para salvar o crepe da mamãe; e não teríamos que ir chorar pelo papai.”

“Eu não choro”, disse Maggie. “Você chora?”

Edward olhou ao redor antes de responder para conferir se estavam realmente sozinhos, e então disse:

“Não. Fiquei triste por muito tempo por causa do papai, mas não se consegue ficar triste para sempre. Talvez os adultos consigam.”

“A mamãe consegue”, disse a pequena Maggie. “Às vezes eu também fico bem triste; quando estou sozinha ou brincando com você, ou quando sou acordada pela luz da lua no nosso quarto. Você nunca acorda e tem a impressão de que ouviu o papai chamando? Acontece comigo às vezes, e então fico muito triste ao pensar que nunca mais iremos ouvi-lo chamando de novo.”

“Ah! É diferente comigo, sabe. Ele costumava me chamar para as lições”.

“Às vezes me chamava porque estava bravo comigo. Mas eu sempre sonho que ele está nos chamando com sua voz gentil, assim como costumava fazer quando queria que caminhássemos juntos, ou quando queria nos mostrar algo bonito.”

Edward estava em silêncio, brincando com alguma coisa no chão. Afinal, olhou ao redor novamente e, convencido de que não poderiam ser ouvidos, sussurrou:

“Maggie, às vezes eu não acho que estou triste que o papai morreu – quando sou *malcriado*, sabe? Ele teria ficado tão bravo comigo se estivesse aqui – e eu acho – só de vez em quando, sabe? –, que eu fico bem contente que ele não esteja.”

“Oh, Edward! Você não quis dizer uma coisa dessas, eu sei. Não vamos falar sobre ele. Nós não sabemos o que estamos dizendo,

somos apenas criancinhas. Não, Edward, por favor.”

Os olhos da pobre e pequena Maggie encheram-se de lágrimas, e então ela nunca mais falou com Edward, nem com ninguém, sobre seu falecido pai.

Conforme ela foi crescendo, sua vida foi se tornando cada vez mais ativamente ocupada. O chalé, as pequenas dependências, o jardim e o campo eram deles, e dependiam muito da produção para o seu sustento. A vaca, o porco e as aves tomavam muito o tempo de Nancy. A Sra. Browne e Maggie tinham de fazer grande parte das tarefas de casa; e quando as camas estavam arrumadas, os quartos varridos e espanados, e os preparativos para o jantar estavam concluídos, aí então, se houvesse algum tempo, Maggie podia se sentar para suas lições. Ned, que tinha um orgulho considerável de seu sexo, ficava sentando a manhã toda na poltrona de seu pai na pequena sala dos livros, “estudando”, como ele preferia dizer. Às vezes Maggie colocava sua cabeça pra dentro com um pedido para que ele a ajudasse a carregar o jarro grande de água para o andar de cima, ou para que ele fizesse algum outro serviço de casa; ocasionalmente, ele atendia tal pedido, mas o fazia com tantas reclamações a respeito da interrupção, que ela finalmente lhe disse um dia que jamais pediria de novo. Apesar da gentileza com que foram ditas, ele recebeu aquelas palavras como uma repreensão, e tentou encontrar alguma desculpa.

“Entenda, Maggie, um homem precisa ser letrado para ser um cavalheiro. Agora, se uma mulher sabe como manter uma casa, é tudo o que se espera dela. Portanto, o meu tempo é mais precioso que o seu. A mamãe disse que eu vou para a faculdade e que vou ser clérigo, então preciso voltar para o meu latim.”

Maggie aceitou em silêncio, e sentiu como um ato de condescendência benevolente quando, uma manhã ou duas depois, ele veio encontrá-la enquanto voltava exausta do poço, carregando o grande jarro marrom cheio de água da nascente para o jantar. “Aqui”, disse ele, “vamos colocá-lo na sombra atrás do cavalo. Ah, Maggie! Olha o que você fez! Derrubou tudo porque não virou rápido o suficiente no momento em que falei. Agora pode ir buscar de novo e sozinha, pois não tenho nada a ver com isso”.

“Não entendi o que você disse a tempo”, disse ela, suavemente. Mas ele já havia se afastado e ido embora para casa com sua dignidade ofendida. Maggie não tinha outra opção a não ser voltar para o poço e encher o jarro novamente. A nascente ficava razoavelmente longe, em um pequeno vale rochoso, isolado e fresco. Depois de sua caminhada calorosa, sentou-se na sombra da rocha cinza de calcário e olhou para as samambaias úmidas com a água que pingava. Sentiu-se triste e não sabia o porquê. “Acho que o Ned às vezes é muito bravo”, pensou ela. “Eu não entendi que ele estava carregando o jarro para lá. Talvez eu seja desajeitada. A mamãe fala que eu sou, e o Ned diz que eu sou. Nancy nunca disse isso, e o papai também nunca disse isso. Eu queria parar de ser atrapalhada e idiota. O Ned diz que todas as mulheres são assim. Eu gostaria de não ser uma mulher. Deve ser bom ser homem – Oh, céus! Eu tenho que subir o campo de novo com este jarro pesado e os meus braços estão doendo tanto!”. Ela então se levantou e subiu a íngreme encosta.

Quando voltava, ouviu a voz de sua mãe:

“Maggie! Maggie! Não tem água para o jantar e as batatas já cozinham bastante. Onde está aquela criança?”

Eles tinham começado o jantar antes mesmo de ela descer após escovar o cabelo e lavar as mãos. Ela estava com pressa e exausta.

“Mãe”, disse Ned, “posso colocar um pouco de manteiga nestas batatas, já que temos carne fria? Elas estão muito secas.”

“Certamente, meu bem. Maggie, vá buscar um bocadinho de manteiga na leiteria.”

Maggie deixou o seu jantar intocado sem dizer uma só palavra.

“Aqui! Pare, criança!”, disse Nancy, virando-a de volta no corredor. “Volte para o seu jantar, eu busco a manteiga. Você já andou para cá e para lá mais que o suficiente.”

Maggie não ousou voltar sem ela, mas ficou em pé no corredor até que Nancy retornasse. E então ela ergueu sua boca para ser beijada pela velha criada simples e gentil.

“Tu és um doce”, disse Nancy para ela, enquanto se virava para a cozinha. E Maggie voltou para o seu jantar com um coração confortado e aliviado.

Quando terminou sua refeição, ajudou sua mãe a lavar os antiquados copos e colheres, que eram tratados com cuidadosa ternura e primorosa limpeza naquela casa de simplicidade asseada; e então, trocando sua salopete³ por um avental de seda preto, a moçinha sentou-se, como de costume, para trabalhar em alguma peça útil de bordado com sua mãe reforçando os pontos com muita graça e capricho. Cada hora em sua rotina trazia uma tarefa a ser cumprida, mas tarefas cumpridas são como deleites para a memória. A pequena Maggie sempre pensava no começo de sua infância como a época mais feliz, e lembrava-se de como o tempo era preenchido apenas por contentamento despreocupado...

3

- Peça de roupa sem mangas, semelhante a um avental, mais usado para evitar sujar a parte de superior da vestimenta.

No entanto, na época eles tinham suas preocupações.

Nos belos dias de verão, Maggie sentava-se ao ar livre para trabalhar. Logo depois do pátio ficava o rochoso campo coberto de urze, quase tão vistoso quanto aquele local em que ela estava – repleto de flores. Se o pátio tinha sua fartura de avelãs e fraxinelas, suas rosas-amarelas e seus lírios grandes e altos, o campo coberto de urze tinha sua pequena rosa rasteira perfumada, sua madressilva solitária e uma abundância de cistos amarelos; e aqui e ali uma rocha cinza surgia do chão, e sobre ela o saião-acre amarelo e o gerânio de folhas escarlates cresciam exuberantemente. Tal rocha era o banco de Maggie. Creio que a considerava sua, e, por isso, a adorava – mesmo sendo o verdadeiro dono um grande senhor que vivia distante dali e que jamais havia visto em sua vida o urzal e, menos ainda, aquele pedaço de pedra cinza.

Durante a tarde do dia sobre o qual comecei a contar, lá estava ela sentada e cantando para si mesma enquanto trabalhava. Ela estava próxima de casa e podia ouvir todos os sons vindos dali, com sua agudeza suavizada. Entre ela e a casa, Edward estava

brincando; ele frequentemente solicitava sua atenção, e ela prontamente o ouvia.

“Eu me pergunto como é que os homens deixam suas paqu岸es⁴ estáveis. Levei a minha ao tanque e ela tombou todas as vezes em que a coloquei na água.”

⁴

- Barco pequeno.

“Tombou? Isso é um *aborrecimento*! Tombaria se colocasse dentro dele algum peso pequeno para mantê-lo na posição?”

“Quantas vezes eu tenho que dizer para *you* chamar uma paqu岸e de ‘*ela*’? Você continua dizendo *ele, ele!*”

Depois da correção de sua irmã, o senhor Edward não quis condescender e aceitar que a sugestão dela era boa. Então ele foi silenciosamente para casa em busca do lastro necessário; não conseguindo, porém, encontrar nada apropriado, voltou para o seu *morro gramado*, repleto de lascas de madeira por todos os lados. Tentou colocar alguns seixos dentro de seu barco, mas afundaram rapidamente. Assim, ele foi obrigado a perguntar novamente:

“Supondo que fosse uma boa ideia torná-la mais pesada, o que eu poderia colocar dentro dela?”

Maggie pensou por um momento.

“Será que chumbinho funcionaria?”, perguntou ela.

“Seria a coisa exata. Mas onde eu conseguiria encontrar algum?”

“Tem um pouco que sobrou do papai. Está no canto direito da segunda gaveta da cômoda, embrulhado num jornal.”

“Que diabos! Não consigo me lembrar das suas ‘segundas’, e ‘direitas’, e bobagens.” Ele continuou a trabalhar com seus seixos. Eles dificilmente funcionariam.

“Eu acho que se você fosse bondosa, Maggie, você poderia ir por mim.”

“Oh, Ned! Eu tenho toda essa longa costura para fazer. A mamãe disse que tenho que terminar antes do chá, e disse que eu poderia brincar um pouco se eu terminasse a tempo”, disse Maggie

muito queixosa, já que era um verdadeiro sofrimento para ela recusar um pedido.

“Não lhe tomaria cinco minutos.”

Maggie pensou um pouco. O tempo seria descontado apenas de sua brincadeira, que, afinal, não importava, e Edward estava realmente ocupado com seu navio. Ela então se levantou e escalou o íngreme morro coberto de grama escorregadiço com o calor.

Antes de encontrar o pacote com chumbinho, ela ouviu a voz de sua mãe chamando com um tipo de ruído apressado e silencioso, como se estivesse ansiosa para ser ouvida por uma pessoa, mas não por outra.

“Edward, Edward, venha para casa rápido. O Sr. Buxton está vindo pela Fell-Lane. Ele está vindo para cá, tão certo como seis pences. Venha, Edward, venha.”

Maggie viu Edward largar seu navio e entrar, com certeza seguindo as ordens de sua mãe; mas ele fez questão de fazer isso o menos aparente possível, passeando pelo declive, com suas mãos nos bolsos, num estilo muito independente e desalinhado. Maggie não teve mais tempo de observar, pois agora ela também era chamada. E, assim, ela correu escada abaixo.

“Aqui, Maggie”, disse sua mãe, com uma pressa inquietante, “ajude Nancy a deixar uma bandeja totalmente pronta em um minuto. Eu realmente acho que o Sr. Buxton está vindo para cá. Oh, Edward! Vá escovar seus cabelos e vista sua jaqueta de domingo; o Sr. Buxton está chegando. Eu só vou subir rapidinho e trocar a minha touca. E você diga que virá aqui em cima para me chamar, Nancy; tudo decentemente, você sabe.”

“Certamente, senhora. Eu morei com famílias antes”, disse Nancy, asperamente.

“Oh, sim, eu sei que você morou. Certifique-se de trazer para dentro o vinho de primula silvestre. Eu gostaria de poder ficar para decantar um pouco de vinho do porto.”

Nancy e Maggie apressaram-se para dentro e para fora da cozinha e da leiteria – estavam tão mergulhadas em seus preparativos para a recepção do Sr. Buxton, que nem se deram conta justamente da presença do próprio cavalheiro na cena. Ele

tinha encontrado a porta da frente aberta, conforme é de costume no interior, e tinha entrado. Primeiro, parando na sala de estar vazia, e então se dirigindo para o lugar onde vozes e sons anunciavam que existiam habitantes. E então ele ficou lá, inclinando-se um pouco sob os lintéis baixos da porta da cozinha, e parecendo grande, e corado, e quente, mas com uma expressão contente e quase divertida no rosto.

“Valha-me Deus! Que susto o senhor me deu!”, disse Nancy, quando ela repentinamente o avistou. “Vou dizer à minha patroa, em um minuto, que o senhor está aqui.”

E lá se foi ela, deixando Maggie sozinha com o grande, alto, largo cavalheiro, que sorria para ela emoldurado pela porta de entrada, mas sem falar uma única palavra. Ela continuou a espanar uma taça de vinho incansavelmente.

“Muito bem, pequenina”, surgiu finalmente uma voz forte e distinta. “Agora venha e mostre-me a sala de estar, onde eu possa me sentar, pois tive uma longa caminhada e estou muito cansado.”

Maggie levou-o para a sala de estar, que era sempre fresca e arejada mesmo nos climas mais quentes. Estava perfumada por conta de um grande vaso ornamental cheio de rosas; e, além disso, o caixilho estava aberto para o pátio, que era tão perfumado quanto à sala. O Sr. Buxton era tão grande, e a sala de estar tão pequena, que uma vez lá dentro, Maggie pensou que, quando ele saísse, poderia carregar o cômodo em suas costas, como um caramujo faz com sua casa.

“E então, você é uma mocinha notável, não?”, disse ele depois de esticar o corpo (procedimento muito desnecessário), e desabotoar seu colete. Maggie ficou próxima à porta sem saber se ia ou se ficava. “Como ficou tão brilhante e limpa aquela taça! Você acha que poderia trazer um pouco de água para eu colocar nela? Mas, preste atenção, eu quero que seja exatamente aquele copo que a vi lustrando. Irei reconhecê-lo.”

Maggie estava grata por escapar da sala; e na passagem ela encontrou sua mãe, que tinha conseguido tempo para trocar tanto seu vestido quanto sua touca. Antes que Nancy permitisse que a garotinha retornasse com o copo de água, a criada ajeitou seu

cabelo curto e brilhante; era tudo o que era preciso para fazê-la parecer delicadamente arrumada. Maggie foi cuidadosa ao procurar o copo correspondente, mas temo que Nancy não tenha sido tão honesta ao afirmar que um dos seis, completamente similares, que estavam agora colocados na bandeja, fosse o mesmo que ela tinha encontrado no armário da cozinha quando voltou depois de avisar sua senhora sobre a chegada do Sr. Buxton.

Maggie levou a água com um orgulho tímido da limpeza do copo. Sua mãe estava sentada na beirada da cadeira, falando em uma linguagem fina pouco usual e com uma voz mais aguda que a de costume. Edward, em toda sua glória de domingo, estava em pé ao lado do Sr. Buxton, parecendo feliz e atento. Mas, quando Maggie voltou, o Sr. Buxton deu espaço para ela entre Edward e ele, e, enquanto ela seguia falando, levantou-a e colocou-a sobre seu joelho. Ela ali se sentou como se fosse o pináculo da glória; mas como não ousou conchegar-se a ele, uma cadeira teria sido um acento mais confortável.

“Como minha família é fundadora, tenho o direito de indicar um aluno, e como é pelo bem de um velho amigo querido”, (nesse momento, a Sra. Browne enxugava seus olhos), “ficarei muito contente em poder ajudar. Meu jovem amigo passará por uma pequena forma de avaliação; e então o veremos carregando todos os prêmios diante dele, não tenho dúvidas. Obrigado, somente um pouco de seu vinho espumante de primula silvestre. Ah! Este biscoito de gengibre é como aquele que comia quando era menino. A minha mocinha aqui precisa aprender a receita para fazer um pouco para mim. Ela aprenderá?”

“Fale com o Sr. Buxton, criança! Ele está sendo gentil com o seu irmão. Você fará para ele alguns biscoitos de gengibre, tenho certeza.”

“Se eu puder”, disse Maggie, suspendendo sua cabeça.

“Ou você poderia ir até a minha casa para ensinar a minha família lá mesmo como fazer tais biscoitos; e então, você sabe, nós poderíamos fazer biscoitos de gengibre sempre que não os estivéssemos comendo. Seria ainda melhor, acredito. Pedirei à mamãe que a leve a Combehurst para que todos nós nos

conheçamos? Eu tenho um rapazinho e uma menininha em casa que gostarão de vê-la, tenho certeza. E nós temos um pônei para você montar, um pavão, galinhas d'angola e não sei mais o quê. Vamos lá, senhorita, deixe-me persuadi-la. A escola começa em três semanas. Vamos marcar um dia antes disso."

"Vai mamãe", disse Edward.

"Eu não estou com ânimo para visitas", a Sra. Browne respondeu. Mas as crianças espertas detectaram uma hesitação na maneira com que ela disse as palavras frequentemente repetidas, e tiveram esperanças de que o Sr. Buxton ao menos persistiria em seu convite.

"A sua opção por não visitar os conhecidos é justamente a razão da sua falta de ânimo. Uma mudança sutil e alguns rostos amistosos lhe fariam bem, sem dúvida. Além do mais, pelo bem das crianças, a senhora não deveria viver uma vida tão reclusa. Os jovens deveriam ver um pouco do mundo."

A Sra. Browne ficou muito grata ao Sr. Buxton por ter dado a ela uma desculpa tão apropriada para seguir sua inclinação, que, temos que reconhecer, tendia à aceitação do convite. Então, "para o bem das crianças", ela consentiu, mas suspirou como se fizesse um sacrifício.

"Está certo", disse o Sr. Buxton. "E então, o dia."

Ficou decidido que eles fossem naquela semana; e depois de conversarem um pouco mais sobre a escola em que Edward seria colocado, depois de mais algumas brincadeiras a respeito da notabilidade de Maggie, e depois de perguntar se ela aceitaria ir morar com ele na próxima vez em que precisasse de uma arrumadeira, o Sr. Buxton finalmente se despediu.

Sua visita fora um evento; e eles não fizeram nenhum esforço para que retomassem naquele dia seus afazeres habituais. Antes de qualquer coisa, Nancy entrou para ouvir e discutir todos os planos propostos. Ned, que não estava certo se gostava ou não da expectativa da escola, estava bastante ofendido pela observação da velha criada ao ouvir pela primeira vez sobre o intento.

"Já está mesmo na hora. Lá, ele aprenderá o seu lugar – lugar que, surpreendentemente, ele e outros também estão inclinados a

esquecer em casa.”

Depois das discussões e arranjos a respeito de suas roupas, seguiram para o planejamento do dia que passariam na residência do Sr. Buxton, evento que a Sra. Browne ficava bastante envergonhada em mencionar, sentindo certa inconstância e certa culpa ligada à ideia de que se misturaria com o mundo novamente. No entanto, Nancy aprovava: “Era muito correto”, e “exatamente como deveria ser”, e “bom para as crianças.”

“Sim; foi por causa delas que aceitei, Nancy”, disse a Sra. Browne.

“Quantos filhos tem o Sr. Buxton?”, perguntou Edward.

“Apenas um. Frank, eu acho que é assim que o chamam. Mas você deve dizer Sr. Buxton – não se esqueça.”

“Quem é, então”, perguntou Maggie, “a menina que se senta com eles na igreja?”

“Oh! Aquela é a pequena senhorita Harvey, sobrinha dele e um grande tesouro.”

“Dizem que ele só perdoou a mãe dela no dia em que morreu”, ressaltou Nancy.

“Então eles contam histórias, Nancy!”, retrucou a Sra. Browne (havia sido ela mesma quem tinha dito aquilo; mas antes do convite do Sr. Buxton). Pensais que a irmã teria feito dele o guardião de sua filha se não estivessem em boas relações?”

“Bem! Eu sei apenas o que o povo diz. E, com certeza, ele tinha um rancor pelo Sr. Harvey por razão nenhuma no mundo, e todos sabem que o Sr. Buxton jamais conversou com ele.”

“Ele fala muito gentilmente e de forma agradável”, interferiu Maggie.

“Ah! Não estou dizendo que ele não é um homem muito gentil, muito bom no essencial. Mas de vez em quando ele tem lá os seus caprichos, e, sempre que os tem, os mantém firme. Tem torta queimando, e eu aqui falando!”

Quando Nancy voltou para sua cozinha, a Sra. Browne pediu que Maggie subisse para examinar quais roupas seriam necessárias para Edward. E, quando terminaram, ela experimentou o vestido preto de cetim que tinha sido seu vestido de visita desde que se casou;

pretendia usá-lo no dia de sua visita a Combehurst, no lugar daquele de bombazina⁵ já velho e gasto.

⁵

- Tecido canelado de algodão que imita o veludo.

“Oh! A Sra. Buxton é uma dama por natureza”, disse ela; “e quero estar bem vestida para honrá-la.”

“Eu não sabia que existia uma Sra. Buxton”, disse Maggie. “Ela nunca está na igreja.”

“Não. Existe, mas é delicada e sem forças, e nunca sai de casa. Acho que a empregada dela me disse que ela nunca sai de seu quarto.”

A família Buxton e cada um de seus membros tornaram-se o centro das conversas entre a Sra. Browne e seus filhos durante a semana seguinte. Conforme o dia ia se aproximando, Maggie quase desejava ficar em casa de tão impressionada que estava com o pavor da visita. Edward sentiu-se corajoso com a ideia das novas peças de roupa que haviam sido encomendadas para a ocasião e para a escola em seguida. A Sra. Browne lembrava-se de ter ouvido o pároco dizer que “uma mulher jamais se parece mais com uma dama do que quando se veste com cetim preto”, e mantinha-se animada com aquela observação; mas, quando viu como o vestido ficou nos cotovelos, sentiu-se bastante deprimida e inadequada para uma visita. Mesmo assim, pelo bem de seus filhos, ela faria o esforço.

Após concluir o trabalho de um longo dia, Nancy sentou-se para costurar. Ela havia descoberto que, dentre todos os preparativos, nada estava sendo feito para Margaret; e havia usado sua influência sobre sua patroa (ela meio que gostava dela e meio que a temia, mas dependia completamente dela), para obter um vestido velho que havia encontrado aos pedaços, e que havia lavado e esfregado, e agora estava refazendo, de uma forma um pouco antiquada com certeza; mas no todo ele parecia tão bom quando terminado e vestido, que a Sra. Browne deu a Maggie um rigoroso sermão sobre como tomar extremo cuidado com um

vestido tão lindo, e esqueceu que tinha considerado a roupa da qual ele havia sido feito algo desgastado e estragado.

CAPÍTULO II

Depois de muito tempo estavam vestidos, e Nancy estava em pé nos degraus do pátio, fazendo sombra a seus olhos e tomando conta deles enquanto subiam o morro repleto de urzes que ia dar em Combehurst.

“Eu gostaria que ela pegasse na mão da menina vez ou outra, só para que ela soubesse como é a mão da mãe. Talvez ela pegue, pelo menos depois que o Sr. Edward for para a escola.”

Enquanto seguiam adiante, a Sra. Browne passava para as crianças algumas regras, algumas maneiras respeitosas e etiqueta.

“Maggie! Você precisa se sentar mais ereta do que nunca; deixe as suas costas retas, criança, e não se remexa. Se eu tossir, é porque você precisa se esticar. Eu vou tossir sempre que eu vir você fazendo alguma coisa errada, e vou estar de olho em você o dia inteiro; então não se esqueça. Você, Edward, mantenha-se muito bem. Se o Sr. Buxton oferecer, você pode tomar uma taça de vinho, afinal de contas, você é um menino. Mas preste atenção e diga ‘à sua saúde, senhor’ antes de bebê-lo.”

“Prefiro não beber o vinho se for para dizer isso”, disse Edward, abruptamente.

“Ah, tolice! Meu bem, você vai gostar de agir como um cavalheiro – tenho certeza.”

Edward resmungou alguma coisa inaudível, mas sua mãe prosseguiu:

“Obviamente vocês nunca devem esperar ser servidos mais do que duas vezes. Duas porções de carne, duas de pudim – é o que há de polido. Vocês podem pegar menos, mas nunca mais.”

“Ah, mamãe! Como está bonita a torre de Combehurst com aquela nuvem escura atrás dela!”, exclamou Maggie ao alcançarem a vista da cidade.

“Você não tem nada que se meter com o pináculo de Combehurst quando eu estiver falando. Estou perdendo o fôlego de tanto falar para lhes ensinar como devem se comportar e lá vai

“você procurando por nuvens e outras bobagens. Eu tenho vergonha de você.”

Apesar de Maggie caminhar em silêncio ao lado de sua mãe por todo o resto do caminho, a Sra. Browne estava muito ofendida para resumir suas instruções sobre boa educação. Se quisesse, Maggie poderia ser servida três vezes – sua mãe estava cansada dela.

Eles estavam bem adiantados. Quando eles se aproximaram da ponte, foram encontrados por um menino alto e de boa aparência, que guiava um belo pônei Shetland com uma sela lateral sobre ele. Aproximando-se, dirigiu-se a Sra. Browne:

“Meu pai imaginou que sua filha estaria cansada e por isso pediu que eu trouxesse o pônei de minha prima Erminia para ela. Ele é mais tranquilo do que podem imaginar.”

Isso agora era provocativo demais para a Sra. Browne, já que havia decidido atirar Maggie ao descrédito. No entanto, não havia remédio para aquilo – tudo o que poderia fazer era estragar ao máximo o divertimento dela, olhando e falando de um jeito frio, algo que normalmente deprimia o coraçãozinho de Maggie. E de fato ela conseguiu tirar todo o prazer daquele momento. Fora em vão que Frank Buxton fizera o pônei trotar e cavalgar a meio-galope; ainda assim ela parecia triste e séria.

“Coisinha melancólica!”, ele pensou, mas era extremamente gentil e atencioso, como qualquer menino bem-educado deveria ser.

Finalmente chegaram à casa do Sr. Buxton. Ela ficava na rua principal e a porta da frente abria sobre ela um lance de degraus. Largamente para os lados, estendiam-se as janelas revestidas com pedras. Era na verdade uma mansão, e não era necessário o contraste das casas vizinhas para fazê-la parecer imponente. Ao entrarem, chegaram a um grande salão, fresco mesmo naquele escaldante dia de julho. Havia ali um emblema preto e branco no chão, canapés velhos ao redor das paredes e grandes vasos de curiosa porcelana preenchidos com *pot-pourri*.¹ O ambiente escuro era agradável depois da luz ofuscante lá de fora, e a luz e a alegria necessárias eram fornecidas pela espreita dela no jardim, emoldurado pela grande entrada que dava para ele. Havia rosas,

ervilha-de-cheiro e papoulas – uma rica abundância de cores que combinava com o frescor um tanto escuro do saguão.

1

- Termo francês que faz referência a uma mistura de pétalas de flores secas e especiarias utilizadas para perfumar o ar.

Toda a casa falava sobre a riqueza que tinha sido acumulado por gerações e que era mostrada de uma forma confortável, grandiosa e sem ostentação. Os ancestrais do Sr. Buxton haviam sido pequenos proprietários rurais; mas, há duas ou três gerações, é possível que com ambição tenham tomado seu lugar como pequena nobreza, já que havia aumentado muito o valor da propriedade deles e havia sido bastante considerável a quantia de suas economias. Eles, no entanto, continuaram a viver na velha fazenda até o momento em que o avô do Sr. Buxton construiu em Combehurst a casa sobre a qual falo. Mas ele sentiu-se bastante envergonhado pelo que havia feito, pois era como se estivesse dando um passo fora de seu lugar. Ele e sua esposa sempre se sentavam na cozinha; e foi apenas depois do casamento de seu filho que os cômodos de entretenimento foram mobiliados. Mesmo assim, eles foram guardados com postigos fechados e com a mobília ensacada durante toda a vida do velho casal, que, todavia, adquiriu certo orgulho em adicionar ornamentos elegantes e nobres porcelanas antigas aos apartamentos. Porém eles morreram e foram colocados juntos com seus pais.

Os jovens Sr. e Sra. Buxton (com respectivamente cinquenta e um e quarenta e cinco anos de idade) reinaram em seu lugar. Eles tiveram o bom gosto de não fazer mudança repentina, mas gradualmente os cômodos foram assumindo uma aparência habitada; e seus filhos, um menino e uma menina, cresceram desfrutando de grande riqueza e de altos níveis de refinamento. Mas ainda assim evitaram, de maneira bastante modesta, igualar-se de alguma maneira às pessoas do condado. Lawrence Buxton foi mandado para a mesma escola em que seu pai havia estudado; e a ideia de ir para a faculdade para completar sua educação foi, depois de certa ponderação, desaprovada. Com o decorrer do tempo ele

sucedeu seu pai, e casou-se com uma moça doce e gentil de uma família decadente e muito pobre do condado, moça com quem ele teria um filho e que entraria em um quadro de saúde bastante delicado. A irmã dele havia se casado com um homem cujo caráter era pior que sua sorte, e havia se tornado viúva. Todos consideravam a morte de seu marido uma benção; porém ela o amava, apesar da negligência e de muitas outras falhas mais grosseiras; e então, não muitos anos depois, ela morreu, deixando sua filhinha aos cuidados de seu irmão, com uma súplica em voz evanescente de que ele jamais diria uma palavra contra o falecido pai de sua filha. Então a pequena Erminia foi levada para casa por seu tio arrependido, que sentia agora o quão duro havia agido com sua irmã ao interromper qualquer comunicação com ela durante seu malfadado casamento.

“Onde está Erminia, Frank?”, perguntou seu pai, falando por sobre o ombro de Maggie, enquanto ainda segurava sua mão. “Eu quero levar a Sra. Browne até sua mãe. Eu disse para Erminia estar aqui para dar as boas-vindas a esta garotinha.”

“Vou levá-la até o lugar em que Minnie está. Acho que ela está no jardim. Volto em breve”, disse ele, acenando com a cabeça para Edward. “Vamos direto, e depois seguimos até os coelhos.”

Então Frank e Maggie deixaram o grande cômodo imponente, cheio de raras coisas estranhas e rico em livros, e foram para o jardim ensolarado e perfumado, que se espalhava por detrás da casa. Descendo um dos caminhos com cerca viva de rosas de cada lado, vinha uma fadinha leve, com longos cachos louros e uma tez similar a uma rosa de porcelana. Com o azul intenso do céu de verão como fundo, Maggie imaginou que ela parecia um anjo. A menina nem se apressou nem diminuiu a velocidade de seu passo quando os viu, continuou vindo com o mesmo passo delicado de saltinhos suaves.

“Rápido, Minnie”, gritou Frank.

Mas Minnie parou para pegar uma rosa.

“Não precisa ficar comigo”, disse Maggie, suavemente, apesar de ter segurado a mão dele como a de um amigo e de não ter interpretado os modos da pequena fada como particularmente

cordiais ou graciosos. Frank aceitou suas palavras e saiu correndo até Edward.

Erminia veio um pouco mais rápido quando viu que Maggie havia sido deixada sozinha; mas algum tempo depois de estarem juntas, elas não tinham nada a dizer uma a outra. Erminia era facilmente impressionada pelas pompas e vaidades do mundo, e o belo vestido novo de Maggie parecia para ela feito de seda marrom velha e passada a ferro. Apesar da voz de Maggie ser suave, com um prateado som de campainha, ela pronunciava suas palavras com o jeito grosseiro e caipira de Nancy. Seu cabelo era curto de todos os lados; e seus sapatos eram grossos e faziam barulho quando ela andava. Erminia favoreceu a visitante, e considerou sua atitude muito gentil e condescendente; mas elas não eram particularmente amigáveis. A visita prometia ser mais honorável do que agradável, e Maggie quase desejava estar em casa novamente. A hora do almoço chegou. A Sra. Buxton almoçou em seu próprio cômodo. O Sr. Buxton era amável, jovial e premente; ele quase repreendeu Maggie porque ela não queria pegar mais do que duas porções do pudim favorito dele; ela lembrou-se do que sua mãe havia dito, e sabia que seria observada durante todo o dia; isso deu a ela um ar um tanto quanto empertigado e esquisito, muito diferente de sua usual espontaneidade suave e encantadora. Ela ficou aliviada quando percebeu que Edward e o Sr. Buxton estavam tão desconfortáveis um com o outro quanto ela e a senhorita Harvey. Tal sentimento por parte dos meninos talvez tenha feito as quatro crianças unirem-se após a refeição.

“Vamos para o balanço nos arbustos”, disse Frank depois de uma pequena consideração; e para lá eles correram. Frank propôs que ele e Edward balançassem as duas meninas, e por um momento tudo correu muito bem. Mas depois de um tempo Edward achou que Maggie havia aproveitado o bastante, e pensou que gostaria de ter sua vez; e Maggie, na primeira palavra dele, saiu.

“Você não gosta de balançar?”, perguntou Erminia.

“Sim! Mas Edward gostaria de ir agora.” E o menino, de acordo, tomou seu lugar. Frank virou-se, pois não iria balançá-lo. Maggie então fez um grande esforço para conseguir balançar seu irmão,

mas ele era pesado e, por isso, o balanço inclinou desigualmente. Ele repreendeu-a por aquilo que ela não podia evitar e saltou tão rudemente, que o acento atingiu o rosto de Maggie, derrubando-a. Quando se levantou, seus lábios latejavam de dor, mas não chorou; ela apenas olhou apressadamente para seu vestido. Havia um grande rasgo cruzando a extensão da frente. Aí sim ela derrubou lágrimas – mas lágrimas de medo. O que sua mãe diria?

Erminia viu-a chorar.

“Você está machucada?”, perguntou ela, gentilmente. “Oh, como o seu rosto está inchado! Que menino ranzinza e rude é o seu irmão!”

“Eu não sabia que ele ia saltar. Não estou chorando porque estou machucada, mas por causa deste grande rasgo no meu lindo vestido novo. Mamãe vai ficar tão desgostosa.”

“É um vestido novo?”, perguntou Erminia.

“É novo para mim. Nancy ficou acordada várias noites para fazê-lo. Oh! O que vou fazer?”

O coraçãozinho de Erminia derreteu-se com tamanha pobreza. Seu melhor vestido era feito de seda velha e esfarrapada! Ela colocou os seus braços ao redor do pescoço de Maggie e disse:

“Venha comigo. Vamos para o quarto de troca da minha tia – Dawson trará para nós um pouco de seda para que eu possa ajudá-la com o remendo.”

“Essa Minnie é uma garota muito gentil”, disse Frank. Ned, emburrado, havia se afastado. Não acredito que os meninos tenham sido cordiais um com o outro novamente naquele dia, pois como Frank disse a sua mãe, “Ned poderia ter pedido desculpas, mas ele é um completo tirano com aquele ratinho marrom que é sua irmã.”

Erminia e Maggie seguiram com seus braços ao redor do pescoço uma da outra para o quarto de troca da Sra. Buxton – o infortúnio havia feito delas amigas. A Sra. Buxton estava no sofá, parecia tão suave e sem cor, com seu roupão de musselina, que quando a viu pela primeira vez deitada com seus olhos fechados, o coração de Maggie levou um susto; pensou que estava morta. Mas

ela abriu seus grandes olhos lânguidos e chamou-as até lá, ouvindo a história das duas meninas com interesse.

“Dawson está tomando seu chá. Olhe na minha caixa de costura, Minnie; há um pouco de seda lá. Tire o seu vestido, meu bem, e traga-o aqui e deixe-me ver como ele pode ser remendado.”

“Tia Buxton”, suspirou Erminia, “deixe-me dar a ela um dos meus vestidos. Este é muito velho.”

“Não, meu amor. Mais tarde vou lhe dizer o motivo”, respondeu a Sra. Buxton.

Ela olhou o rasgo e ajeitou-o para que as pequeninas pudessem remendá-lo – Erminia ajudou Maggie com muita boa vontade. Enquanto as duas estavam sentadas no chão, a Sra. Buxton admirou-se com o belo contraste que faziam: Erminia, deslumbrantemente bela com seus cachos dourados e seu vestido azul celeste; Maggie, com seus pequenos ombros brancos e arredondados que escapavam de seu saiote; com seus cabelos castanhos que eram tão brilhantes e macios quanto às castanhas às quais se assemelhavam em cor; e com seus longos cílios negros que pendiam por sobre sua bochecha clara e macia – pele que teria dado a ideia de fragilidade se seus lábios rubros não refletissem perfeita saúde; e quando ela olhou para cima, mostrou grandes e puros olhos de cor cinza escuro. O vermelho intenso da cortina de fundo destacava bem as duas pequenas figuras.

Dawson chegou. Ela era uma pessoa séria e já de idade e de quem Erminia tinha muito mais medo do que tinha de sua tia; mas, atendendo ao desejo da Sra. Buxton, ela terminou de remendar o vestido para Maggie.

“O Sr. Buxton chamou algumas das velhas amigas de sua mãe para um chá, já que não tenho condições de descer. Mas eu acho, Dawson, que devo convencer estas duas garotinhas a tomarem chá comigo. Vocês conseguem ficar bem quietinhas, minhas queridas, ou acharão isso tedioso?”

Elas aceitaram o convite com satisfação; Erminia fez todos os tipos de promessas fantásticas com relação ao silêncio e começou a andar na ponta dos pés de um jeito tão trabalhoso, que a Sra. Buxton pediu para que ela por fim não tentasse mais aquilo e que

ficasse quieta, já que ela fazia muito menos barulho quando não tentava. Aquela foi a parte mais feliz do dia para Maggie. Algo nela estava em tamanha harmonia com a gentileza doce e resignada da Sra. Buxton, que respondia como um eco; e as duas entendiam uma a outra estranhamente bem. Elas pareciam velhas amigas; Maggie, que ficava excluída em casa porque ninguém se importava em ouvir o que ela tinha a dizer, abriu-se e contou para Erminia e para a Sra. Buxton tudo sobre a sua forma de passar o dia, e descreveu sua casa.

“Que estranho!”, disse Erminia. “Eu já cavaleguei por aquele caminho na Abdel-Kadr, e nunca vi sua casa.”

“É como o lugar em que a Bela Adormecida morava; as pessoas às vezes parecem passar e passar pelos arredores, mas jamais a encontram. Se você não seguir um pequeno rastro de ovelhas que parece terminar em um pedaço cinza de pedra, você pode chegar à distância de um arremesso de pedra das chaminés e jamais a verá. Você iria achar nossa cabana muito linda, imagino. Você nunca segue por aquele caminho, senhora?”

“Não, meu amor”, respondeu a Sra. Buxton.

“Mas você vai algum dia?”

“Eu temo que eu nunca mais possa sair outra vez”, disse a Sra. Buxton numa voz que, apesar de baixa, era muito alegre. Maggie pensou no quão triste aquele lugar provavelmente havia sido antes dela; e, depois de um tempo, pegou um banquinho e sentou-se ao lado do sofá da Sra. Buxton, roubando a mão dela nas suas.

A Sra. Browne estava cheia de orgulho e felicidade no andar abaixo. O Sr. Buxton tinha uma porção de piadas, que, se não fosse por sua suavidade e sua bondade joviais, teriam se tornado tolas por serem repetidas (já que ele reformulava piadas engraçadas, porém já conhecidas por todos). Ele gostava de fazer as pessoas felizes e, desde que existisse expressão corporal, ele percebia rapidamente o que era desejado. Sentava-se como um rei (pois, com exceção do pároco, não havia outro cavalheiro de mesma reputação em Combehurst) entre seis ou sete moças que sorriam alegremente de tudo o que ele falava e que evidentemente pensavam que a Sra. Browne havia sido altamente honrada por ter

sido convidada para o almoço e também para o chá. À noite, a carruagem foi chamada para levá-la o mais longe que uma carruagem pudesse levar; e houve um aperto de mãos meio misterioso entre seu anfitrião e ela quando saíram, o que a deixou muito ansiosa pelas luzes de casa sob as quais examinaria um pedaço de papel ruidoso que havia sido colocado em sua mão com algumas palavras balbuciadas a respeito de Edward.

Quando todos haviam saído, houve uma breve reunião no quarto de troca da Sra. Buxton. Marido, filho e sobrinha, todos vieram para dar a ela suas opiniões sobre o dia e os visitantes.

“A bondosa Sra. Browne está um tanto quanto cansada”, disse o Sr. Buxton bocejando, “por viver naquele buraco na charneca, suponho. No entanto, acho que ela gostou de seu dia; nós convidaremos sua família vez ou outra para o bem de Browne. Pobre Browne! Que bom homem ele era!”

“Definitivamente não gosto daquele menino”, disse Frank. “Peço para que o senhor não o convide novamente quando eu estiver em casa. Ele é tão egoísta e arrogante, e ainda é meio esnobe vez ou outra. Mãe! Eu sei o que você quer dizer com esse olhar. Bem! Mesmo que eu seja arrogante às vezes, não sou esnobe.”

“A pequena Maggie é muito encantadora”, disse Erminia. “Que pena ela não ter um vestido novo! Ela não foi admirável a respeito dele, Frank, quando o rasgou?”

“Sim, ela é uma coisinha bastante amável quando não tem o seu entusiasmo destruído por aquele irmão. Estou feliz que ele esteja indo à escola.”

Quando a Sra. Browne ouviu onde Maggie havia tomado seu chá, ficou ofendida. Ela só havia se sentado com a Sra. Buxton por uma hora antes do almoço. Se a Sra. Buxton podia suportar o barulho de crianças, ela não podia imaginar por que havia ficado trancada lá em cima naquele cômodo, dando-se tais ares. Supôs que a Sra. Buxton permitia-se tais caprichos, como não se sentar à cabeceira de sua mesa, ou não fazer chá para sua companhia de uma forma decente e civilizada, porque era a neta do Sr. Henry Biddulph. Pobre Sr. Buxton! Que vida triste para um homem jovial e alegre ter tal mulher! Era uma boa coisa para ele ter companhia

agradável vez ou outra. Ela achou que ele parecia um pouco melhor por ter visto seus amigos. Ele deve se sentir terrivelmente deprimido com aquela esposa doente.

(Se ela fosse clarividente naquele momento, poderia ter visto o Sr. Buxton tocando carinhosamente as mãos de sua esposa, e sentindo no fundo de sua alma um deslumbramento diante do fato de alguém tão santo poder ter aprendido a amar alguém tão grosseiro como ele. Essa era a esplêndida e misteriosa bênção de sua vida. Sabemos muito pouco a respeito das verdades internas de uma casa de família em que entramos e saímos como convidados íntimos!)

Maggie não podia suportar ouvi-los falar da Sra. Buxton como uma fina senhora simulando uma doença. Seu coração batia rápido enquanto falava: “Mamãe! Eu tenho certeza de que ela está realmente doente. Seus lábios estavam sempre tão pálidos e sua mão estava muito quente todo o tempo em que a segurei.”

“Você esteve segurando a mão da Sra. Buxton? Onde estavam seus modos? Você é uma criaturinha precoce, e sempre foi. Mas não finja saber mais que os mais velhos. Não adianta dizer que a Sra. Buxton está doente se sabemos que ela é capaz de suportar o barulho de crianças.”

“Eu acho que eles são um bando de pessoas arrogantes, e acho que Frank Buxton é o pior de todos”, disse Edward.

O coração de Maggie foi destruído ao ouvir o modo frio e descortês com que falavam sobre os amigos que haviam feito tanto para deixar o dia deles feliz. Ela jamais se havia aventurado no mundo, e não sabia o quão comum e universal é o costume de criticar tão severamente aqueles com quem acabamos de criar laços; e então isso magoou seus sentimentos. Ela estava um pouco deprimida também com a ideia de que poderia nunca mais ver a Sra. Buxton e a amável Erminia novamente; como não se falava sobre uma visita futura ou contato, ela imaginava que isso jamais aconteceria, e sentia-se como o homem das *Mil e Uma Noites* que vira rapidamente as pedras preciosas e as glórias deslumbrantes da caverna antes que esta fosse imediatamente fechada e escondida na aparência de rocha maciça e estéril. Maggie tentava se lembrar

da casa; o azul intenso, o vermelho sangue e as tapeçarias de tom castanho quente eram tão surpreendentes depois de comparadas com as chitas claras de sua própria; e o efeito de um conjunto de cômodos que dão um para o outro era algo bastante novo para a garotinha; os apartamentos pareciam derreter em uma distância indefinida, assim como os finais turvos dos corredores curvados na igreja. Porém, mais que tudo, ela tentava se lembrar do rosto da Sra. Buxton.

Nancy havia finalmente deixado de lado seu trabalho e vindo para cama com o intuito de confortar a pobre criança, que chorava ao pensar que a Sra. Buxton em breve morreria e que jamais a veria de novo. Nancy amava Maggie carinhosamente, e não teve ciúmes da calorosa admiração pela senhora desconhecida. Ela ouviu suas histórias e seus medos até que os soluços foram silenciados e a lua caiu através do caixilho sobre as brancas pálpebras fechadas daquela que ainda suspirava em seu sono.

CAPÍTULO III

Em três semanas, o dia da partida de Edward chegou. Um grande bolo e uma porção de biscoito de gengibre aliviaram suas tristezas por sair de casa.

“Não chore, Maggie!”, disse ele a ela na última manhã. “Você está vendo que eu não choro. O Natal em breve chegará, e ousou dizer que encontrarei tempo para escrever a você vez ou outra. Nancy colocou cidra no bolo?”

Maggie gostaria de poder acompanhar sua mãe até Combehurst para ver Edward sair com a carruagem, mas isso não ia acontecer. Ela foi com eles sem seu gorro até onde sua mãe permitiu; e sentou-se para assistir ao avanço deles por um longo, longo caminho. Assustou-se então com o som das patas de um cavalo que pisava suavemente sobre o extenso urzal. Era o cavalo de Frank Buxton.

“Meu pai imaginou que a Sra. Browne iria gostar de ver o Woodchester Herald. Edward partiu?”, perguntou ele ao notar seu rosto triste.

“Sim! Ele acabou de descer a colina até a carruagem. Arrisco dizer que você poderá vê-lo atravessando a ponte em breve. Eu queria tanto ter ido com ele”, respondeu, olhando melancolicamente na direção da cidade.

Frank sentiu muito por ela, deixada ali sozinha olhando fixamente para seu irmão, que, por mais estranho que parecesse, ela evidentemente lamentava a falta. Depois de um minuto de silêncio, ele disse:

“Você gostou de cavalgar outro dia. Gostaria de cavalgar agora? Rhoda é muito gentil, se você conseguir se sentar na minha sela... Olhe! Vou encurtar o estribo. Agora vai; aí está uma garota corajosa! Eu irei guiá-la com bastante cuidado. Erminia não ousa cavalgar sem uma sela lateral! Vou lhe dizer uma coisa, trarei o jornal toda quarta-feira até que eu vá para a escola, e você poderá cavalgar um pouco. Espero somente que tenhamos uma sela lateral

para Rhoda. Ou, se Erminia permitir, trarei Abdel-Kadr, o pequeno Shetland que você montou outro dia.”

“Mas o Sr. Buxton vai deixá-lo?”, perguntou Maggie, meio contente, meio temerosa.

“Oh, meu pai! Ele com certeza deixará. Tenho-o em muito boa condição.”

Maggie estava bastante perplexa com a maneira dele de falar.

“Quando você vai para a escola?”, perguntou ela.

“Perto do final de agosto; não sei o dia.”

“Erminia vai para a escola?”

“Não. No entanto, acredito que irá em breve, se mamãe não melhorar.” Maggie gostou da mudança de voz quando ele falou de sua mãe.

“Ali, mocinha! Pule agora. Notável! Você tem bastante vitalidade, sua ratinha marrom.”

Nancy surgiu com um olhar maravilhado para receber Maggie.

“Este é o Sr. Frank Buxton”, disse ela em um tipo de apresentação. “Ele trouxe o jornal para a mamãe.”

“Entre, senhor, e descanse. Eu posso amarrar o seu cavalo.”

“Não, obrigado”, disse ele. “Eu preciso partir. Não se esqueça, pequena ratinha, de que você precisa estar pronta para outra cavalgada na próxima quarta-feira.” E lá se foi ele.

Foi necessária grande parte da diplomacia de Nancy para conseguir para Maggie tal prazer; apesar de que não imagino por qual razão a Sra. Browne proibiria os passeios de Maggie com Frank, já que circulavam sempre à vista do outeiro na frente da casa; se alguém se importasse o bastante com a questão, poderia subi-lo e procurar por eles. Os dois acabaram se tornando grandes amigos naquelas cavalgadas. O destemor de Maggie era agradável e surpreendente para Frank, já que ela havia parecido tão submissa e tímida a princípio. Mas ela era assim apenas com pessoas, conforme descobriu antes que as férias terminassem. E viu-a encolher-se diante de olhares e inflexões de voz particulares de sua mãe; e aprendeu a interpretá-los e a repugnar a Sra. Browne por isso, não obstante todos os seus modos doces em relação a ele. O resultado de suas observações ele comunicou à sua mãe, e, em

consequência, foi o portador de uma mensagem extremamente cortês e cerimoniosa da Sra. Buxton para a Sra. Browne, dizendo que ela lhe ficaria muito grata se esta permitisse que Maggie descesse a cavalo ocasionalmente com o cavaleiro que traria o jornal às quartas-feiras, para passar a tarde com Erminia. Frank não poderia mais ir até o chalé porque agora teria que ir à escola. A Sra. Browne consentiu orgulhosa pela honra, mas um pouco incomodada com o fato de que nenhuma menção havia sido feita a ela. Depois que Frank partiu, desaparecendo por completo, ela virou-se para Maggie:

“Não se anime por ser recebida por essas pessoas finas. É o jeito deles de mostrar atenção ao seu pai e a mim. E você precisará se dedicar e trabalhar o dobro às quintas-feiras para compensar o lazer das quartas.”

Maggie ficou subitamente corada e sentiu uma palpitação feliz em seu coraçãozinho alvoroçado. Ela mal podia sentir qualquer tristeza pelo fato de o gentil Frank estar partindo, de tão tomada que estava pelos pensamentos de que veria a mãe dele, pessoa que havia estranhamente se tornado cada vez mais parte de seus sonhos, tanto durante o sono como quando despertava; a efígie de mármore calma e estática estava sempre apertando suas mãos em oração nos sepulcros na igreja Combehurst. A semana toda foi um período feliz de expectativa. Ela temia que sua mãe estivesse secretamente irritada com seu júbilo natural; e então não mais falou com ela sobre isso, porém ficava acordada até que Nancy viesse para cama, e derramava em seus ouvidos generosos cada detalhe, real ou imaginário, de sua relação passada ou futura com a Sra. Buxton; a velha criada ouvia com interesse, acostumando-se enfim a imaginar o futuro com a calma e a simplicidade de uma criança.

“Suponha, Nancy! Apenas suponha, você sabe, que ela realmente morresse. Eu não quero dizer realmente morrer, mas ficar inconsciente como se estivesse morta; ela parecia estar assim quando eu a vi pela primeira vez; eu não a deixaria, porém me sentaria ao lado dela, observando, observando...”

“Os lábios dela estariam sempre saudáveis e vermelhos”, interrompeu Nancy.

“Sim, eu sei. Você já me disse que eles continuam vermelhos – eu olharia para eles muito regularmente e tentaria não dormir jamais.”

“Seria bom ter entradas de ar no caixão.” Mas Nancy sentiu a pequenina arrastar-se para perto dela diante da terrível ideia, e, com o tato do amor, mudou de assunto. “Ou suponha que ouvíssemos sobre um médico que soubesse fazer encantos que espantassem as doenças. Havia alguns quando eu era jovem; mas não acho que as pessoas são tão conhecedoras hoje em dia. Peggy Jackson, que morava perto de nós quando eu era uma menina, foi curada de um derrame com um encanto.”

“O que é um derrame, Nancy?”

“É só um jeito de definhar. Comida não nutre; bebida não fortalece; a pessoa simplesmente enfraquece e fica cada vez mais magra, até que a sombra dela parece cinza ao invés de preta mesmo ao meio dia – mas ele conseguiu curá-la num instante com uma simpatia.”

“Oh, se pudéssemos achá-lo.”

“Mas ele está morto. E ela está morta também, há muito tempo!”

Enquanto Maggie em imaginação sobrevoava e caía nos buracos das distantes colinas misteriosas, onde ela concebia todos os monstros estranhos e pessoas esquisitas para assombrá-la, caiu no sono.

Tais fantásticos pensamentos eram gerados na mente da pequenina por conta de sua vida reclusa e solitária. Era mais solitário do que nunca agora que Edward havia ido à escola. A casa sentia a falta de sua voz alta e alegre e de sua presença explosiva. Parecia haver muito menos a ser feito agora que as numerosas carências dele não mais pediam auxílio e atenção. Maggie fazia sua tarefa em sua pedra cinza, entretanto, como era rapidamente terminada, agora que ele não estava lá para interromper e chamá-la, ela andava a esmo para cima da Fell Lane nos fundos da casa.

Essa Fell Lane era um pequeno caminho íngreme cheio de pedras, mais como degraus cortados na rocha do que aquilo que nós na planície chamamos de caminho; ele ia dar à ampla e aberta colina, e perto de onde terminava havia uma árvore nodosa cheia de espinhos: a única árvore à vista em milhas. Aqui as ovelhas agachavam-se debaixo de tempestades, ou ficavam em pé e faziam sombra umas às outras no calor do meio-dia. O chão era marrom com as pegadas arredondadas e rachadas, e tufo de lã ficavam pendurados na parte mais baixa do tronco, como oferendas votivas em um relicário. Maggie costumava vir aqui em qualquer meia hora escassa de lazer para sentar e sonhar. Era aqui que ela vinha para chorar quando seu coraçãozinho estava sobrecarregado com a afiada capacidade de sua mãe de encontrar falhas, ou quando recebia ordens para ficar longe e não ser enfadonha. Ela costumava olhar sobre a vasta extensão da charneca, e as lágrimas eram enxugadas pelo vento suave que soprava baixo e que vinha suspirando ao longo do campo. Esquecia-se das pequenas tristezas de sua casa, e perguntar-se por que uma sombra meio roxa e meio marrom sempre riscava uma parte em particular na mais plena luz do sol; por que as sombras das nuvens sempre pareciam flutuar com um movimento lateral; ou imaginava o que haveria além daquelas velhas e cinzas colinas sagradas, que pareciam sustentar no ar as brancas nuvens do Paraíso, onde os anjos voavam à vontade; ou olhava direto para cima pelo ar agitado, desde que pudesse suportar o branco ofuscante, para tentar ver o trono de Deus naquela infinita e incomensurável intensidade de azul – ela imaginava que poderia vê-Lo resplandecer repentino e glorioso, desde que estivesse preenchida pela fé. Ela sempre descia daquela árvore de espinhos reconfortada e mansamente gentil.

Havia de fato o risco de que a criança acabasse se tornando uma pessoa sonhadora, que encontrasse seu prazer na vida em devaneios, e não em ação ou resistência, ou em todo o resto abençoado que vem depois de ambos e que prepara para as dificuldades ou fardos futuros. Porém a gentileza da Sra. Buxton preveniu esse perigo a tempo. Em partes, foi por interesse em

Maggie, mas também para dar a Erminia uma companhia, que ela quis que a menina viesse a Combehurst.

Durante tais visitas ela não recebia as instruções habituais; apesar disso, todo conhecimento e a maior parte da força de seu caráter foram obtidos nessas horas ocasionais. É verdade que sua mãe dava a ela lições diárias de leitura, escrita e aritmética; mas ambos professor e aprendiz tinham tais tarefas mais como penosas e algo a ser enfrentado do que como um meio para um fim. O "Pronto! Criança, agora está terminado.", de alívio da Sra. Browne ecoava intensamente no peito de Maggie quando a rotina enfadonha era concluída.

A Sra. Buxton não fazia um conjunto de atividades de ensino; suponho que ela sentia que muito era aprendido com sua superintendência, mas nunca pensou em fazer ou dizer qualquer coisa com uma ideia latente de seu efeito indireto sobre as pequenas, suas companhias. Ela simplesmente era ela mesma e até confessou (quando foi solicitado) deficiências, falhas, e nunca negou a força das tentações, tanto daquelas que envolviam as pequeninas, quanto daquelas que ocasionalmente a assaltavam. Pura, simples e verdadeira ao âmago do coração, sua vida, em suas horas e dias rotineiros, fazia muitas homilias. Maggie, que era séria, imaginativa e de certa forma esquisita, esforçou-se para encontrar palavras para expressar os pensamentos que sua vida solitária havia feito surgir, segura de que a Sra. Buxton prontamente entenderia e demonstraria simpatia.

"Você é tão parecida com uma nuvem", disse ela para a Sra. Buxton. "Acima da árvore de espinhos, era bastante curioso como elas costumavam moldar a si mesmas exatamente de acordo com a minha alegria ou tristeza. Quando subi ao morro pela primeira vez, vi as nuvens que pareciam com um amontoado de morrinhos de neve sobre túmulos de bebês transformarem-se, assim que fiquei mais feliz, em um tipo de fila longa e brilhante de anjos. E você sempre parece sentir alguma melancolia quando eu estou triste, e fica brilhante e esperançosa assim que me alegro. Querida Sra. Buxton! Eu gostaria que Nancy a conhecesse."

A alegre, volátil, obstinada e afetuosa Erminia era menos séria em todas as coisas. Sua infância havia se passado por entre as distrações da riqueza; inclinava-se apaixonadamente para a aquisição de algum objeto em dado momento, para em seguida ficar brava por ter sido lembrada da ansiedade dissipada que ela havia demonstrado um instante atrás. Sua vida era um espelho quebrado; cada parte ofuscante e brilhante, mas desejando a coerência e a perfeição do todo. A Sra. Buxton fez de tudo para fazê-la perceber a beleza da completude e a relação entre qualidades e objetos; porém em todo seu esforço ela manteve os indícios de ouro da simpatia. Ela entraria no entusiasmo de Erminia mesmo que o objeto dele mudasse vinte vezes ao dia; mas depois de pouco tempo, com seu jeito particular, suave, doce e sugestivo, já que eram dignos de desejo, ela colocaria todos esses objetos em seus lugares certos e adequados. Não sei como acontecia, mas todas as discórdias e fragmentos desordenados pareciam cair em harmonia e ordem diante de sua presença.

A Sra. Buxton não tinha a pretensão de transformar as duas garotinhas num mesmo tipo de caráter padrão. Elas eram distintas assim como o lírio e a rosa. Mas ela tentava dar estabilidade e seriedade a Erminia; enquanto tinha como objetivo direcionar a imaginação de Maggie para que fizesse dela uma grande pastora para fins elevados, ao invés de simplesmente contribuir para a vivacidade e a duração de um devaneio.

Ela contava suas histórias sobre santas, mártires e sobre todas as heroínas sagradas que se esqueciam de si próprias e que lutavam apenas para serem "ministras do Senhor, fazendo o que Lhe aprouvesse." As lágrimas reluziam nos olhos de quem ouvia e de quem falava enquanto ela contava as histórias com voz fraca e baixa, que quase engasgava nas partes mais nobres.

Mas quando ela achava que Maggie estava em risco de tornar-se sonhadora demais e alheia ao presente por conta do hábito de antecipar a ocasião de algum grande ato heroico, ela falava de outras heroínas. Explicou a ela que, apesar das vidas de tais mulheres do passado terem se tornado conhecidas por nós apenas por causa de seus feitos gloriosos e notáveis, elas provavelmente

teriam erguido o templo de sua perfeição com muitas histórias silenciosas; explicou que, com pequenas oferendas diárias colocadas sob um altar, elas provavelmente teriam obtido força admirável para o sacrifício supremo. E então ela falava daqueles cujos nomes jamais serão enaltecidos na terra – algum pobre servo, ou algum artesão esforçado, ou uma governanta cansada – que passaram a vida toda em silêncio com propósitos santos em seus corações, propósitos pelos quais abdicaram do prazer e do conforto em uma sucessão suave e tranquila de dias resolutos. Ela citava aquelas frases de George Herbert:¹

1

- George Herbert (1593 – 1633) foi poeta, orador e sacerdote anglo-galês.

Todos devem ter, se ousarem escolher, uma vida ou um túmulo de glória.

E a mãe de Maggie estava desapontada, pois a Sra. Buxton jamais havia oferecido ensiná-la a “como tocar piano”, o que era para ela a essência de uma educação polida. Maggie, em todo o seu desejo de tornar-se Joana d’Arc,² ou alguma grande heroína, não tinha consciência de que ela mesma não demonstrava nem um pouco de heroísmo ao suportar de forma submissa o que fazia todos os dias para sua mãe. Era difícil para ela ser questionada sobre a Sra. Buxton e, então, ter suas respostas transformadas em assuntos a serem desprezados, em uma busca eterna por avarias nos modos de tão doce senhora.

2

- Joana d’Arc (1412 – 1431) heroína francesa que tomou partido da Guerra dos Cem anos travada entre a França e a Inglaterra. Foi queimada viva e hoje é considerada santa pela igreja Católica.

Quando Ned veio para casa para as férias, ele tinha muito para contar. Sua mãe ouvia por horas as suas histórias, e reforçava orgulhosamente tudo o que ela podia notar de seu progresso na aprendizagem. Seus cadernos e floreios de escrita eram um espetáculo, e seus livros de contas continham torres e pirâmides de valores.

“Oh, oh!”, disse o Sr. Buxton quando foram mostrados a ele, “isto é grandioso! Quando eu era um menino, eu conseguia fazer uma águia voando com um único movimento da minha caneta, mas eu jamais conseguiria fazer isso tudo. E, no entanto, eu me achava um excelente aluno, asseguro-lhe. E estas somas! Senhor! Eu tenho que fazer de você o meu agente. Preciso de um, tenho certeza, pois, apesar de contratar um contador a cada dois ou três anos para fechar as minhas contas, eles de alguma forma têm a destreza de errar novamente. Aquelas pedreiras, Sra. Browne, que todos dizem ser tão valiosas, a pedra extraída de lá recebe pedidos que somam centenas de libras. Qual achais que foi o lucro que fiz no ano passado de acordo com as minhas contas?”

“Com certeza não sei, senhor; algo muito grande, não tenho dúvida.”

“Apenas sete pences e três ceitils³”, disse ele explodindo em um ataque de riso alegre, exatamente como outro homem o faria ao anunciar enormes lucros. “Mas devo administrar as coisas de uma forma diferente em breve. Frank vai querer dinheiro quando for para Oxford e ele o terá. Eu sou apenas um sujeito de tipo grosseiro, porém Frank assumirá sua posição como cavalheiro. Aha, senhorita Maggie! E onde está meu biscoito de gengibre? Lá vai você, deslizando lá para cima até a Sra. Buxton em uma quarta-feira; e não ensinou o cozinheiro até agora como fazer biscoitos de gengibre. Bom, Ned! E como vão indo os estudos clássicos? Excelente sujeito, aquele Virgílio!⁴ Deixe-me ver. Como começa?

³

- No original “Farthing”, moeda citada no Novo Testamento da Bíblia que representava o valor de 1/16 denário ou moeda inglesa de cobre de um quarto de penny.

⁴

- Públio Virgílio Maro (70 a.C.-19 a.C) foi um poeta romano clássico.

“Arma, vir um que cano, Troja e qui primus aborís.”⁵

⁵ - “Eu canto sobre armas e sobre o homem que veio pela primeira vez do litoral de Tróia”, trecho de Virgílio (70 a.C.-19 a.C).

Está muito bom, acredito, considerando que nunca mais o abri desde que deixei a escola trinta anos atrás. Para garantir, eu passava seis horas por dia nela quando estava lá. Vamos agora. Vou desafiar você. Você consegue traduzir isto?

*"Infirdealis, inoaknoneis; inmudeelis, inclaynoneis."*⁶

⁶ - "In for deal, is oak none is; in mud eel is, in clay none is." No pinheiro o acordo está, nenhum carvalho; no lodo a enguia está, na argila nenhuma está (tipo de brincadeira em que as rimas são ditas rapidamente em inglês para que pareçam latim. Os versos podem ser encontrados em *The Nursery Rhymes of England*, compilado e ditado por James Orchard Halliwell (1843) e em *The Nursery Rhyme book*, editado por Andrew Lang e ilustrado por L. Leslie Brooke (1897).

"Tenha certeza de que consigo", disse Edward com certo tom de desprezo. "Consegue fazer isto, senhor?"

*"Apud in isalmides ire,
Mimistres i neve require,
Alo verifindit a gestis,
His miseri ne ver at restis."*^Z

^Z - Um pudim é tudo que desejo, A minha senhora eu jamais solicito; Uma amante eu considero um gracejo; A penúria dele jamais lhe dá trégua – trecho de A Love Song de Jonathan Swift, escritor irlandês (1667 – 1745).

Mas apesar de Edward ter feito grande progresso e ter conquistado três prêmios, o treino de sua moral havia recebido pouca atenção. Ele estava mais tirânico do que nunca, tanto com sua mãe quanto com Maggie. Havia uma batalha de empate entre ele e Nancy, e eles mantinham-se indiferentes um com o outro o máximo que podiam. Maggie caiu no seu velho jeito humilde de se submeter às vontades dele, desde que não fosse contra sua consciência; e tal condição não a permitiria ser tão completamente obediente como antes, já que Maggie era todos os dias iluminada por seus pensamentos habituais de devota aspirante. Além de sua soberba, ele havia aprendido a usar sua esperteza em vários artifícios e subterfúgios que a revoltavam completamente por tamanha maldade.

“Você está tão confiante por estar íntima de Erminia, que não faz coisa alguma que lhe peço; você é tão egoísta e obstinada quanto...”, ele fez uma pausa. Maggie estava prestes a chorar.

“Eu farei qualquer coisa que seja correta, Ned.”

“Bem! E eu digo a você que isso é correto.”

“Como pode ser?”, disse ela, entristecida, quase desejando que ele a convencesse.

“Como... Porque é, e isso é o bastante para você. Você sempre precisa ter uma razão para tudo agora, não é nem metade da garota bondosa que era antes. Você não faz nada, a não ser que se esmiúce a lógica com você, e que a convença com um longo argumento. Seja obediente. Isso é o que uma mulher tem que ser.”

“Eu poderia ser obediente a algumas pessoas sem conhecer suas razões, mesmo que me mandassem fazer bobagens”, disse Maggie, como se falasse consigo mesma.

“Eu gostaria de saber a quem”, disse Edward, desdenhosamente.

“Ao Dom Quixote”⁸, respondeu ela, seriamente, pois, de fato, ele era presente em sua mente naquele exato momento, e seu caráter nobre, carinhoso e melancólico havia deixado nela uma forte impressão.

8 - Dom Quixote de la Mancha é um livro escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra (1547 – 1616). O protagonista, personagem que dá nome ao livro, entrega-se à leitura de romances de cavalaria e perde o juízo, passando a acreditar que tenham sido historicamente verdadeiros e decidindo então tornar-se um cavaleiro andante, levando consigo seu escudeiro, Sancho Pança, que, em contraste a este, é bem mais sério e realista.

Edward olhou fixamente para ela por um momento, e então explodiu em gargalhada. Isso teve o bom efeito de devolver a ele um melhor estado de espírito. Ele tinha uma piada tão excelente contra sua irmã, que não poderia mais ficar bravo com ela. Chamou-a de Sancho Pança por todo o resto das férias, apesar de ela reclamar, dizendo que não suportava o escudeiro e que não gostava de ser chamada pelo seu nome.

Frank e Edward pareciam ter certa antipatia um pelo outro, e a frieza entre eles mais crescia do que diminuía com os esforços do Sr. Buxton para aproximá-los. “Frank, meu rapaz”, disse ele. “Não seja tão duro com Ned. Seu pai era um amigo querido, e meu coração está determinado a vê-los amigos. Você terá o poder de ajudá-lo no mundo.”

Mas Frank respondeu: “Ele não é muito honrado, senhor. Não posso suportar um menino que não é honrado. Meninos criados naquelas escolas particulares são cheios de artimanhas!”

“Não, meu rapaz, aí tu estais enganado. Fui criado numa escola particular, e ninguém pode dizer que eu tenha sujado minhas mãos com alguma artimanha na minha vida. O bom e velho Sr. Thompson castigaria severamente um garoto que fizesse qualquer coisa maldosa ou desleal.”

CAPÍTULO IV

Verões e invernos começaram e terminaram com pouco para marcá-los, exceto o crescimento das árvores e o progresso silencioso de jovens criaturas. Erminia havia sido enviada para a escola em algum lugar na França para receber mais instrução regular do que aquela que poderia conseguir em casa com sua tia inválida. Mas ela voltava uma vez ao ano, mais amável, elegante e delicada do que nunca; e Maggie pensava, honestamente, que anos de amadurecimento estavam suavizando sua volatilidade, e que os dizeres de sua tia similares ao orvalho haviam mergulhado profunda e silenciosamente, fertilizando o solo de seu inconsciente. Aquela tia estava agora desvanecendo. A devoção de Maggie adicionava materialmente a sua felicidade, e tanto ela quanto Maggie jamais se esqueciam de que tal devoção seria em todas as coisas subserviente à tarefa que ela devia a mãe dela.

“Meu bem”, a Sra. Buxton havia dito mais de uma vez, “você precisa sempre se lembrar de que sua primeira obrigação é para com sua mãe. Você sabe o quão contente eu fico em vê-la, mas eu sempre entenderei se você não vier. Ela poderá muitas vezes precisar de sua presença quando nem eu nem você pudermos prever.”

A Sra. Browne não tinha grande desejo de manter Maggie em casa, apesar de gostar de resmungar quando ela saía. E sentia que era o melhor, de todo modo, manter boas relações com amigos tão valiosos; e ela apreciava, ao menos um pouco, a vantagem que a intimidade na casa era para Maggie. Mas ela não conseguia conter algumas reclamações, nem as conseguia guardar consigo quando ela voltava; recapitulava todas as coisas que poderiam ter sido feitas se ela estivesse em casa e o número de vezes que precisaram dela; mas quando ela descobria que Maggie havia discretamente desistido de sua próxima visita de quarta-feira depois de saber que precisavam de sua presença em casa, sua mãe deixava de reclamar e notava, pouco ou nada, sua presença.

Quando chegou a época de Edward deixar a escola, ele anunciou que não tinha nenhuma intenção de receber ordens, mas que pretendia tornar-se um advogado.

“É um trabalho tão lento”, disse ele à sua mãe. “Você labuta incessantemente por quarto ou cinco anos, e então consegue um trabalho de setenta libras por ano como cura, um trabalho interminável a fazer por esse dinheiro. Agora, o trabalho não é muito mais difícil no escritório de um advogado e, se você tem sua sagacidade, há centenas e milhares por ano para se juntar com muito pouca dificuldade.”

A Sra. Browne sentia muito por sua determinação. Ela tinha um grande desejo de ver seu filho tornar-se um clérigo, assim como seu pai. Ela não ponderava se seu caráter era adequado a um ofício tão sagrado; na verdade, ela pensava que a profissão em si, uma vez assumida, purificaria seu caráter; mas, de fato, sua adequação ou inadequação para ordens santas pouco entravam em sua mente. Ela tinha respeito pela profissão a qual o pai dele havia pertencido.

“Eu preferiria vê-lo como um vigário com setenta libras por ano, do que um advogado com setecentos”, respondia ela. “E você sabe que o seu pai era sempre convidado para almoçar em todos os lugares. Lugares para os quais sei que não teriam convidado o Sr. Bish, de Woodchester, e ele faz os seus mil por ano. Além do mais, o Sr. Buxton fará a próxima indicação para Combehurst, e você teria uma boa chance por conta de seu pai. E até lá você poderia morar aqui, caso seu posto como cura seja perto, de alguma forma.”

“Atrevo-me a dizer que não me enterrarei aqui novamente! Minha querida mãe, este é um lugar muito respeitável para a senhora e para Maggie morarem, e acredito que vocês não o acham enfadonho; mas a ideia de estabelecer-me aqui tranquilamente é algo totalmente absurdo!”

“Seu pai estabeleceu-se aqui, e era muito feliz”, disse Maggie.

“Sim! Depois de ter ido para Oxford”, retrucou Edward um pouco transtornado com a referência àquele cuja memória mesmo o mais egoísta deveria respeitar.

“Bom! E você sabe que teria que ir para Oxford primeiro.”

“Maggie! Eu gostaria que você não interferisse entre mim e minha mãe. Quero ter isso resolvido e concluído, e isso nunca acontecerá se você continuar se intrometendo. Agora, mãe, a senhora não consegue ver o quão melhor será para mim se eu entrar no escritório do Sr. Bish? Harry Bish falou com o pai dele a respeito disso.”

A Sra. Browne suspirou.

“O que o Sr. Buxton dirá?”, perguntou ela, entristecida.

“O que ele dirá? Por que a senhora não entende que foi ele quem primeiro colocou isso na minha cabeça ao me dizer naquelas primeiras férias de Natal que eu deveria ser o agente dele. Seria uma boa, não seria? Harry Bish diz que ele acha que daria mil por ano.”

Sua fala alta, decidida e acelerada dominou a Sra. Browne; mas ela se rendeu aos desejos dele com mais arrependimento do que nunca. Não era a primeira vez em que manifestação eloquente tomava o lugar do argumento.

Edward era articulado com o Sr. Bishe e, por isso, teve sua aprovação. Não havia ninguém com poder para resistir aos seus desejos, exceto sua mãe e o Sr. Buxton. E, ainda assim, a primeira havia há muito reconhecido a vontade de seu filho como sua lei; e o último, apesar de surpreso e quase desapontado com a mudança de propósito jamais prevista em seus planos a favor do rapaz, deu seu consentimento, e até mesmo adiantou parte do dinheiro requerido para o abono.

Maggie via tal mudança com sentimentos mistos. Desde criança ela havia visualizado Edward assumindo o lugar de seu pai. Quando pensava nele como um homem, parecia contemplativo, sério e gentil, assim como era a lembrança de seu pai. Com toda uma deficiência de poder de raciocínio típica das crianças, ela nunca havia considerado o quão impossível seria para um garoto egoísta, vaidoso e impaciente tornar-se um homem dócil, humilde e piedoso, simplesmente por adotar uma profissão em que tais qualidades são requisitadas. Mas agora, aos dezesseis, ela estava começando a entender; não por um processo lógico, mas por intuição. Percebia que Edward jamais seria um verdadeiro pastor de

Cristo. Por isso recebeu a notícia de que ele havia decidido se tornar um advogado com mais alegria e gratidão do que angústia, apesar da tristeza estar mesclada a seus sentimentos.

Frank Buxton, durante todo esse tempo, estava crescendo e tornando-se um jovem rapaz. As esperanças tanto do pai quanto da mãe estavam ligadas a ele; e, paralelas às diferenças de seus caracteres estavam as diferenças de suas esperanças. Parecia realmente provável que o Sr. Buxton, que era singularmente isento de mundanismo ou ambição relacionada a ele mesmo, poderia se tornar mundano e ambicioso em relação a seu filho. Suas esperanças para Frank eram todas relacionadas à honra e à distinção. As esperanças da Sra. Buxton eram orações. Ela estava enfraquecendo, assim como a luz desaparece na escuridão em uma noite de verão. Ninguém parecia comentar o progresso gradual, mas ela mesma estava plenamente consciente do que acontecia. Na última vez em que Frank veio para casa da faculdade antes de sua morte, ela já sabia que jamais o veria de novo. Quando ele alegremente deixou a casa, tomado pelo ânimo, que era em partes assumido, ela arrastou-se com passos lânguidos para dentro de um cômodo na frente da casa de onde podia assisti-lo descer pela ruazinha comprida e isolada, que ia dar na pousada de onde a carruagem partiria. Enquanto ele seguia adiante, virou-se para trás para olhar sua casa; e lá ele viu a figura branca de sua mãe olhando-o fixamente. Ele não podia ver seus olhos saudosos, mas fez o pobre coração de sua mãe dar um salto de alegria ao dar a volta e correr de volta para mais um beijo e mais uma benção.

Na viagem de volta para casa nas férias seguintes, recebeu o repentino recado a respeito de sua morte.

Seu pai tornara-se um ser aéreo. Ele não conseguia falar do anjo perdido sem explosões repentinas de lágrimas, quase sempre de autocensura, o que interrompia os pensamentos calmos, tranquilos e santos que Frank gostava de associar a ela. Por isso, parou de falar com ele a respeito da perda que tiveram; e isso foi um tipo de alívio para ambos; mas ele desejava ter alguém com quem pudesse falar sobre sua mãe com a tranquila reverência de afeição intensa e sincera. Ele pensou em Maggie, quem ele via muito pouco

ultimamente, já que quando estava em Combehurst ela sentia que a Sra. Buxton precisava menos de sua presença, e ficava mais em casa. É possível que a Sra. Buxton lamentasse isso, porém nunca disse nada. Com o olhar distante de quem está próximo da morte, ela previa que se Maggie e seu filho sempre se encontrassem no quarto em que estava desde que ficou doente, sentimentos provavelmente surgiriam, atrapalhando as esperanças e planos de seu marido – sentimentos, portanto, que ela não deveria permitir que surgissem. Mas ela era incapaz de esconder sua gratidão a Maggie por tantas horas de felicidade tranquila; e inconscientemente deixou escapar várias frases que fizeram Frank sentir que, no ratinho marrom de anos atrás, ele provavelmente encontraria alguém que poderia contar-lhe muito sobre a história íntima de sua mãe em seus últimos dias, alguém com quem ele poderia falar sobre ela sem despertar a tristeza passional que era tão pouco condizente com sua memória.

Assim, em uma tarde no final de outono, ele cavalgou até a casa da Sra. Browne. O ar nos urzais estava tão estático que nada parecia se mover. Vez ou outra uma folha amarela caía flutuando das árvores, desprendida não por violência externa, mas simplesmente porque sua vida havia atingido seu limite pleno e então havia morrido. Olhando para baixo nas distantes matas protegidas, elas eram lindas em laranja e púrpura; mas seu esplendor era sentido como o sinal do ano que decaía e morria. Mesmo sem tristeza, havia uma grande solenidade na estação que impressionava a mente e que a silenciava com pensamentos tranquilos.

Frank cavalgou lentamente adiante, e então apeou tranquilamente de seu velho cavalo em um ponto onde havia um bridão argolado de ferro fixado no muro cinza de pedra. Ele viu o caixilho da janela do salão e a cabeça de Maggie curvada sobre seu trabalho. Ela ergueu o olhar quando ele entrou no pátio, e seus passos soaram sobre a passagem com o emblema. Ela veio, então, abrir a porta, e, enquanto ela estava em pé na entrada, falando, ele foi tocado por sua semelhança com algumas pinturas antigas. Ele viu seu rosto jovem e calmo reluzindo com grande serenidade, e

seus grandes olhos sérios e pensativos, que davam aos traços, em simetria, a personalidade que ele procurava. Seu vestido marrom tinha o matiz exato que um pintor teria admirado. A suave luz do sol inclinada caía sobre sua figura enquanto ela permanecia em pé; e as folhas da videira penduradas sobre a velha porta da casa, já coloridas pela geada, formavam uma rica e acolhedora moldura.

“Mamãe não está bem; ela foi deitar. Como você está? Como está o Sr. Buxton?”

“Estamos ambos muito bem; muito bem, de fato, em questão de saúde. Eu posso entrar? Quero conversar com você, Maggie!”

Ela abriu a portinha do salão e eles entraram; mas, por um tempo, ficaram ambos em silêncio. Não podiam falar daquela que estava com eles, presente em seus pensamentos. Maggie fechou o caixilho e colocou um tronco de madeira no fogo. Sentou-se de costas para a janela e, conforme a chama surgiu e cresceu ao tocar à madeira seca, Frank viu que o rosto dela estava molhado com lágrimas silenciosas. Mesmo assim sua voz era uniforme e gentil quando respondia suas perguntas. Ela parecia entender quais eram as coisas exatas que ele mais queria ouvir. Ela falou sobre os últimos dias de sua mãe; e sem nenhuma palavra de louvor (o que, na verdade, teria sido impertinente), demonstrou um apreço tão justo e verdadeiro por aquela que havia falecido e partido, que ele sentiu como se pudesse ficar ali ouvindo para sempre aquelas palavras que lhe caíam tão docemente – eram como bálsamo para seu coração ferido. Ele havia imaginado que a subtaneidade de sua morte poderia ter deixado a vida de sua mãe incompleta, que ela poderia ter partido sem ter conseguido expressar desejos e projetos que teriam agora a força sagrada dos mandamentos. Mas ele entendeu que Maggie, apesar de jamais se mostrar invasiva, havia sido a depositária de muitos pensamentos e planos; ou, se a ela não eram ditos, ela sabia que o Sr. Buxton ou Dawson conheciam-nos – no entanto, na intensidade do luto precoce, haviam provavelmente se esquecido de compartilhá-los. O brilho cintilante da chama havia se apagado completamente e a escuridão da noite havia se recolhido na sala. Através da porta aberta, o fogo da cozinha enviava um brilho avermelhado, marcado distintamente

contra o carpete e a parede. Mesmo assim, Frank continuava sentado com sua cabeça enterrada em suas mãos e apoiada sobre a mesa, ouvindo.

“Conte-me mais”, dizia ele em cada pausa.

“Acho que agora já lhe contei tudo”, disse Maggie finalmente. “Enfim, é tudo de que me lembro no momento; mas se eu me recordar de mais alguma coisa, com certeza contarei a você.”

“Obrigado... de verdade.” Ele ficou quieto por um tempo.

“Erminia virá para casa no Natal. Ela não voltará mais para Paris; irá morar conosco. Espero que você e ela sejam grandes amigas, Maggie.”

“Oh, sim”, respondeu ela. “Acho que já somos. Pelo menos nós éramos no Natal passado. Você sabe que já faz um ano que não a vejo.”

“Sim. Ela foi para Suíça com Mademoiselle Michel ao invés de vir para casa da última vez. Maggie, eu preciso ir agora. Meu pai está me esperando para jantar.”

“Para jantar! Eu ia perguntar se você não ficaria para um chá. Ouço mamãe se mexendo no quarto. E Nancy está aprontando as coisas, eu posso ver. Deixe-me contar à mamãe. Ela não ficará satisfeita a não ser que veja você. Ela tem estado muito triste por todos vocês”, acrescentou ela, reduzindo sua voz.

Antes que ele pudesse responder, ela correu e subiu as escadas.

A Sra. Browne desceu.

“Oh, Sr. Frank! Estava sentado no escuro? Maggie, você deveria ter corrido para busca de velas! Ah! Sr. Frank, o senhor teve uma triste perda desde que o vi aqui. Deixe-me ver... na última semana de setembro. Mas ela sempre foi uma inválida triste; e sem dúvida sua perda foi o melhor para ela. Pobre Sr. Buxton, também! Como está ele? Quando se pensa nele e nos anos dela de doença, tudo parece uma feliz libertação.”

Ela poderia ter continuado por muito mais tempo, mas Frank não conseguia suportar tal provocação de sua tristeza acalmada, e disse a ela que seu pai esperava por ele em casa para o jantar.

“Ah! Tenho certeza de que o senhor não o desapontará. Ele vai querer um pouco de companhia animadora mais do que nunca

agora. Não pode deixá-lo pensar muito sobre isso, Sr. Frank. Distraia os pensamentos dele falando sempre sobre outras coisas. Tenho certeza de que se eu tivesse alguém para falar comigo de um jeito agradável e alegre quando o pobre e querido Sr. Browne morreu, eu não teria jamais me desesperado ao pensar sobre ele como fiz; mas as crianças eram muito jovens, e não havia ninguém para vir me distrair com notícias quaisquer. Se eu estivesse morando em Combehurst, tenho certeza de que não teria deixado a minha tristeza tomar conta de mim como aconteceu. O senhor poderia sugerir um tranquilo jogo de cartas toda noite. O que acha?”

Mas Frank havia acenado e partido. Enquanto cavalgava para casa, refletiu muito sobre a tristeza e as diferentes maneiras de suportá-la. Concluiu que ela havia sido enviada por Deus por algum propósito santo e para despertar para a existência algum bem maior; pensou que se fosse fidedignamente Sua sentença, não deveria haver resistência desesperadora e passional a ela; se algum final sábio fosse fidedignamente reconhecido, nem sequer deveríamos ousar aumentá-la, ou defraudá-la, colocando-a de lado, buscando as distrações das coisas mundanas, não a deixando fazer seu trabalho completo. E então ele retornou para sua conversa com Maggie, que havia sido um verdadeiro conforto para ele. Como seria bom para Erminia ter tal garota como amiga e companhia!

Considerando tal pensamento e tendo sido tocado como eu disse pela aparência de Maggie, enquanto ela estava de pé à porta de entrada (e posso acrescentar que esta impressão de sua beleza discreta havia sido intensificada por várias conversas posteriores), era bastante estranho que ele respondesse da maneira que respondeu o comentário de Erminia sobre a primeira vez que viu Maggie depois de voltar da França.

“Como Maggie está ficando encantadora! Oh, eu não imaginava que algum dia ela ficaria bonita. Doce ela sempre foi – mas, agora, seu estilo de beleza faz dela uma garota positivamente diferenciada. Frank! Fale! Ela não é bonita?”

“Você acha?”, respondeu ele com um tipo de indiferença preguiçosa excessivamente gratificante para seu pai, que estava

escutando ansioso por sua resposta. Naquele dia, depois do jantar, o Sr. Buxton começou a perguntar a opinião dele sobre a aparência de Erminia.

Frank respondeu de uma vez:

“Ela é uma criaturinha deslumbrante. Sua tez é como se tivesse sido feita de cerejas e leite e há de se reconhecer que a moçinha tem estudado a arte dos vestidos para algum propósito em Paris.”

O Sr. Buxton estava mais próximo da felicidade com essa resposta do que jamais estivera desde a morte de sua esposa, pois a única maneira que pudera planejar para satisfazer sua consciência repreensiva em relação à sua irmã negligenciada e infeliz era planejar um casamento entre seu filho e a filha dela. Ele esfregou suas mãos e bebeu duas taças extras de vinho.

“Receberemos os Brownes para o jantar, como de costume, na próxima quinta-feira”, disse ele. “Estou certo de que sua mãe teria ficado magoada se não os recebêssemos – faz nove anos agora desde que começaram a vir, e eles jamais faltaram a um Natal desde então. Você tem alguma objeção, Frank?”

“De forma alguma, senhor”, respondeu ele. “Eu pretendo subir para a cidade logo após o Natal para passar uma semana ou dez dias antes de seguir para Cambridge. Posso fazer algo pelo senhor?”

“Bom, não sei. Eu acho que devo subir eu mesmo algum dia em breve. Não consigo entender todas estas cartas de advogado a respeito da compra da nova propriedade de Newbridge e imagino que eu poderia entender mais disso tudo se encontrasse o Sr. Hodgson.”

“Eu gostaria que o senhor adotasse o meu plano, o de ter um agente, senhor. Os seus casos estão de fato tão complicados agora, que tomariam o tempo de um especialista em negócios. E com certeza todos aqueles inquilinos em Dumford deveriam ser visitados em sequência.”

“Eu certamente verei esses inquilinos depois. Mas nunca há um sequer que ouse me passar para trás, ou que me passaria para trás se pudesse. A maioria deles tem vivido nas terras dos Buxtons por

gerações. Eles sabem que se ousassem levar vantagem sobre mim, eu cairia em cima deles com bastante inteligência.”

“O senhor confia na ligação deles com sua família, ou na ideia que fazem de sua severidade?”

“Em ambos. Eles toleram a mim ao invés do terrível incômodo com manutenção de contas e com aquelas cartas de advogados sem fim que algumas pessoas estão sempre despachando para seus inquilinos. Quando eu for passado para trás, Frank, darei a você permissão para me forçar a ter um agente, mas não antes disso. Lá está minha pequena Erminia cantando e cantando, e não há ninguém para ouvi-la.”

CAPÍTULO V

O dia de Natal foi estranho e triste. A Sra. Buxton havia sempre se recobrado para estar no salão, pronta para receber a todos depois do almoço. O Sr. Buxton tentou se livrar dos pensamentos em torno dela com bastante conversa, mas vez ou outra ele olhava saudosamente para a porta. Erminia fez de tudo para estar o mais animada que pudesse para que, na medida do possível, preenchesse o vazio. Edward, que havia vindo de Woodchester a passeio, tinha uma grande notícia a dar; e ele foi inconscientemente de grande ajuda com seu fluxo interminável de conversas casuais bastante inteligentes. Sua mãe sentiu-se orgulhosa do filho e de seu novo colete, que era muito mais conspicuamente da última moda do que o de Frank poderia ser considerado.

Depois do almoço, quando o Sr. Buxton e os dois rapazes foram deixados sozinhos, Edward lançou-se ainda mais. Ele achou que estava impressionando Frank com seu conhecimento do mundo e seu jeito mundano. Mas tudo o que fazia repelia aquele que nunca se sentiu muito atraído por ele. Sucesso mundano era seu padrão de mérito. O fim parecia com ele justificar os meios; se um homem prosperasse, não era necessário escrutinar sua conduta tão de perto – a lei era vista em seu aspecto mais baixo. Mas, ainda assim, a esperteza preservava Edward de ser intelectualmente desprezível. Frank havia flertado com a ideia de estudar para tornar-se ele mesmo um advogado, não tanto como um meio de ganhar a vida, mas para ter alguma ideia do código que faz e revela a consciência de uma nação; mas os detalhes de Edward sobre a forma com que a erudição tão frequentemente engana o espírito fizeram com que ele recuasse. Sentiu raiva de si próprio por ver a profissão com desgosto, já que era degradada por aqueles que a abraçavam ao invés de ser vista como algo a ser enobrecido e purificado na vasta inteligência de omens de mente pura e elevada. Enfim, levantou-se abruptamente e deixou o cômodo.

As meninas estavam sentadas próximas à lareira da sala de estar, com as velas apagadas sobre a mesa; pelo que ele percebeu, elas conversavam sobre sua mãe; mas quando ele entrou, levantaram-se e mudaram o tom. Erminia foi até o piano e cantou seus mais novos e favoritos ares franceses. Frank estava melancólico e quieto; porém, quando ela mudou para uma música mais religiosa, seu humor foi suavizado, pois a admiração simples e afetuosa de Maggie pelas realizações de Erminia, intocada pela mais sutil sombra de inveja, deixava-o encantado. Uma parecia para ele à perfeição da arte elegante; a outra, à perfeição da natureza graciosa. Quando Frank olhava para Maggie e pensava no lar de onde ela jamais se afastara, os versos misteriosamente belos de Wordsworth¹ pareciam se tornar tão claros como o sol.

1

- William Wordsworth (1770 – 1850) foi um poeta romântico inglês.

*"E seu ouvido ela encostará
Em um lugar muito bem escondido
Onde dançam à sua volta os riachos caprichosos,
E o encanto nascido de sons sussurrados
Para sua face será transferido."²*

2

- Trecho da quarta parte do poema Lucy, escrito por William Wordsworth.

O Sr. Buxton, na sala de jantar, estava conseguindo de fato ter seu interesse despertado pelos casos intrigantes de Edward. Eles eram como truques de cartas. Um movimento ligeiro e, do monte pouco promissor – tudo confuso de uma só vez – rápido! A carta certa era virada. Edward expunha seu ponto de vista para não deixar nenhuma lacuna para o veredicto desejado; e, por meio de alguma conjuração, a supremacia era sempre obtida no final. Ele tinha uma maneira gráfica de relacionar as coisas; e, como não poupava epítetos em sua designação do partido oposto, o Sr.

Buxton aceitava como verdade que o réu, ou o promotor (como pode acontecer), era um “patife mesquinho”, ou um “avaro rabugento”, e regozijava-se proporcionalmente no triunfo conquistado por causa dele e por conta da sagacidade afiada do “nosso governador”, o Sr. Bish. Enfim, ficou intensamente impressionado com o conhecimento de lei de Edward, a ponto de consultá-lo sobre algumas propriedades, alguns chalés, que ele possuía em Woodchester.

“Acredito que sejam vinte e um chalés, e eles não me rendem quatro libras por ano, e desse valor tenho que pagar pela cobrança. Haveria alguma chance de vendê-los? Eles ficam na Rua Doughty – um bairro ruim, eu temo.”

“Muito ruim”, foi a resposta imediata de Edward. “Mas se o senhor está realmente ansioso para efetuar uma venda, não tenho dúvidas de que eu poderia encontrar um comprador em pouco tempo.”

“Eu lhe ficaria muito grato”, disse o Sr. Buxton. “Você estaria me fazendo uma gentileza. Se encontrar um comprador e conseguir administrar a questão, eu iria preferir que você mesmo formulasse os documentos para a transferência das propriedades. Seria o começo de um negócio para você; e espero ao menos que lhe traga boa sorte.”

É claro que Edward poderia fazer isso; e quando eles deixaram a mesa, teve o sentimento de que estava um passo mais próximo da agência que cobiçava; e estava com a consciência feliz de que o Sr. Buxton havia colocado algumas libras no caminho de um jovem notavelmente sagaz e merecedor.

Desde que Edward havia saído de casa, Maggie vinha certamente ganhando, gradualmente, importância – seu julgamento e sua incansável abnegação não poderiam falhar em abrir espaço. Sua mãe tinha certo respeito e grande dependência dela; mas ainda assim não era bem afeição o que sentia; ou, se era, parecia opaca e apática quando comparada ao amor terno e ao orgulho jubiloso que tinha por Edward. Quando ele retornou para as férias ocasionais, o rosto de sua mãe estava radiante de felicidade, e seus gestos em relação a ele eram ainda mais carinhosos do que ele

aprovava. Quando Maggie o via repelir a mão que com prazer chacoalharia seus cabelos como nos seus dias de infância, um anseio tomava conta de seu coração e desejava profundamente ter um destes sinais do amor de sua mãe deixados ao acaso. Todavia, encolhia-se docilmente em seu velho lugar secundário, satisfeita por ter seu julgamento suavizado e seus desejos não questionados – desde que ele ficasse. Agora, vez ou outra, ela começava a desaproveitar algumas coisas nele; a ostentação em seus modos era descarada e ia contra o gosto dela; e um sentimento mais intenso e sério era despertado por sua necessidade evidente de rápido discernimento moral. “Esperto e inteligente”, ou “lento e monótono”, assumiram nele o lugar de “certo e errado.” Pensando assim, ele próprio era tedioso e de mente fechada; lento e cego para perceber a beleza e a sabedoria eterna da bondade simples.

Erminia e Maggie tornaram-se grandes amigas. Erminia costumava implorar pela visita de Maggie, até que ela mesma colocou um fim na prática; viu que a mãe de sua amiga cedia mais frequentemente do que convinha pela honra de ter sua filha como visita na casa da família Buxton, algo sobre o que ela poderia falar com seus poucos conhecidos que perseveravam no convite para irem até o chalé. Então Erminia sugeriu que ela mesma visitasse Maggie por alguns dias. O orgulho da Sra. Browne foi redobrado; mas ela fez tantos preparativos, tamanha confusão, deu-se tanto trabalho, que acabou ficando doente durante toda a estadia de Erminia; e Maggie sentiu que, futuramente, ela deveria negar a si mesma o prazer de ter sua amiga como convidada, já que sua mãe não podia ser dissuadida de tentar oferecer coisas na mesma abundância e estilo com que Erminia estava acostumada em casa; e como Nancy havia observado sagazmente, a verdade era que a jovem moça nem se dava conta se comia gelatina ou mingau, ou se os pratos eram louça comum ou da melhor porcelana, desde que estivesse com sua querida senhorita Maggie.

A primavera terminou e veio o verão. Frank ia e vinha de Cambridge e Combehurst guiado por motivos cuja força podia sentir, mas que não se importava em examinar. Edward havia vendido a propriedade do Sr. Buxton; e este, satisfeito com a posse

da metade do dinheiro da venda (contando que o restante seria pago em parcelas), e feliz por perceber que seu filho vinha tão frequentemente para ver Erminia, recompensou generosamente o jovem advogado por seus serviços.

Em um dia de verão que não poderia ser mais quente, Maggie havia estado ocupada por toda a manhã; o clima estava tão abafado, que não permitiria que Nancy, nem sua mãe, fizesse muito esforço. Ela havia descido com o velho jarro marrom contemporâneo com ela até a nascente de água; e, enquanto a água gotejava, fazendo uma música tilintante, sentou-se no chão. O ar estava tão parado, que ela ouvia os pombos torcazes arrulhando à distância; e, ao redor dela, as abelhas estavam murmurando ocupadas por entre a aglomeração do urzal. Tocada pela simpatia de tais sons suaves e de harmonia agradável, ela começou a tentar cantarolar algumas das notas de Erminia. Maggie nunca cantava alto, ou colocava palavras em suas músicas; mas sua voz era muito doce, e era um grande prazer para ela deixá-la soar como música. Assim que seu pote foi preenchido, ela levou um susto com o surgimento repentino de Frank; pensou que ele estava em Cambridge, e, por alguma razão ou outra, o rosto dela, normalmente tão leve em cor, assumiu o tom do mais vívido escarlate. Ambos estavam tímidos demais para falar. Maggie curvou-se para levantar seu jarro, murmurando algumas palavras de surpresa.

“Não vá ainda, Maggie”, disse ele colocando sua mão na dela para impedi-la; mas, quando o resultado havia sido obtido, esqueceu-se de tirá-la novamente. “Eu vim lá de Cambridge para vê-la. Não conseguia mais suportar o suspense. Fiquei tão impaciente na espera de certo tipo de certeza, que eu subi até a cidade na noite passada só para sentir-me no caminho até você – apesar de saber que não poderia estar aqui tão cedo hoje para tal. Maggie – querida Maggie! Como está tremendo! Eu a assustei? Nancy disse que estaria aqui, mas foi muito impensado vir tão repentinamente até você.”

Não era a brusquidão de sua vinda – era a brusquidão de seu próprio coração, que saltava com os sentimentos despertados

provocados pelas palavras dele. Ela ficou muito pálida, e sentou-se no chão como antes. Mas levantou-se outra vez imediatamente, ficando em pé com a cabeça baixada e afastada. Ele havia soltado sua mão, mas agora buscava pegá-la novamente.

“Maggie, querida, posso falar?” Os lábios dela moveram-se, ele viu, mas não pôde ouvir. Uma pontada de terror correu por ele de que, talvez, ela não desejasse ouvir. “Posso falar com você?”, ele perguntou novamente, bastante tímido. Ela tentou fazer sua voz soar, mas não conseguiria; então ela olhou ao redor. Seus suaves olhos de cor cinza eram eloquentes naquele único olhar. E, mais feliz do que suas palavras apaixonadas e afetuosas poderiam demonstrar, ele falou até que a tremedeira de Maggie desse lugar a rubores luminosos e flamejantes, e até mesmo um tímido sorriso pairou sobre os lábios dela, formando covinhas em suas bochechas.

A água transbordava pelo jarro esquecido. Finalmente ela lembrou-se de suas tarefas, levantou o pote e teria corrido para casa, mas Frank, de forma decidida, tirou-o dela.

“De hoje em diante”, disse ele, “tenho o direito de carregar seus fardos.” Então, com um braço ao redor da cintura dela e com o outro carregando a água, eles subiram o morro íngreme coberto de grama. Perto do topo, ela quis pegá-lo de volta.

“Minha mãe não vai gostar disso. Ela vai achar muito estranho.”

“Oh, querida, se eu visse Nancy carregando esse jarro para cima do morro, eu teria feito o mesmo. Seria estranho se um homem não fizesse isso por uma mulher. Mas você precisa me deixar contar a sua mãe por qual razão tenho o meu direito de ajudá-la. É sua hora do almoço, ou não? Eu posso entrar para a refeição como um membro da família, não posso, Maggie?”

“Não”, disse ela, com suavidade. Maggie queria ficar sozinha, e temia ser oprimida pela expressão dos sentimentos de sua mãe, fraca e agitada como estava se sentindo. “Hoje não.”

“Hoje não?”, repetiu, em tom de censura. “Você é muito dura comigo. Deixe-me vir para o chá. Se você aceitar, deixo-a agora. Deixe-me vir para o chá mais cedo. Eu preciso falar com meu pai. Ele não sabe que estou aqui. Posso vir para o chá. Que horas? Às três horas. Oh, eu sei que você toma chá em alguma hora estranha,

bem cedo; talvez às duas. Eu tomarei cuidado para estar aqui na hora.”

“Não venha antes das cinco, por favor. Eu preciso contar para minha mãe, e preciso de um tempo para pensar. É tudo como um sonho. Vá, por favor.”

“Bem! Se é preciso, eu vou. Mas eu não sinto como se estivesse em um sonho, sinto-me como se estivesse em um verdadeiro paraíso abençoado quando a vejo.”

Finalmente ele partiu. Nancy estava esperando por Maggie no portão lateral.

“Jesus, misericórdia! Que tempão tu levastes para pegar a água, criança! A nascente está seca com o clima quente?”

Maggie passou correndo por ela. Durante todo o tempo do almoço, ela ouviu a voz de sua mãe em lamentação longa e contínua sobre algo. Ela respondeu aleatoriamente, e assustou sua mãe ao afirmar que achava que “aquilo” era muito bom, sendo que “aquilo” era o leite azedado pelo trovão. A Sra. Browne falou bruscamente, “ninguém é tão único quanto você, Maggie. Sei que por muito tempo você bebeu água no café da manhã porque uma vez, quando criança, sua xícara de leite tinha uma mosca afogada; e agora você vem dizer que não se importa com o acontecido, e que não tem importância, como se pudesse simplesmente comer todas as coisas que são estragadas pelo calor. Pois saiba que minha cabeça dói, então irei deitar assim que terminar o almoço.”

Sendo esse o plano dela, Maggie pensou que não tinha tempo a perder e que precisava fazer sua confissão. Frank estaria aqui antes que sua mãe levantasse novamente para o chá. Mas ela temia falar sobre sua felicidade, pois era ainda muito parecia com uma teia de aranha – era como se um toque pudesse estragar sua beleza.

“Mamãe, espere somente um minuto. Apenas sente-se em sua cadeira enquanto eu conto à senhora uma coisa. Por favor, querida mamãe.” Ela pegou um banquinho, sentou-se aos pés de sua mãe e começou a girar a aliança na mão da Sra. Browne, olhando para baixo sem falar nada, até que a outra ficou impaciente.

“O que é isso que você tem para dizer, criança? Aprece-se, pois eu quero subir.”

Como um grande impulso de resolução, Maggie falou:

“Mãe, Frank Buxton me pediu em casamento.”

Ela escondeu seu rosto no colo de sua mãe por um instante, e ergueu-o em seguida tão repleto de luz e felicidade, quanto o copo de uma vitória-régia sob a resplandecência do sol.

“Maggie, não diga isso”, pediu sua mãe meio incrédula. “Não pode ser, pois ele está em Cambridge, e não é dia de correspondência. O que está dizendo?”

“Ele veio esta manhã, mãe, quando eu estava lá embaixo no poço. Combinamos que eu falaria com a senhora; ele perguntou se poderia vir novamente para o chá.”

“Querida! Querida! E o leite todo estragado? Nós teríamos o nosso próprio leite se Edward não me tivesse dissuadido de comprar outra vaca.”

“Não creio que o Sr. Buxton vá se importar muito”, disse Maggie, deixando aparecer suas covinhas conforme se lembrava, meio inconscientemente, do quão pouco ele parecia se importar com qualquer coisa que não fosse ela.

“Oh, mas que coisa é essa agora?!”, disse a Sra. Browne, um tanto despertada por sua languidez e por sua dor de cabeça. “Todos disseram que ele estava noivo da senhorita Erminia. Você tem certeza de que não está enganada, criança? O que ele disse? Rapazes gostam muito de discursos bonitos, e moças são tão tolas, que imaginam que eles querem dizer alguma coisa. Uma vez conheci uma garota que pensou que um cavalheiro que havia enviado para sua mãe um leitão como presente havia feito tal gentileza como uma maneira delicada de fazer a ela uma proposta. Conte-me suas exatas palavras.”

Mas Maggie ficou corada. Não o faria, pois não o conseguiria fazer. Então a Sra. Browne começou novamente:

“Bem, se você tem certeza, você tem certeza. Pergunto-me como é que ele convenceu seu pai. Há tanto tempo ele e Erminia foram planejados um para o outro! No exato primeiro dia em que almoçamos lá depois da morte de seu pai, o Sr. Buxton contou para mim tudo a respeito. Eu imaginei que estivessem esperando apenas o fim do luto.”

Tudo isso era novidade para Maggie. Ela jamais pensara que nem Erminia nem Frank gostassem particularmente um do outro; sabia menos ainda dos planos do Sr. Buxton em relação a eles. A surpresa de sua mãe com seu noivado também a contagiou um pouco. Tornara-se muito natural naquelas duas últimas horas sentir que pertencia a ele; mas haveria mais discórdia por vir. A Sra. Browne prosseguiu com seu solilóquio:

“Devo levar em conta que ele poderá conseguir quatro mil por ano. Ele não contou a você, amor, contou, se eles ainda têm aquela péssima propriedade no canal sobre a qual o pai dele reclamava? Mas ele terá quatro mil. Oh, você terá sua carruagem, Maggie. Bom! Eu espero que o Sr. Buxton tenha recebido bem isso tudo, pois ele terá que tomar algumas decisões. Eu tinha certeza que ele estava noivo de Erminia.”

Mudanças representativas em tais assuntos ocorreram durante a tarde toda, e a Sra. Browne conversou longamente com Maggie, divagando ocasionalmente para falar sobre Edward e sobre o quão positivamente suas perspectivas futuras avançariam com o noivado.

“Deixe-me ver... existe a casa em Combehurst, o aluguel daquela seria cento e cinquenta por ano, porém não contaremos com isso. Mas têm as pedreiras” (ela contava nos seus dedos, pois não tinha a lousa que havia em vão procurado), “vamos considerar duzentos por ano, pois não acredito nas histórias do Sr. Buxton sobre elas renderem a ele apenas sete pence; e tem Newbridge, aquela é certamente mil e trezentos – onde é que eu estava, Maggie?”

“Mamãe querida, vá se deitar um pouco; a senhora parece bastante ruborizada”, disse Maggie, suavemente.

Era essa a maneira de ver seu noivado com um homem como Frank? Os comentários de sua mãe deprimiram-na mais do que ela poderia imaginar ser possível. A euforia da manhã estava tendo sua repercussão, e ela quis subir para a solidão debaixo da árvore de espinhos, onde havia esperado passar uma tarde tranquila e pensativa.

Nancy entrou para substituir os copos e as colheres no armário da cozinha. Acidentalmente, a velha criada cuidadosa quebrou um

dos primeiros. Ela ergueu os olhos rapidamente para sua senhora, que normalmente não tratava ofensas de tal tipo com pequenas reprimendas.

“Deixa para lá, Nancy”, disse a Sra. Browne, “é apenas um copo velho. E, com o casamento de Maggie, precisaremos comprar um conjunto novo para a festa.”

Nancy olhou perplexa para ambas e, enfim, uma luz alvoreceu em sua mente. A criada devolveu, então, seu olhar com astúcia e consciência para a Sra. Browne, dizendo muito tranquilamente:

“Acho que vou levar o próximo jarro até o poço eu mesma, e tentar a minha sorte. E pensar que senti tanto pela senhorita Maggie hoje de manhã! ‘Pobrezinha’, disse eu a mim mesma, ‘levar esse tempo todo no desconcertante poço’, (não negarei que eu digo algumas palavras *pesadas* a mim mesma algumas vezes *adoça* o sangue), ‘e ela tão cansada.’ Eu até pensei em ir ajudá-la; mas acho que ela tinha alguma outra ajuda. Posso arriscar dizer que tenha sido a de um jovem rapaz?”

“Quatro mil por ano, Nancy!”, disse a Sra. Browne exaltada.

“E um olhar despreocupado, e um coração gentil e cordial – e um passo livre – e um jeito para com os ricos ou para com os pobres... Sim, sim, eu sei. Não é necessário corrigir tudo o que se refere ao meu asseado S.B., feito de algodão vinho... Muito bem! Todo mundo tem a sua vez, mas a minha bem que está mais do que *tardando*.”

A velha e fiel criada veio até Maggie e colocou sua mão carinhosamente em seu ombro. Maggie atirou seus braços ao redor do pescoço dela e beijou seu rosto moreno e envelhecido.

“Que Deus lhe abençoe, criança”, disse Nancy, solenemente. Isso trouxe a música suave da paz de volta ao coração de Maggie, desfazendo finalmente aquela pausa angustiante. E ela começou a procurar por seu amado lá fora, meio que escondida atrás das cortinas de musselina da janela, que balançavam gentilmente em um vai e vem com as brisas da tarde. Ela ouviu um passo firme e dinâmico, e teve tempo apenas para uma olhadela naquele rosto antes de se afastar. Mas aquele rápido olhar deu a ela a impressão

de que as horas que se passaram desde que se viram não tinham sido mais serenas para ele do que foram para ela.

Mas quando ele entrou no salão, seu rosto estava alegre e brilhante. Ele subiu de um jeito franco e jubiloso até a Sra. Browne, que estava evidentemente bastante confusa sobre como recebê-lo – como o noivo de Maggie, ou como o filho do maior homem que conhecia.

“Certamente, senhor”, disse ela, “estamos todos muito agradecidos ao senhor pela honra que deu a nossa família!”

Ele parecia bastante desconcertado com a natureza da honra que havia conferido a eles sem se dar conta; mas, como a luz alvorecia sobre si, respondeu de maneira franca e alegre, demonstrando total respeito por sua futura sogra:

“E eu, sem dúvida, sou verdadeiramente grato pela honra que um dos seus concedeu a mim.”

Quando Nancy trouxe o chá, estava com seu vestido de domingo de calor; primeira vez que ele era usado fora da igreja, ou fora da ida ou da vinda de lá.

Depois do chá, Frank perguntou a Maggie se ela caminharia com ele; e, em conformidade, eles subiram a Fell-Lane, saindo para as colinas, que pareciam vastas e ilimitadas assim como o amor deles.

“Você contou para seu pai?”, perguntou Maggie, com uma ansiedade tensa escondida em seu coração.

“Sim”, disse Frank. Mas ele não prosseguiu. Apesar de desejar saber, ela temeu perguntar como o Sr. Buxton havia recebido a notícia.

“O que ele disse?”, perguntou, depois de um longo tempo.

“Oh! Era evidentemente uma nova ideia para ele o fato de eu estar ligado a você; e ele não absorve uma nova ideia rapidamente. Ele imaginava, de certa forma, ao que parece, que Erminia e eu formaríamos um casal; mas ela e eu concordamos, quando discutimos sobre isso, que jamais nos apaixonaríamos um pelo outro, mesmo que não houvesse nenhum outro ser humano no mundo. Erminia é uma criaturinha sensata, e diz que não se surpreende que um homem se apaixone por você. Não, Maggie, não baixe sua cabeça; deixe-me admirar seu rosto.”

“Eu sinto muito que seu pai não goste disso”, disse Maggie, deprimida.

“Eu também. Mas precisamos dar a ele tempo para aceitar a ideia. Não tenha medo... Com o tempo, ele ficará feliz. Ele tem muito bom gosto e boa sensibilidade, e gostará de você.”

Frank preferiu não contar a ninguém, nem mesmo para Maggie, o quão violentamente seu pai havia se colocado contra seu noivado. Ele ficou surpreso e transtornado a princípio ao descobrir o quão decididamente seu pai estava possuído pela ideia de que se casaria com sua prima, e que ela, de alguma forma, estava ligada a ele, independente dos sentimentos que ele tivesse; mas depois de abrir-se francamente com Erminia e de contar tudo a ela, descobriu que sua prima desconhecia igualmente os planos de seu tio; e estava quase tão contente quanto ele, apesar dos empecilhos.

Aliás, ela veio até o chalé no dia seguinte, depois que Frank havia retornado a Cambridge. Ela deixou seu cavalo aos cuidados do cocheiro perto dos pinheiros no platô e desceu correndo o morro como de costume. Maggie saiu para encontrá-la, com uma pequena insegurança em seu coração em relação à veracidade daquilo que Frank havia dito, de que Erminia, morando na casa com ele, lhe teria permanecido indiferente. Mas Erminia jogou seus braços ao redor do pescoço dela, e sentaram-se juntas nos degraus do pátio.

“Jem está segurando meu cavalo porque eu não tenho coragem de descer essa colina cavalgando; por isso não posso me demorar. Agora, comece de uma vez, Maggie, faça uma rapsódia sobre Frank. Ele não é um rapaz charmoso? Oh! Eu estou tão contente. Agora não fique aí corada sorrindo para si mesma – conte tudo a respeito. Eu sempre quis tanto conhecer alguém apaixonado, que precisava ouvir sobre como é; no minuto que pude, vim até aqui. Frank acabou de ir. Ele teve outra longa conversa com meu tio depois que voltou daqui esta manhã; mas temo que ele ainda não tenha feito muito progresso.”

Maggie suspirou. “Não é surpresa para mim ele achar que não sou boa o bastante para Frank.”

“Não! A dificuldade seria encontrar qualquer uma que ele achasse que serviria para o seu filho exemplar.”

“Ele achou que você serviria, querida Erminia.”

“Então Frank contou isso para você, não é? Suponho que agora não temos mais segredos de família”, disse Erminia, rindo. “Mas posso lhe assegurar que eu tinha como uma forte rival a moça Adela Castlemayne, a filha do duque de Wight; ela era a moça mais bonita que meu tio já havia visto – ele viu-a apenas no Grand Stand nas corridas de Woodchester e nunca disse a ela uma palavra em sua vida. E mesmo que ela tivesse o coração de Frank, ainda assim meu tio não estaria satisfeito enquanto seu filho não se casasse com sua própria princesa Vitória;³ nenhuma garota teria sido boa o suficiente enquanto outra melhor estivesse disponível. Mas, Maggie”, disse ela, sorrindo para o rosto de sua amiga, “eu acho que você teria dado risada se pudesse ter visto o jeito do meu tio comigo durante todo o dia. Ele acha que estou sofrendo de um amor não correspondido; então ficou me observando durante o desjejum e finalmente quando eu tinha comido um ninho inteiro cheio de ovos e sei lá quantos pedaços de torrada, ele tocou o sino e pediu um salvelino em conserva. Eu não fazia ideia de que era para mim, e não o quis quando veio; e então ele suspirou do jeito mais melancólico e disse, ‘minha pobre Erminia!’ Se Frank estivesse lá, mesmo parecendo terrivelmente infeliz, eu tenho certeza que ele teria dado uma gargalhada.”

³

- Provável referência à rainha do Reino Unido, cujo reinado durou 1837 a 1901.

“Frank parecia infeliz?”, perguntou Maggie, apreensiva.

“Essa Agora! Você não liga para nada, a não ser para a menção ao nome dele.”

“Mas ele parecia triste?”, persistiu Maggie.

“Não posso dizer que ele parecia feliz, ratinha querida; mas foi bem diferente de quando ele voltou da visita que lhe fez. Você sabe que sempre dominou a arte de acalmar o incômodo de qualquer pessoa. Você e minha tia Buxton são as únicas duas pessoas que eu conheci com esse dom.”

“Eu sinto tanto por ele ter algum incômodo a ser acalmado”, disse Maggie.

“Pois eu acho que vai fazer muito bem para ele. Pense no quão bem-sucedida a vida dele tem sido! As honras que ele conseguiu em Eton! Sua foto tirada, e sei lá o quê! E em Cambridge está acontecendo exatamente a mesma coisa. Ele ficaria insuportavelmente soberbo em poucos anos se não se deparasse com algumas dificuldades.”

“Soberbo! Oh, Erminia, como você pode dizer isso?”

“Porque é a verdade. Acontece que ele tem muita predisposição; e, portanto, sua força de vontade não é nem desagradável, nem ofensiva; mas deixe-o ser tomado uma vez por um desejo ruim e você então verá o quão veemente e soberbo ele pode se tornar. A resistência de meu tio é uma questão capital para ele. Como a querida e doce tia Buxton diria, ‘existe um propósito santo em tudo isso’; e como tia Buxton não diria, mas como eu digo, tola que corre por onde os anjos temem passar,⁴ ‘o propósito nisso é ensinar ao senhor Frank paciência e submissão’.

4

- Frase escrita pela primeira vez por Alexander Pope, poeta britânico do século XVIII, em seu poema na *Essay on Criticism* (1709).

“Erminia, como você pôde evitar...” e então Maggie pausou.

“Eu sei o que você quer dizer; como eu pude não me apaixonar por ele? Acho que ele não tem mistério e reservas suficientes para mim. Eu iria gostar de um homem com certa obscuridade profunda e impenetrável ao redor dele; algo que alguém poderia estar sempre se questionando a respeito. Além do mais, imagine que choque de desejos teria havido! Meu tio teve uma visão muito limitada em seu plano; mas não acho que ele pensou tanto sobre a compatibilidade de nosso caráter e modos, quanto pensou na compatibilidade de nossas fortunas!”

“Que vergonha, Erminia! Ninguém se importa menos com dinheiro do que o Sr. Buxton!”

“Aí está uma boa norinha eleita! Mas sinceramente, eu realmente acho que ele está começando a se importar com dinheiro; não por sua própria causa, mas como um meio de engrandecimento para Frank. Tenho observado, desde que vim para casa no Natal, um anseio crescente por fazer render ao máximo suas propriedades – algo com que ele jamais se importara antes. Não acho que ele tenha consciência disso, mas numa ou duas coisas eu notei. Não me surpreenderia se ele acabasse se tornando um avaro em sua idade avançada.”, Erminia suspirou.

Maggie quase simpatizou com aquele pai que buscava o que imaginava ser o melhor para seu filho, sendo tal filho, Frank. Apesar de ela estar tão convencida quanto Erminia de que o dinheiro não poderia ajudar na conquista da felicidade, naquele momento ela não conseguiu evitar e disse:

“Oh! Como eu gostaria de ter uma fortuna! Eu gostaria muito de dar tudo a ele.”

“Ora essa, Maggie! Não seja boba! Eu nunca a ouvi desejar que as coisas fossem diferentes. Vou aproveitar a oportunidade para passar-lhe um sermão sobre suas besteiras. Não! Na verdade não vou. Você parece triste e cansada com toda a sua agitação; e, além disso, eu tenho que ir, ou Jem vai se preocupar com o que poderia ter acontecido comigo. Minha querida *prima*, virei muito frequentemente para vê-la e talvez eu ainda lhe dê o meu sermão.”

CAPÍTULO VI

Era verdade que o Sr. Buxton, assim como seu filho, tinha nele as sementes da soberba. Mas suas condições de vida não a haviam trazido à tona. Ele tinha mais riqueza do que precisava; teve uma esposa gentil, que, se o dominava, jamais demonstrou ou teve ela mesma consciência do fato; tinha a admiração de seus vizinhos, um simples grupo afetoso de pessoas, cujos pais haviam morado próximos ao seu pai e ao seu avô com a mesma relação amável, recebendo benefícios cordialmente cedidos, e recompensando-os com boa vontade e atenção respeitosa. Essas eram as circunstâncias ao redor dele; e até que seu filho saísse da infância, não havia existido um desejo que ele não realizasse assim que surgisse. Mesmo quando Frank esteve na escola e na faculdade, tudo correu muito bem; ele recebeu honras suficientes para satisfazer um pai muito mais ambicioso. Na verdade, foram as honras que ele recebeu que estimularam a ambição de seu pai. Ele recebia cartas de tutores e diretores profetizando que, se Frank assim quisesse, poderia alcançar as "mais altas honras na igreja ou no estado". E a ideia assim sugerida, vaga como era, persistiu e tomou conta da mente do Sr. Buxton; e, pela primeira vez em sua vida, fez com que ele desejasse que sua própria carreira tivesse tomado um rumo que o pudesse levar a ter contatos com os grandes e poderosos. Mas sua timidez e seu embaraço, por não estar acostumado à sociedade, tornaram-no o contrário do que Frank quando, ocasionalmente, pedia para trazer tal e tal colega de escola, ou amigo da faculdade, para uma visita em casa. Agora ele estava arrependido, pois desejava tais conexões, que poderiam ter sido assim formadas; e, em suas visões, ele voltou-se para o casamento como a melhor forma de remediar seu erro. Erminia estava certa ao dizer que seu tio havia pensado na senhorita Adela Castlemayn por um instante; não saberia dizer, no entanto, como a pequena bruxa havia descoberto isso, já que a ideia desaparecera imediatamente de sua mente.

Ele era sábio o bastante para ver sua total vaidade, mas isso se seu filho permanecesse indistinto. Pois sua esperança era esta, se Frank se casasse com Erminia, suas propriedades juntas (sendo herdeira de seu pai) justificariam a permanência firme no condado; ou, se ele pudesse se casar com a filha de algum personagem de liderança no condado, isso os conduziria pelo mesmo caminho, e, assim, de uma vez por todas, ele obteria uma posição no parlamento, onde seus grandes talentos teriam escopo e margem suficientes. Dessas duas visões, sua favorita (pelo bem de sua irmã) era a do casamento com Erminia.

E, no meio disso tudo, a notícia de seu noivado com Maggie Browne caiu como uma bomba; uma garotinha doce o bastante, mas sem fortuna ou contatos; sem, até onde o Sr. Buxton sabia, o menor poder, ou capacidade, ou espírito que ajudasse Frank em sua carreira para que se destacasse na região! Ele resolveu considerar aquilo um capricho de menino, fácil de ser suprimido; e então não deu importância a Frank. Ele observava os lábios de seu filho, sua fronte tranquila. Frank jamais havia falado em tom mais respeitoso do que agora, quando se opunha firmemente a seu pai. Se ele tivesse demonstrado mais violência em seus modos, teria irritado menos seu pai; sem dúvida, foi a conversa mais triste que aconteceu entre aquele pai e seu filho.

O Sr. Buxton tentou se acalmar, acreditando que Frank mudaria de ideia se conhecesse mais do mundo; mas, de alguma forma, ele intuía uma descrença em relação a isso. O pior era que não havia defeito a ser encontrado em Maggie. Ela provavelmente almejaria as realizações que ele esperava da esposa de seu filho. Suas relações, também, eram tão perfeitamente respeitáveis (apesar de simples o bastante em comparação com os desejos elevados do Sr. Buxton), que não havia nada a ser contestado naquela questão. Sua posição era a grande ofensa. Ele desejava encontrar qualquer razão que não fosse essa para desaprovar o noivado. Estava aí seu incômodo. Ele assumiu uma reserva em relação a Frank; a restrição era tão fora do comum para sua postura transparente e cordial, que parecia deixá-lo irritadiço em relação a todos os outros em contato com ele, exceto Erminia. Ele achava difícil agir corretamente com

Maggie. Como todas as pessoas habitualmente cordiais, ele ia para o oposto extremo quando queria mostrar um pouco de frieza. Apesar de poder estar bravo com os eventos dos quais ela era a causa, ela era dócil e inocente demais para ser tratada tão friamente; mas sua estranheza era tão grande, que um homem que encontrasse seu maior inimigo, cada um conhecendo o ódio do outro, agiria com distância menos gélida do que aquela com que o Sr. Buxton tratava Maggie. A pobre garota simplesmente seguia adiante em seu próprio caminho, amando seu noivo mais do que tudo – não só em nome da velha gentileza, mas também porque ele era o pai de Frank. Ele, por outro lado, evitava encontrá-la com inquietação tão evidente e dolorosa, que ela enfim passou a tentar poupá-lo do encontro. Saía apressada da igreja, ou demorava-se atrás de todos, a fim de evitar a única chance que tinham agora de serem forçados a falar um com o outro; pois ela não ia mais a querida casa em Combehurst, apesar de Erminia vir vê-la mais do que nunca.

A Sra. Browne estava perplexa e incomodada mais do que se podia imaginar. Ela criticava o Sr. Buxton para todos, exceto para Maggie. Para ela, dizia: “Qualquer um em sã consciência poderia ter previsto o que aconteceu, e teria pensado bem a respeito disso antes de se apaixonar por um rapaz de tantas expectativas como o Sr. Frank Buxton.”

Em meio a todo esse conflito, Edward veio de Woodchester para um dia ou dois. Ele havia recebido a notícia do noivado em uma carta da própria Maggie – mas o tema era sagrado demais para ser discorrido para ele, e a Sra. Browne não era de escrever cartas. Então este foi o seu primeiro cumprimento a Maggie depois de beijá-la:

“Muito bem, Sancho, consegui sucesso por si só. Assim que recebi sua carta, disse a Harry Bish ‘águas paradas são profundas. Aqui está minha irmãzinha Maggie, criatura tão quieta quanto sempre foi. Consegui agarrar o jovem Buxton, que ganha cinco mil por ano.’ Não fique tão vermelha, Maggie. Harry certamente ouviria isso em pouco tempo de alguém, e não vejo porque guardar segredo, pois isso traz consequência para todos nós.”

“O Sr. Buxton está bastante confuso com isso”, disse a Sra. Brown queixosamente, “e tenho certeza de que ele não precisa estar, pois tem dinheiro suficiente, se é isso que ele quer; e o pai de Maggie era um clérigo, e eu vi ‘o proprietário de terras’ com os meus próprios olhos sobre as carroças do velho Sr. Buxton (do pai do Sr. Lawrence). Um clérigo está sempre acima de qualquer proprietário de terras. Se Maggie tivesse qualquer pensamento por outras pessoas, ela jamais teria ficado noiva sabendo que traria alguma ofensa. Nunca mais fomos convidados para almoçar. Eu não parto um pão por lá desde o último Natal.”

“Bah!”, respondeu Edward; estava desapontado, mas logo se alegrou. “Eu imaginei que poderia dar uma mãozinha pressionando o velho Buxton em relação às decisões dele, mas vejo que ainda não é a hora. Mesmo assim, verei o velho cavalheiro. Sou um de seus favoritos, porém duvido que consiga fazer com que ele mude de ideia.”

“Reze, Edward. Não vá!”, disse Maggie. “Frank e eu estamos satisfeitos em esperar, e certamente iríamos preferir que ninguém fosse falar com o Sr. Buxton a respeito de um tema que evidentemente provoca nele tanta dor. Por favor, Edward. Não!”

“Muito bem. Eu devo ir apenas para tratar da propriedade dele. Além do mais, não pretendo cair em desgraça; então vou parecer não saber nada sobre isso, já que a questão estragaria seu humor. Eu quero manter uma boa relação por conta da agência. Então talvez eu balance minha cabeça, considerando uma grande presunção da sua parte, Maggie, ter imaginado se tornar nora dele. Se não posso fazer nenhum bem a você, posso muito bem fazer algum a mim mesmo.”

“Espero que não me mencione de forma alguma”, replicou ela.

Um conforto (e quase o único que surgiu da visita de Edward) era que ela agora poderia ser poupada, tendo a chance de subir até a árvore de espinhos para acalmar sua ansiedade e para trazer paz a todas as discórdias sob as doces influências da natureza. A Sra. Buxton tentara ensinar a ela a força da verdade encantadora, a de que as “melodias do sino eterno” podem habitar os corações daqueles que exercem suas tarefas diárias nas cidades e nos

lugares movimentados e populosos; e que isolamento não é necessário para os que têm fé, pois estes sentem a imediata presença de Deus; nem total quietude do ser humano parece necessária diante do fato de que podem ouvir as músicas dos passos de Seus anjos; mas a alma de Maggie ainda era um jovem discípulo; e ela sentia que era mais fácil falar com Ele, e buscar Sua ajuda, sentando-se solitariamente, com a vegetação crescendo e escurecendo ao redor dela, e sem nenhuma criatura a vista, a não serem as manchas brancas de ovelhas distantes e os pássaros que evitavam as assombrações dos homens, flutuando em pleno ar inerte.

Às vezes, Maggie desejava ir até o Sr. Buxton para lhe contar como ela poderia aceitar sua posição se seu desgosto pelo noivado tivesse surgido por considerar que ela fosse indigna de seu filho. Ela considerava a posição de Frank nobre e promissora. Com impulsos veementes e dons naturais, ansiando por um emprego de valor, a vontade dele era suprema a tudo, como um jovem imperador tranquilamente sentado em seu trono – imperador cujos generais impetuosos e sábios conselheiros permaneciam em pé igualmente prontos para obedecê-lo. Mas se um casamento fosse para ser realizado por mensuração adequada e equilíbrio de caráter, e se os outros, com suas balanças, devessem ser os juízes, o que seria de todos os belos serviços prestados pela lealdade do amor verdadeiro? Onde estaria a elevação dos fracos pelos fortes? Ou a resistência do paciente? Ou a graciosa confiança daquela:

*"Cuja fé é fixa e não se pode mover;
Grandioso e sábio, ela o sente sombriamente,
Com olhos fiéis, ela permanece nele,
'Eu não consigo entender: eu amo.'"¹*

¹

- In memoriam, de Alfred Lord Tennyson.

Os modos e conduta de Edward causaram nela mais ansiedade do que qualquer outra coisa. Certamente, nenhuma outra ponderação poderia ser chamada de ansiedade se comparada àquela. Os seus defeitos ela não pôde deixar de notar, fortaleciam-se e cresciam proporcionalmente a ele. Sem conseguir evitar, perguntava-se de onde ele havia obtido dinheiro para pagar por seu traje, que ela imaginava ser de tipo muito caro. Acidentalmente, ouviu-o fazer alusão a "corridas até a cidade", que, na época, nem ela nem sua mãe estavam cientes. Ele pareceu embaraçado quando ela perguntou a respeito, apesar de tentar rir; e perguntou como ela, uma garota do interior, engaiolada entre um grupo de pessoas, poderia fazer ideia da vida que um homem precisava ter para liderar quem "tinha qualquer esperança de progredir no mundo." É preciso ter contatos e relações, ver algo da vida e estar sempre presente aqui e ali. Ela estava em silêncio, mas não satisfeita. Nem estava aliviada em relação à saúde dele. Frank parecia doente e abatido, e, quando não estava matraqueando e rindo, seu rosto caía em um aspecto de ansiedade e inquietude, o que era novo para ela. Dolorosamente, ele a fazia lembrar-se de uma antiga gravura alemã que tinha visto no portfólio da Sra. Buxton chamada "O prazer cavando uma Sepultura". O prazer era representado por uma figura terrível de um rapaz avidamente aplicado ao seu trabalho sombrio.

Alguns dias depois de Edward partir, Nancy veio até ela em seu quarto.

"Senhorita Maggie", disse ela, "posso só lhe dizer uma palavra?" Mas quando a permissão fora dada, ela hesitou.

"Não é da minha conta, certamente", disse ela enfim, "apenas, veja bem, eu tenho morado com sua mãe desde seu casamento, e importo-me muito com você e o Sr. Edward. E acho que ele está tirando todo o dinheiro de sua mãe; isso tem *incomodado* meus pensamentos. Você não sabe disso, mas ele ganhou o velho relógio de seu pai quando esteve aqui da penúltima vez; achei que ele estava na idade de ter um relógio e que era tudo natural. Porém creio que ele vendeu o de seu pai e arranjou aquele outro vagabundo no lugar. Talvez seja natural também – jovens gostam

de modas jovens. Mas desta vez eu acho que ele levou o relógio de sua mãe; pelo menos, eu não o vi desde que ele foi embora. E hoje, pela manhã, ela falou comigo sobre os meus ordenados. Com certeza eu jamais a cobre nem a perturbei com isso; mas vou confessar que estamos próximos agora de doze meses desde que me pagou; e ela era tão pontual quanto um relógio até então. Agora, Srta. Maggie, não pareça tão triste, ou vou desejar nunca ter falado. A pobre senhora parecia entristecida com a situação, e disse algo que não fiz questão de ouvir; eu estava era muito sem jeito por ela achar que eu precisava de desculpas, e coisa e tal. Eu prefiro é viver sem ordenados a ter o olhar dela tão envergonhado como o dessa manhã. Não quero dinheiro, meu bem – tenho um bocado no banco. Mas tenho medo de que o Sr. Edward esteja gastando demais e que esteja pressionando a minha senhora.”

Maggie estava certamente muito chateada. Sua mãe jamais lhe contara nada sobre isso, portanto, era evidentemente uma questão dolorosa para ela; e Maggie decidiu, depois de passar metade da noite acordada, que escreveria a Edward, censurando-o, e que em qualquer gasto pessoal ou da família, ela seria, mais do que nunca, rigidamente econômica.

A relação plena, livre e natural entre seu amado e ela não falhava em ser conferida pela aversão do Sr. Buxton ao noivado. Frank voltou para passar um tempo no início do outono. Ele havia deixado Cambridge e pretendia entrar na Temple assim que suas férias terminassem. Frank não havia estado em casa por muito tempo antes de Maggie ficar sabendo através de Erminia, que não tinha nenhuma noção de silêncio discreto em relação a coisa alguma, e através também de sua própria observação do estranhamento crescente entre pai e filho. Pela primeira vez em sua vida, o Sr. Buxton vinha sendo frio com Frank; o pobre filho sentia-se deprimido e perturbado com seu pai repetindo obstinadamente a mesma frase em resposta a todos os argumentos a favor de seu noivado – argumentos que para ele eram irrefutáveis e que, de tão óbvia que era a conclusão, requeriam um esforço de paciência de sua parte para examiná-los e recapitulá-los; mas sempre obtinha a mesma resposta, as mesmas palavras uniformes:

“Frank! Não adianta falar. Eu não aprovo esse noivado; e *nunca* aprovarei.”

Ele tirava seu chapéu e corria para Maggie em busca de consolo. Seu pai sabia aonde ele ia, mesmo que não lhe fosse dito, e tinha ciúmes da influência dela sobre seu filho, que por muito tempo fora seu primeiro e supremo propósito na vida.

O Sr. Buxton não precisava ficar enciumado. Independente do quão bravo e indignado Frank estivesse, quando ele subia para o chalé, Maggie quase o convencia em poucos minutos de que seu pai estava apenas fora de sua razão por conta de seu afeto extremo. Ainda assim, ela via que tais diferenças frequentes enfraqueceriam a ligação entre pai e filho; e por isso encorajava Frank a aceitar o convite que lhe fora feito para ir até a Escócia.

“Você me contou”, disse ela, “que o Sr. Buxton aceitará, e que você seria apenas um acompanhante; que de acordo com seu pai, quando você vir outras pessoas, mudará de ideia. Teste agora o quanto você pode suportar os efeitos da ausência.”, disse ela, brincando. Mas ele estava com um humor irritadiço.

“Que coisa sem sentido, Maggie! Você não se importa com toda essa demora; e absorve as péssimas razões de meu pai como se acreditasse nelas.”

“Eu não acredito nelas, mas mesmo assim elas podem ser verdadeiras.”

“Você iria gostar, Maggie, se eu a encorajasse a sair e a ver um pouco da sociedade para conferir se encontraria alguém que gostasse mais? Isso é mais provável no seu caso do que no meu, pois você nunca saiu de casa, enquanto eu já conheci metade da Europa.”

“Você está com muito medo, não está, Frank?”, disse ela com seu rosto brilhante e corado, e com seus olhos cinza sorrindo para ele. “Eu imagino que ficaria encantada se pudesse conhecer aquele Harry Bish de quem Edward está sempre falando. Ele deve vestir lindos coletes! Você não acha que eu deveria conhecê-lo antes que o nosso noivado seja considerado realmente definitivo?”

Mas Frank não daria risada. Na verdade, como todas as pessoas bravas, ele encontrava em cada frase um novo motivo de ofensa.

Ela não considerava o noivado definitivo? Mas ele preferiu entender sua brincadeira, e não respondeu. Ela disse novamente:

“Querido Frank, você não está bravo comigo, está? Não faz sentido pensar que vamos sair pelo mundo colhendo e escolhendo homens e mulheres em busca do que é melhor, como se fossem frutas; como se não houvesse algo em nossos próprios corações que, se ouvíssemos conscientemente, prontamente anunciaria quando houvéssemos encontrado aquela pessoa única dentre todas as outras. Agora, sim, estou sendo sensata? Suponho que sim, pois seus traços lúgubres estão relaxando e formando um sorriso. Está certo. Mas agora ouça isto. Eu acredito que seu pai viria aqui em pouco tempo se não estivesse irritado todos os dias por saber de suas visitas a mim. Se você mantivesse certa distância, ele saberia que escreveríamos um para outro, mas não saberia exatamente quando. Agora ele sabe onde você está, assim como eu, e ele sempre sabe quando você vem para cá; e eu imagino, pelo que Erminia diz, que isso faz com que ele fique bravo durante todo o tempo em que você está fora.”

Frank estava quieto, mas disse enfim: “É bastante irritante ser obrigado a reconhecer que existe alguma verdade no que você diz. Mas, mesmo que eu fizesse o que sugere, não sei se conseguiria partir. Meu pai não conversa mais comigo sobre seus assuntos como costumava fazer; então fiquei bastante surpreso ontem ao ouvi-lo contar para Erminia (apesar de que tenho certeza de que ele pretendia passar a informação para mim) que havia contratado um agente.”

“Então haverá menos ocasiões em que você precisará estar em casa. Ele não vai precisar de sua ajuda com as contas dele.”

“Ajudei-o muito pouco com isso. Quis por muito tempo que ele tivesse alguém para tomar conta de seus assuntos, pois são muito complicados e ele é muito descuidado. Mas acredito que minha assinatura será necessária para algumas novas locações – pelo menos assim ele me disse.”

“Isso não deverá tomar muito de seu tempo”, disse Maggie.

“Não a mera assinatura. Mas quero saber algo mais sobre a propriedade e os locatários propostos. Acredito que esse Sr. Henry

que meu pai contratou é um tipo de homem muito difícil. Ele é tido como escrupulosamente honesto e honrado; mas temo que esteja um pouco inclinado demais a direcionar barganhas difíceis a favor de seus clientes. Quero ser convencido do contrário antes, se possível, de deixar meu pai em suas mãos. Então você, sua juíza cruel, ainda não vai me despachar, vai?”

“Não”, disse Maggie, felicíssima com sua própria decisão, e ficando corada com o prazer de ter sua razão convencida de que o certo era que Frank ficasse um pouco mais.

A correspondência do dia seguinte trouxe para ela uma carta de Edward. Não havia nela uma palavra sequer a respeito de suas perguntas ou a respeito de sua reclamação; ela poderia não ter sido escrita, ou recebida; mas algumas linhas apressadas e ansiosas pediam para que Maggie respondesse àquela correspondência, dizendo se era mesmo verdade que o Sr. Buxton havia contratado um agente. “Depois de ter dito a mim o que disse tempos atrás, seria uma trapaça vil e sem sentido. Não há como dizer o quanto preciso que faça o que estou solicitando. Mais uma vez, *escreva diretamente*. Se Nancy não puder levar a carta ao correio, leve-a correndo até Combehurst você mesma. Eu preciso ter uma resposta amanhã e preciso de cada detalhe: como, quem é tal agente, quando será nomeado, etc. Mas não posso acreditar que tal informação seja verdadeira.”

Maggie perguntou a Frank se ela poderia contar a seu irmão o que ele havia dito a ela no dia anterior. E ele disse:

“Oh, sim, certamente, se ele quer saber. Claro que você não dirá nada sobre a minha opinião sobre o Sr. Henry. Ele virá amanhã e então poderei julgar o quão certo estou.”

CAPÍTULO VII

No dia seguinte, o Sr. Henry apareceu. Ele era um homem quieto e de aparência austera, de inteligência e refinamento consideráveis, e gostava muito de música e de agradar Erminia, quem havia temido sua visita. Mas todas as cortesias da vida foram colocadas de lado quando ele entrou no santuário do Sr. Buxton – seu “escritório”, como ele costumava chamar a sala onde recebia seus inquilinos e pessoas de negócio. Frank achou que o Sr. Henry era pouco cortês ao evidenciar explicitamente sua surpresa e desprezo diante da desorganização corriqueira das correspondências e livros que não passavam de sinais visíveis. O próprio Sr. Buxton sentiu-se como um aluno apresentando uma lição imperfeita, mais do que jamais se sentira desde seus treze anos.

“A única surpresa, meu bom senhor, é que ainda possua alguma propriedade; que não lhe tenham roubado até o último cent.”

“Eu me responsabilizo por isso”, disse o Sr. Buxton em resposta. “Você não encontrará nenhuma trapaça em andamento. Eles não ousariam, senhor, pois sabem que eu tomaria como exemplo a primeira malandragem que descobrisse.”

O Sr. Henry levantou suas sobancelhas, mas não respondeu.

“Além do mais, senhor, a maioria desses homens têm morado há gerações nas terras dos Buxtons. Eu daria minha vida, eles não me trairiam.”

O Sr. Henry disse friamente:

“Imagino que uma análise detalhada destes livros feita por um contador será a melhor prova da honestidade de tais inquilinos. Se eu tiver a permissão, escreverei a um hábil colega que conheço, pedindo a ele que venha até aqui para ajustarmos este monte de documentos.”

“Qualquer coisa – qualquer coisa que desejar”, disse o Sr. Buxton, simplesmente feliz por escapar do jeito frio e desdenhoso com que o advogado tratava do tema.

O contador apareceu, e ele e o Sr. Henry ocuparam-se intensamente no escritório por vários dias. O Sr. Buxton estava

desorientado com as perguntas que lhe faziam. O Sr. Henry interrogou-o de maneira preocupante, como se forçasse uma testemunha pouco disposta a fornecer evidência. Muitas e muitas vezes ele desejou sinceramente ter permanecido em seu velho curso até o fim de sua vida, ao invés de colocar-se nas mãos de um agente; mas consolou-se pensando que, de qualquer forma, eles seriam convencidos de que jamais havia permitido que o traíssem ou que o intimidassem, apesar de não ter feito qualquer cortejo de exatidão.

Foi um desgosto para ele quando, certa manhã, o Sr. Henry solicitou sua presença, e, com uma voz fria e nítida, leu em voz alta uma declaração admiravelmente elaborada, informando ao pobre senhorio sobre os desfalques, e mais ainda, sobre os impostos daqueles em que ele havia confiado. Se estivesse sozinho, teria certamente se esvaído em lágrimas por descobrir que haviam abusado de sua confiança. Mas, por conta da situação, ficou passionalmente furioso.

"Eu irei processá-los, senhor. Nenhum homem escapará. Farei com que devolvam cada ceutil, pode ter certeza. E indenizações também. Crayston, o senhor disse? Foi esse um dos nomes? Oh, é exatamente este Crayston que foi administrador das propriedades de meu pai por anos. O canalha! Coloquei-o na minha melhor fazenda quando se casou. E agora está tirando vantagens de mim, não é?"

O Sr. Henry passou pelos itens do relatório: "421/, 13s.4-3/4d. Temo que parte disso não conseguiremos recuperar."

E ele seguia adiante, quando o Sr. Buxton interrompeu: "Mas eu vou recuperar. Eu terei cada ceutil disso. Irei à justiça com o traidor. Não me importo com dinheiro, mas odeio ingratidão."

"Se quiser, posso pegar a opinião de um consultor sobre o caso", disse o Sr. Henry friamente.

"Pegue qualquer coisa, por favor, senhor. Pois este Crayston foi o primeiro homem a me colocar em um cavalo... E pensar que agora me trai!"

Alguns dias depois dessa conversa, Frank veio para sua visita habitual a Maggie.

“Você poderia vir e subir na árvore de espinhos, querida?”, perguntou. “É um dia solitário e eu quero o consolo de uma conversa de hora tranquila com você.”

Então eles foram e sentaram-se em silêncio por algum tempo, olhando para o céu azul calmo e inerte sobre os cumes das colinas, aonde o alvoroço do mundo jamais viera atrapalhar a paz, e onde a tranquilidade jamais fora interrompida pelos altos prantos passionais dos homens.

“Fico feliz em ver que gosta da minha árvore de espinhos”, disse Maggie.

“Eu gosto da vista daqui. A ideia do isolamento que deve existir entre os vazios daquelas colinas é agradável para mim hoje em especial. Oh, Maggie! É um daqueles momentos em que eu fico deprimido em relação aos homens e ao mundo. Temos em casa hoje tantas mágoas, tantas revelações, tanto remorso e sofrimento. Crayston, o velho inquilino de meu pai, veio em casa. Parece – temo que não haja dúvida sobre isso – que ele tem roubado muita coisa. Meu pai foi muito negligente e colocou seus dependentes em grande tentação; e Crayston, que é um homem velho com uma família grande e extravagante, cedeu. Ele recebeu uma notificação sobre a intenção que meu pai tem de processá-lo; veio, então, até em casa para confessar tudo, pedindo perdão e tempo para pagar de volta o que conseguisse. Um mês atrás, meu pai teria dado ouvidos a ele, acredito; mas agora, ele está atormentado pelas palavras do Sr. Henry, e revelou uma terrível fúria. Foi uma manhã extremamente angustiante. O pior lado de todas as pessoas parece ter vindo à tona. Mesmo Crayston, com toda a sua penitência e aparente candura, precisou ser questionado de perto pelo Sr. Henry para que contasse a história toda. Meu Deus! Aquele dinheiro tinha mesmo o poder de corromper os homens. Foi só por dinheiro, e pelo valor desse dinheiro, que se deu tamanha degradação. Quanto ao Sr. Henry, se for para salvar o dinheiro e proteger tal dinheiro de seu cliente, ele não se importa, nem sequer percebe a forma com que induz a deterioração do caráter. O Sr. Henry tem encorajado meu pai a medidas que eu não posso classificar de outra forma a não ser vingativas. Crayston será tomado como um exemplo, dizem

eles. Como se meu próprio pai não tivesse metade da culpa! Como se não tivesse errado ao descartar suas obrigações como um homem rico! Dinheiro era impuro para ele; mas ele deveria ter se lembrado de como a vida pode ser para muitos, e de como os desejos e a cobiça podem ser intensos, permitindo que a ambição extrema anule os princípios, assim como aconteceu com o pobre Crayston. Falam sobre como ele costumava ser sincero, sobre como sua dignidade foi deixada de lado; e, evidentemente, ele perdeu a natureza exata da verdade. Eu tenho medo dos ricos; tenho medo da responsabilidade deles. De certa forma, gostaria de ter começado a vida como um menino pobre, e de ter trabalhado para trilhar o meu caminho até o sucesso. Então eu conseguiria entender, lembrando-me sempre das tentações da pobreza. Temo que meu próprio coração fique endurecido como o de meu pai. Você não tem noção da severidade impetuosa que ele mostrou hoje, Maggie! Isso foi uma surpresa até para mim!”

“Mas será por pouco tempo”, disse ela. “Ele deve estar muito magoado com esse homem.”

“Se eu imaginasse que poderia algum dia ficar tão duro e indiferente aos apelos miseráveis de um criminoso, assim como meu pai hoje pela manhã – um criminoso que ele próprio ajudara a criar – partiria para a Austrália de uma vez. Na verdade, Maggie, eu acho que seria a melhor coisa que poderíamos fazer. Meu coração sofre com as corrupções misteriosas e com os males de uma velha sociedade como a que temos na Inglaterra. O que me diz, Maggie? Você iria?”

Ela estava em silêncio, *pensando*.

“Eu iria com você imediatamente se fosse o certo”, disse ela enfim. “Mas seria? Acho que seria bastante covarde. Sinto o que você diz, mas você não acha que seria mais valente ficar e resistir a tanta depressão e ansiedade em nome do bem que sempre podem fazer os que veem os demônios claramente. E este tempo todo estou falando como se nem você nem eu tivéssemos obrigações em casa, como se fôssemos livres para fazer o que quiséssemos.”

“O que você ou eu podemos fazer? Somos menos do que gotas no oceano; até que ponto a nossa influência pode moldar uma

nação?”

“Quanto a isso”, disse Maggie, rindo, “nem os modos antiquados de Nancy eu posso remodelar – eu jamais teria a pretensão de remodelar uma nação.”

“Então o que você quis dizer com o bem que sempre podem fazer os que veem os demônios claramente? Os demônios que eu vejo são aqueles de uma nação cujo deus é o dinheiro.”

“É só porque você acabou de chegar de uma cena dolorosa. Amanhã você ouvirá ou lerá a respeito de alguma ação heroica reconhecida pela nação, e ficará contente e terá orgulho de seu país.”

“Ainda assim eu verei claramente os males de seu estado complexo de sociedade. E onde está o bem que posso fazer?”

“Oh! Não posso lhe dizer no momento. Mas você não consegue enfrentar corajosamente esses males, aprendendo sua natureza e causas? E então Deus não lhe deu poderes para investir na descoberta da solução deles? Querido Frank, pense! É possível que seja muito pouco o que consiga fazer – e é possível que você nunca veja o efeito de tais ações, não mais do que o efeito mundial que uma viúva viu de sua esmola. Então se todos os homens bons e de reflexão fugissem de nós para algum novo país, o que faríamos com nossa pobre e querida Velha Inglaterra?”

“Oh, teriam que fugir com esses homens bons e de reflexão – vou *considerar* isso um elogio a mim, Maggie! Você permitirá que eu deseje ter nascido pobre se ficarmos na Inglaterra? Eu, então, não seria responsável pelo erro que vejo os ricos cometerem: a indiferença às provações dos pobres.”

“Não tenho certeza se, tendo nascido pobre, você não teria tido a possibilidade de cometer um erro exatamente igual, e não tenho certeza se também não teria esquecido que os ricos também têm suas provações. É muito difícil compreender os erros provocados pelas condições dos homens. Lembra-se de uma história do ‘Eveningsat Home’¹ chamada ‘Transmigrações de Indra’? Bem! Quando eu era criança, costumava desejar poder ser transmigrada (é esta a palavra certa?) em um senhor de escravos americano por

um curto tempo, apenas para que pudesse entender como ele provavelmente sofria; e como provavelmente se sentia terrivelmente confuso; e como provavelmente rezava e desejava ser libertado de sua odiosa riqueza, para mesmo assim no final ter sua natureza endurecida – e desde aquela época, pela mesma razão, tenho desejado ser o imperador da Rússia. Ah! Você pode rir, mas isso é só porque eu ainda não me expliquei direito.”

1

- Coleção de seis volumes de história escritas por John Aikin e sua irmã Anna Laetitia Barbauld (1792 – 1796).

“Eu só estava sorrindo por imaginar o quão ambiciosa você poderia parecer para qualquer um que não a conhecesse.”

“Não vejo nenhuma ambição nisso – e não penso na posição – apenas gostaria muito de ver ‘O que resistiu’ de Burns², para eu poder ter mais misericórdia por aqueles que a mim parecem ter sido a causa de males e desgraças tão infinitas.”

2

- Robert Burns (1759 – 1796) foi um autor escocês de poemas e canções, sendo “A Valsa da Despedida” muito conhecida em português por ter ganhado uma versão feita por João de Barro e Alberto Ribeiro.

“O que está feito podemos parcialmente computar; Mas não podemos saber o que resistiu”³, repetiu Frank, comicamente. Depois de um tempo, ele retomou:

3 - Adress To The Unco Guid, poema de Robert Burns.

“Mas, Maggie, eu não desisto dessa minha vontade de ir à Austrália – Canadá, se você preferir – qualquer lugar onde haja um estado de sociedade mais novo e mais puro.”

“A maior objeção parece ser a sua obrigação como filho único para com seu pai. É diferente do caso de alguém que vem de uma família grande.”

“Gostaria de ser um em vinte, então eu poderia casar onde eu quisesse amanhã.”

“Seria necessário o consentimento de duas pessoas para uma medida tão rápida”, disse Maggie, rindo. “Mas agora farei um desejo que não precisará de fada madrinha para que se realize. Olhe, Frank, você consegue ver um clarão amarelo de luz no meio daquela faixa de vegetação marrom escura e roxa? É um lago, creio eu, que nesta época do ano pega um raio inclinado do sol. Não pode ser muito longe daqui. Todo outono eu desejo ir até lá. Você iria comigo? Agora? Teremos tempo antes do chá.”

A insatisfação de Frank aumentou ao invés de diminuir, com as medidas austeras que, incitado pelo Sr. Henry, seu pai assumiu em relação a todos que abusaram de sua negligência como senhorio. Conversou cordialmente com ele sobre a questão, mas sem sucesso. Ele protestou com o Sr. Henry e disse que achava que, se seu pai tivesse controlado sua natureza negligente, e se tivesse sido um senhorio rigoroso e vigilante, esses inquilinos jamais teriam sido expostos à grande tentação de lhe fazer mal; e que por isso, ele considerava que algumas licenças deveriam ser dadas a eles, assim como alguma oportunidade para que redimissem seus caracteres, que seriam destruídos e enrijecidos para sempre pela divulgação de uma ação judicial. Mas o Sr. Henry apenas ergueu suas sobranceiras e respondeu:

“Gosto de ver tais conceitos em um rapaz, senhor. Eu tinha os mesmos pensamentos na sua idade. Acredito que tinha grandes ideias naquela época sobre a questão da tentação e da força das circunstâncias; e era tão quixotesco quanto qualquer um sobre a reabilitação de intrujões. Mas minha experiência convenceu-me de que malandragem é inata. Nada, a não ser força externa, pode controlá-la e contê-la. Os terrores da lei devem ser tal força. Eu admiro a bondade de seu coração, mas, entre os três e os vinte anos, nós não procuramos pela sabedoria e experiência dos que têm quarenta ou cinquenta.”

Frank estava indignado por ter sido ignorado como um jovem imaturo. Ele desaprovava tão fortemente todas essas ações e as coisas que agora estavam acontecendo em sua casa sob a influência do Sr. Henry, que estava determinado a pagar sua promessa de tempos atrás e ir visitar a Escócia; e Maggie, com o

coração triste de ver o quanto ele estava sofrendo, encorajou-o em sua determinação.

CAPÍTULO VIII

Depois que Frank partiu, deu-se início a um novembro do tipo mais sombrio e particular. Havia chuva incessante e névoas que se aproximavam sem nenhum brilho de raio de sol para iluminar as gotas de água, e para fazer os troncos e galhos úmidos das árvores reluzirem. Toda cor parecia enfraquecida e escurecida; e a estaladiça glória de outono das folhas, caía encharcada no chão. As últimas flores vinham apodrecendo sem jamais afluírem; e era como se o céu pesado e monótono estivesse cada vez mais próximo, cobrindo o pequeno chalé de Moorland como um manto. Dentro de casa, as coisas não eram mais animadoras. Maggie via que sua mãe estava deprimida, e achava que a extravagância de Edward era provavelmente o motivo. Ela frequentemente se perguntava até onde deveria falar sobre a questão; e uma ou duas vezes tentou tocar no assunto; mas, com o recuo de sua mãe, Maggie não via nenhum bem definido a ser alcançado com o confronto de tamanha dor. Para ela, teria sido um alívio saber a verdade – a pior, até onde sua mãe tinha conhecimento; porém ela não estava acostumada a pensar em si própria. Apenas tentou, por meio de longa atenção carinhosa, alegrar e confortá-la; e ela e Nancy esforçaram-se de todas as formas para reduzir os gastos da casa, pois havia pouco dinheiro disponível para cobri-los.

Maggie escrevia regularmente para Edward, mas, desde a nota perguntando sobre a agência, ela nunca mais teve notícias dele. Se sua mãe recebia cartas, ela não sabia; mas, de qualquer forma, ela não expressava ansiedade, apesar de seus olhares e comportamento entregarem o fato de que sofria calada. Foi quase um alívio para Maggie quando a fragilidade da saúde de Nancy trouxe alguma mudança para seus pensamentos. O clima úmido e sombrio trouxe à tona algum tipo de crise reumática, o que forçava a velha criada a ficar de cama. Tempos atrás, em tal emergência, eles contratariam a mulher de algum morador de outro chalé para vir fazer o trabalho da casa; agora, porém, parecia tacitamente compreendido que não poderiam pagar por isso. Mesmo quando

Nancy piorou e precisava ser acompanhada durante a noite, Maggie persistia em suas ocupações diárias. Ela era sábia o suficiente para descansar quando e como podia; e, com certa ponderação, ela esperava ser capaz de passar pela desgastante fase sem nenhuma consequência ruim.

A manhã do dia dois de dezembro (a troca de nome do mês, apesar de não representar mudança nas circunstâncias, foi um alívio – dezembro trouxe boas notícias) era uma manhã sombria e melancólica, e Maggie olhou para o relógio ao sair do quarto de Nancy. Vendo que ainda não era cinco e meia, e sabendo que sua mãe e Nancy estavam as duas dormindo, ela decidiu deitar e descansar por uma hora antes de levantar para acender o fogo. Maggie não pretendia dormir, mas estava tão exausta, que caiu em sono profundo. Foi acordada com um susto. Ainda estava escuro, mas ela tinha certeza de que havia sido acordada por algum barulho diferente e forte. E ouviu mais uma vez, contra a janela, como um tiro repentino. Ela foi até lá, abriu-a e olhou lá fora. De uma maneira misteriosa e difícil de descrever, ela sabia que alguma criatura humana estava por perto, apesar de não ter visto nem ouvido ninguém no primeiro instante. Então, Edward falou em um sussurro rouco, logo abaixo da janela, em cima dos canteiros das flores:

“Maggie! Maggie! Desça aqui e deixe-me entrar. Por Deus, não faça nenhum barulho. Ninguém deve saber.”

Maggie ficou preocupada. Evidentemente, algo estava errado, e ela estava cansada e aborrecida. No entanto, desceu cuidadosamente as velhas escadas que rangiam e puxou o pesado trinco, deixando seu irmão entrar. Ela percebeu que a vestimenta dele estava bastante úmida, e levou-o com passos cautelosos até a cozinha. Maggie fechou a porta e mexeu o fogo antes de falar. Edward atirou-se em uma cadeira como se estivesse esgotado. Ela ficou em pé, esperando por alguma explicação. Mas quando viu que ele não conseguia falar, correu para fazer uma xícara de chá; então se agachou para tirar as botas molhadas dele, ajudou-o a tirar o casaco e trouxe sua própria camisa de flanela para cobri-lo. Durante todo esse tempo, o coração dela ficava cada vez mais apertado. Ele

deixou que ela fizesse o que queria como se fosse um autômato; sua cabeça e seus braços estavam esparramados para baixo e seus olhos estavam fixos, de forma notória, no fogo. Quando ela trouxe o chá, Edward falou pela primeira vez. De início, Maggie não conseguiu ouvir o que ele dizia; mas então ele repetiu com voz extremamente rouca:

“Você não tem vinho?”

Maggie tinha a chave da pequena adega, e buscou um pouco. Mas como ela trouxera uma colher de sopa para medir a quantidade do vinho, ele agarrou a garrafa tremendo e chacoalhou um pouco dentro da xícara de chá vazia, tomando tudo em um só gole. O rapaz caiu novamente em sua cadeira, mas em alguns minutos despertou, parecendo mais forte.

“Edward, querido Edward, o que está acontecendo?”, perguntou Maggie ao ver que ele havia levantado e estava cambaleando até a porta de saída, como se estivesse indo mais uma vez em direção à chuva e à sombria madrugada.

Ele a olhou furioso quando ela colocou a mão em seu braço.

“Maldição! Não me toque. Eu não serei mantido aqui para ser pego e enforcado!”

Por um instante ela pensou que ele estava louco.

“Pego e enforcado?!”, repetiu ela. “Meu pobre Edward! O que você quer dizer?”

Ela sentou-se repentinamente numa cadeira perto dele e cobriu o rosto com suas mãos. Quando falou, sua voz estava fraca e suplicante:

“A polícia está atrás de mim, Maggie! O que devo fazer? Oh! Você pode me esconder? Pode me salvar?”

Ele parecia selvagem, como uma criatura sendo caçada. Maggie ficou horrorizada. E então ele continuou:

“Minha mãe! – Nancy! Onde estão elas? Eu estava molhado e morrendo de fome, e vim para cá. Não deixe que me peguem, Maggie, até que eu fique mais forte e consiga lutar.”

“Oh! Edward! Edward! O que está dizendo?”, disse Maggie, sentando na cômoda em desespero transtornado e absoluto. “O que você fez?”

“Eu mal sei. Estou em um sonho terrível. Vejo que pensa que estou louco. Eu gostaria de estar. Nancy descerá em breve? Você precisa me esconder.”

“A pobre Nancy está doente na cama!”, disse Maggie.

“Graças a Deus”, disse ele. “Uma a menos. Mas minha mãe levantará em breve, não é?”

“Ainda não”, respondeu Maggie. “Edward, querido, tente explicar o que você fez. Por que a polícia estaria atrás de você?”

“Porque, Maggie”, disse ele com um tipo de risada forçada e artificial, “eles dizem que eu cometi um crime.”

“E você cometeu?”, perguntou Maggie em um tom baixo e calmo de agonia silenciosa.

Ele não respondeu por algum tempo, mas se sentou, olhando fixamente para o chão. Finalmente, ele disse como se falasse consigo mesmo:

“Se fiz isso, não foi mais do que outros já não tenham feito antes sem jamais terem sido descobertos. Eu estava apenas emprestando dinheiro. Eu pretendia devolver. Se eu tivesse pedido ao Sr. Buxton, ele teria emprestado.”

“O Sr. Buxton?”, bradou Maggie.

“Sim!”, respondeu ele, olhando brusca e repentinamente para ela. “Seu futuro sogro. O velho amigo de meu pai. É ele que está me caçando vivo ou morto! Não precisa ficar tão pálida e horrorizada, Maggie! É assim que é o mundo, como eu poderia ter imaginado se não tivesse sido um tolo cego.”

“O Sr. Buxton!”, suspirou ela, enfraquecida.

“Oh, Maggie!”, disse ele, atirando-se de repente aos pés dela, “salve-me! Você pode. Escreva para Frank e faça com que ele induza seu pai a conceder a mim seu perdão. Eu vim para vê-la, minha doce e misericordiosa irmã! E sabia que me salvaria. Bom Deus! Que barulho foi esse? São passos no quintal!”

E antes que ela pudesse falar, ele correu para a pequena cristaleira e agachou-se na escuridão. Era apenas o homem que trazia de uma fazenda próxima dali o suplemento de leite da manhã. Mas quando Maggie abriu a porta da cozinha, percebeu que

a luz pálida e fria de outro dia de inverno já havia tomado conta do ar.

“Você está atrasada com suas venezianas hoje, senhorita”, disse o homem. “Espero que Nancy não tenha dado a vocês uma noite ruim. Eu disse ao Thomas, que veio comigo até o portão, ‘já fazia um tempão que não via as venezianas do salão fechadas até as oito e meia.’”

Maggie, assim que o homem partiu, abriu todas as janelas baixas para que pudessem parecer como de costume. Ela espantou-se com sua própria compostura aparente, quando, por dentro, sentia-se tão sem vida e cansada. Sua mãe levantaria em breve; ela deveria saber? Vez ou outra, de seu esconderijo, Edward falava com ela. Ele não ousava voltar para a cozinha, onde os poucos vizinhos que tinham poderiam vir de suas passagens pela manhã até Combehurst, para perguntar se gostariam que levassem até lá alguma mensagem da Sra. Browne ou de Nancy.

Talvez uns quinze minutos, mais ou menos, houvessem se passado desde o primeiro alarme, e ela tentava acender a lenha do salão para que, quando o médico chegasse, pudesse encontrar tudo como de costume. Foi quando Maggie ouviu o clique do portão do jardim e os passos de um homem vindo pela entrada. Ela correu para as escadas para que, lá em cima, antes de abrir a porta, pudesse se livrar dos traços das lágrimas que vinham escorrendo pelo seu rosto enquanto fazia seu trabalho. Lá fora, contra a luz aquosa do dia chuvoso, estava o Sr. Buxton. Ele mal falou com ela, mas a empurrou e passou entrando para o salão. Ele sentou-se, parecendo não saber o que estava fazendo. Maggie tentou conter sua trêmula inquietação. Havia tempo que ela não o via, e a velha imagem de sua disposição gentil e cordial fora tristemente distorcida pelo que ouvira de Frank a respeito de seus procedimentos severos contra seus inquilinos indignos; e agora, se ele estava colocando a polícia atrás de Edward, era para realmente se ter medo dele; e com Edward tão perto dali, podendo ouvi-lo! E se as porcelanas caíssem? Ele não suspeitaria de nada; era apenas o seu próprio terror. E se sua mãe descesse? Mas, mesmo com

todos esses pensamentos, ela estava bastante calma, aparentemente, quando se sentou esperando que ele falasse.

“Teve notícias de seu irmão recentemente?”, perguntou ele, olhando para cima de um modo perturbado e zangado. “Ele não tem escrito para casa há algum tempo. Com a culpa que carrega em sua consciência, não poderia. Não acreditarei em gratidão novamente. Talvez tenha havido algo parecido alguma vez; mas hoje em dia, quanto mais você ajuda uma pessoa, maior a certeza de que será traído. Agora, não fique branca e pálida. Sei que você é uma menina essencialmente boa; passei a noite toda acordado, e tenho um acordo para propor a você. Aquele canalha do seu irmão!”

Maggie não conseguiu perguntar o que Edward havia feito (o que seria natural de uma pessoa que de fato não soubesse o que estava acontecendo). Ela sabia muito bem. Mas o Sr. Buxton estava cego demais com todos os seus pensamentos e sentimentos para notar isso.

“Você sabe que ele tem agido assim como os outros? Sabe que ele tem me traído, falsificando a minha assinatura? E sabe-se lá o que mais. É bom, para ele, que tenham alterado as leis, salvando-o da força” (um peso mortal fora retirado da mente de Maggie), “mas o Sr. Henry irá despachá-lo para outro país. Ele é pior que Crayston. Crayston apenas arrancou a mata sem pagar aluguel e vendeu a madeira, achando que eu jamais sentiria falta. Mas seu irmão forjou o meu nome. Ele recebeu todo o dinheiro da negociação, sendo que me deu apenas a metade, dizendo que o restante viria depois. E o patife ingrato entregou um recibo falso! Eu poderia ter sido derrubado com uma palha quando o Sr. Henry revelou isso tudo na noite passada. ‘Jamais fale comigo sobre virtude e sobre tamanha charlatanice outra vez’, disse eu. ‘Jamais acreditarei. Todos são a favor do que podem conseguir.’ O Sr. Henry escreveu para o superintendente da polícia em Woodchester, e hoje pela manhã foi até lá pessoalmente para acompanhar o caso. E pensar que seu pai teve tal filho!”

“Oh, meu pobre pai!”, Maggie soluçou. “Como fico feliz que tenha morrido antes dessa desgraça cair sobre nós!”

“Você bem pode chamar de desgraça. Em si, você é uma boa menina, Maggie. Eu sempre digo isso. Não consigo entender como foi que Edward mudou desse jeito. Mas agora, Maggie, tenho algo para dizer a você.”

Ele remexeu-se inquieto, como se não soubesse como começar. Maggie estava em pé recostando sua cabeça contra parte da chaminé; desejava que seu visitante partisse, pois temia pelo próximo minuto. Ela desejava se encolher em algum canto escuro do esquecimento, onde pudesse apagar tudo de sua mente por um tempo, até que conseguisse recuperar uma pequena porção da força de seu corpo, que havia sido seriamente testado recentemente. O Sr. Buxton viu sua aparência pálida de angústia e compreendeu-a em partes, mas não completamente. Ele estava muito atento ao que ia dizer.

“Eu passei a noite em claro, pensando. A senhorita percebe a desgraça que é para você, apesar de ser inocente; e tenho certeza de que não consideraria envolver Frank nisso tudo.”

Maggie foi até o pequeno sofá e, ajoelhando-se nele, escondeu seu rosto nas almofadas. Ele não continuou, pois imaginou que ela não o estava ouvindo. Enfim, ele disse:

“Vamos lá, seja uma garota sensata e erga o rosto. Eu tenho um plano para propor a você.”

“Estou ouvindo”, disse ela, com uma voz monótona e opaca.

“Oh! Você sabe como eu sempre fui contra esse noivado. Frank tem apenas vinte e três anos e não conhece a si próprio – como costume dizer. Além do mais, ele poderia se casar com qualquer uma que ele escolhesse.”

“Ele escolheu a mim”, murmurou Maggie.

“Claro, claro. Mas você não vai pensar em mantê-lo nisso depois do que se passou. A senhorita não iria querer ver um sujeito tão fino como Frank sendo apontado como o cunhado de um criminoso, iria? Isso está muito longe do que desejei para ele! Você está feliz que seu pai esteja morto, ao invés de estar aqui para ver este dia, e estou de acordo. E você não vai desgraçar Frank. Pelo que o Sr. Henry ouve, Edward tem sido um descrédito para você de várias formas. O Sr. Henry estava em Woodchester ontem, e ele diz que,

mesmo que Edward tenha sido justamente inscrito como um advogado, seu nome poderá ser eliminado dos Rolls¹ por tamanha coisa que fizera. Imagine meu Frank tendo seu brilhante nome manchado por qualquer conexão com tal homem! O Sr. Henry diz que, mesmo diante da justiça, o que veio à tona sobre Edward é desculpa suficiente para o rompimento de uma promessa de casamento.”

1

- Lista de todos os advogados admitidos para a prática da lei.

Maggie ergueu seu rosto lívido, as pupilas de seus olhos estavam dilatadas e seus lábios estavam completamente brancos. Ela olhou diretamente para o Sr. Buxton com paciência indignada:

“Sr. Henry! Sr. Henry! O que o Sr. Henry tem a ver comigo?”

O Sr. Buxton ficou desconcertado com o olhar selvagem e imperioso, tão novo sobre o rosto doce e suave. Mas ele estava resoluto pelo bem de Frank, e voltou às acusações depois de um momento de pausa.

“O Sr. Henry é um bom amigo que tem meu interesse em seu coração. Ele sabe o motivo de lamentação que seu noivado tem sido para mim – apesar da minha repugnância a ele realmente não ter tido uma causa no início, se comparada ao que é no momento. Agora seja razoável, minha querida. Eu pretendo fazer algo por você se você fizer algo por mim. A senhorita precisa entender o obstáculo que esse triste ocorrido impôs a qualquer plano entre você e Frank. E você precisa entender que motivos eu tenho para desejar punir Edward por seu comportamento ingrato, para não citar a falsificação. Agora, não sei o que o Sr. Henry dirá para mim, mas eu tenho pensado nisto. Se você escrever uma carta a Frank, apenas dizendo discretamente que, por razões que devem para sempre permanecer desconhecidas...”

“Permanecer desconhecidas para Frank?”, disse Maggie, novamente erguendo sua cabeça. “Por quê?”

“Por quê? Minha querida! Você me surpreende com esses seus modos – deixe-me apenas terminar minha frase. Se disser que, por

razões que devem para sempre permanecer desconhecidas, está decidida e desiste imutavelmente de qualquer ligação ou noivado com ele (noivado ao qual, na verdade, a conduta de Edward havia feito bem em pôr um fim), irei até Woodchester dizer ao Sr. Henry e à polícia que não precisam mais fazer novas buscas atrás de Edward, pois não irei testemunhar contra ele. A senhorita pode salvar seu irmão, e não lhe fará nenhum mal escrever essa carta, pois você vê obviamente que o seu noivado está rompido. E você jamais iria querer desprestigiar Frank.”

Ele fez uma pausa, esperando ansiosamente por uma resposta sua. Mas ela não falou.

“Tenho certeza de que, se eu testemunhar contra ele, será justamente exilado”, acrescentou, depois de um momento.

Neste exato momento, houve um pequeno barulho de porcelana sendo deslocada na cristaleira. O Sr. Buxton não deu atenção, mas Maggie ouviu e levantou-se calmamente diante do Sr. Buxton.

“O senhor precisa ir”, disse ela. “Conheço o senhor e sei que não tem consciência de como foi cruel comigo quando pediu para que eu desistisse da única esperança e essência da minha vida...” Por um momento, ela não pôde continuar, pois perdera a fala com tanta angústia.

“Foi a verdade, Maggie”, disse ele, um tanto envergonhado.

“Foi a verdade que trouxe tal crueldade. E o senhor não pretendia falar cruelmente comigo, eu sei. Mas é difícil ser, de repente, chamada a encarar a vergonha e o caráter detestável de alguém que fora uma vez uma criança inocente nos joelhos do mesmo pai.”

“Posso ter falado francamente demais”, disse o Sr. Buxton, “mas foi necessário colocar a pura verdade diante de você pelo bem do meu filho. Você escreverá a carta que peço?”

O olhar dela era errante e incerto; e sua atenção foi mais uma vez distraída por sons que, para ele, não significavam nada. Naquele momento ela sentiu seu julgamento hesitante e perturbado.

“Não sei dizer. Dê-me tempo para pensar – o senhor fará isso, tenho certeza. Vá agora e deixe-me sozinha. Se for o certo, Deus

me dará forças para fazê-lo, e talvez me conforte em minha desolação. Mas eu não sei – não sei dizer. Preciso de tempo para pensar. Vá agora, por favor, senhor”, implorou ela.

“Tenho certeza de que verá que aquilo que peço a você é o certo”, ele persistiu.

“Vá agora”, ela repetiu.

“Muito bem. Em duas horas eu voltarei; pelo seu bem, o tempo é precioso. Ele pode ser preso enquanto falamos. Voltarei às onze.”

Ele partiu, deixando-a tonta e enjoada com todo aquele esforço para ficar calma e recolhida para conseguir pensar. Maggie havia se esquecido por um momento o quão próximo Edward estava, e assustou-se quando viu a porta da cristaleira aberta e o rosto dele para fora.

“Finalmente se foi? Achei que jamais iria. Por quanto tempo você o segurou, Maggie! Eu estava com tanto medo, você podia ter sentado e escrito a carta nesta sala; sei que assim ele iria parar de preocupá-la com interrupções e conselhos sem fim; e minhas costas estavam quase quebradas. Mas você mandou-o embora notoriamente. Oh, Maggie! Maggie! – você não vai desmaiar, definitivamente!”

A mudança repentina de sussurro para uma alta exclamação de surpresa fez com que ela voltasse a si, mas não conseguia ficar em pé. Mesmo assim, tentou sorrir, pois ele parecia realmente assustado.

“Eu tenho ficado sentada, passando muitas noites em claro e agora essa tristeza!” O sorriso dela então se desfez, transformando-se em um debilitado choro de lamúria.

“Muito bem! Acabou agora, como vê. Eu mesmo estava totalmente apavorado hoje pela manhã, reconheço; e então você foi corajosa e gentil. Mas eu sabia que você poderia me salvar desde o começo.”

Neste momento a porta foi aberta e a Sra. Browne entrou.

“Oh, Edward, querido! Quem imaginaria ver você! Que bondade a sua; que surpresa agradável! Eu sempre digo que você poderia vir de Woodchester para passar um dia. Qual o problema, Maggie, você parece muito cansada? Ela está perdendo toda a sua beleza, não

está, Edward? Onde está o desjejum? Achei que encontraria tudo pronto. O que está havendo? Por que você não fala?”, inquiriu ela, já ficando inquieta com o silêncio deles. Maggie deixou a explicação para Edward.

“Mãe”, disse ele, “eu tenho sido um garoto bastante levado e me meti em certa encrenca; mas Maggie, como uma boa irmã, dará a mim certa ajuda para que tudo seja resolvido.”

“O quê?”, disse a Sra. Browne, olhando confusa e preocupada.

“Oh! Eu tomei certa liberdade com o nome de nosso amigo Sr. Buxton; e coloquei-o em um recibo – e foi tudo.”

O rosto da Sra. Browne mostrava que a luz vinha, porém, lentamente para dentro de sua mente.

“Mas isso é falsificação, não é?”, perguntou ela pausadamente e aterrorizada.

“As pessoas chamam assim”, disse Edward. “Eu chamo de empréstimo de um velho amigo que estava sempre disposto a emprestar.”

“Ele sabe? Ele está *bravo*?”, perguntou a Sra. Browne.

“Sim, ele sabe; e fez um grande tumulto. Ele estava bastante triste a princípio. Maggie! Eu fiquei assustado como nunca, eu digo a você.”

“Ele esteve aqui?”, disse a Sra. Browne em um pavor perplexo.

“Oh, sim! Ele e Maggie tiveram uma longa conversa enquanto eu estava escondido na cristaleira. Eu não faria isso de novo, nem por meia hora, por dinheiro algum. Entretanto, ele e Maggie reconciliaram-se finalmente.”

“Não, Edward, não nos reconciliamos!”, disse Maggie, com voz baixa e trêmula.

“Mas chegaram bem perto disso. Ela vai desistir de seu noivado e eu, então, terei o perdão dele.”

“Você quer dizer que Maggie vai desistir de seu noivado com o Sr. Frank Buxton?”, perguntou sua mãe.

“Sim. Não daria em nada, qualquer um poderia ver isso. O velho Buxton manteria sua opinião contrária à união dos dois até o dia do juízo final. E cedo ou tarde Frank seria vencido pelo cansaço. Se Maggie tivesse tido alguma coragem, ela teria insistido para que se

casassem no início; e então eu teria sido poupado desse susto. Eles jamais teriam colocado a polícia atrás do irmão da Sra. Frank Buxton.”

“Oh, querido Edward, a polícia não está atrás de você, está?”, perguntou a Sra. Browne pela primeira vez consciente da urgência do caso.

“Acredito que está”, disse Edward. “Mas depois do que o Sr. Buxton prometeu esta manhã, isso não significa nada.”

“Ele não fez promessa nenhuma”, disse Maggie.

Edward virou bruscamente para ela e encarou-a. Então, pegou seus punhos gentilmente e falou entre os dentes:

“O que você quer dizer, Maggie? – O que você quer dizer?” Chacoalhando-a, ele prosseguiu: “Você quer dizer que vai ficar junto de seu amado diante de condições favoráveis ou não, e deixará seu irmão ser exilado? Diga, você não seria capaz, seria?”

Ela ergueu o olhar para ele e tentou falar, mas nenhuma palavra saiu de sua garganta seca. Enfim, diante de grande esforço, ela respondeu.

“Você precisa dar um tempo para que eu pense. Farei o que for *certo* com a ajuda de Deus.”

“E, se não for certo, não poderá salvar o seu irmão?”, disse ele, largando as mãos dela de forma passional.

“Eu preciso ficar sozinha”, disse Maggie, levantando-se e tentando se manter firme de pé na sala ébria. Ela ouviu sua mãe e Edward falando, mas suas palavras pareciam não fazer sentido; então, saiu. Ela estava deixando a casa pela porta da cozinha quando se lembrou de Nancy, deixada sozinha e desamparada durante toda aquela longa manhã; e, mesmo enferma e ansiosa pelo isolamento, ela pacientemente cumpriu com suas pequenas obrigações e buscou algo para o desjejum da pobre senhora idosa.

Quando ela subiu as escadas com a refeição, Nancy disse:

“Tem alguma coisa acontecendo. Posso ver em seu doce rosto que existe algum problema, meu bem. Não precisa contar nada – só não chore. Orarei por você, criança, e Deus lhe ajudará.”

“Obrigada, Nancy. Mesmo!”, e deixou o quarto.

CAPÍTULO IX

Quando ela abriu a porta da cozinha, lá estava a mesma garoa que havia obscurecido a luz por semanas, e agora ela parecia obscurecer a esperança.

Maggie subiu lentamente e com dificuldades a Fell-Lane, pois estava realmente muito fraca. Atirou-se, então, debaixo da árvore de espinho sem folhas. Cada pequeno galho e graveto estavam carregados com gotas de chuva. Ela não via a familiar e tão amada paisagem por causa de suas lágrimas, e não sentia falta das colinas distantes que estavam escondidas atrás das nuvens carregadas e da vasta garoa.

A Sra. Browne e Edward sentaram-se próximos ao fogo. Ele contou a ela sua própria história, dando ênfase à tentação e colocando seu crime como algo meramente insignificante, um erro venial ao qual fora induzido por sua ideia de que se tornaria o agente do Sr. Buxton.

“Mas se é só isso”, disse a Sra. Browne, “o Sr. Buxton certamente não pensará em levá-lo à justiça?”

“Ele não pretende apenas me levar à justiça, mas vai tentar me exilar. Esse Henry que ele conseguiu como agente é afiado como uma agulha, e tão duro quanto uma pedra. E o sujeito conseguiu tanto controle sobre o Sr. Buxton, que este, agora, faz apenas o que ele manda. Não consigo imaginar como sobrou nele algum livre arbítrio para vir com sua proposta até Maggie; a não ser que, na verdade, Henry já saiba de tudo – ou, o que é mais provável, encorajou-o a fazê-lo. Juntos deram àquele tolo Crayston um belo castigo; seria ainda pior comigo se não fosse por Maggie. Mas me deixe ser claro desta vez, daqui em diante seguirei o barlavento da lei.”

“Se vendêssemos o chalé, poderíamos devolver o dinheiro”, disse a Sra. Browne, refletindo. “Maggie e eu conseguiríamos viver com muito pouco. Mas você entende que esta propriedade deveria ser entregue nas mãos de vocês dois.”

“Não, mãe; você não precisa falar sobre devolução de dinheiro. Dependendo da situação, ele ficará tão contente em ter Frank livre de seu noivado, que não pensará em pedir dinheiro. E se o Sr. Henry disser algo sobre isso, podemos dizer que não é nem a metade da indenização que teriam que pagar a Maggie. Gostaria que ela voltasse; assim eu poderia prepará-la um pouco em relação ao que deve dizer. Mantenha a atenção lá fora, mãe; não quero que o Sr. Buxton volte e encontre-me aqui.”

“Também gostaria que Maggie voltasse”, disse a Sra. Browne. “Tenho medo de que ela se resfrie nesse dia úmido, e aí terei duas para cuidar. Você acha que ela vai desistir, não acha, Edward? Se ela não o fizer, temo pelo mal que possa cair sobre você. Não é melhor você sumir de vista?”

“É bom conversar. Aonde posso ir para me esconder da polícia neste dia chuvoso, sem nenhum xelim? Se a senhora conseguir algum dinheiro para mim, sairei rápido o bastante, e farei da certeza algo duplamente certo. Não tenho muito medo de Maggie. Ela é uma criatura hesitante, e eu sempre consigo convencê-la a fazer o que quero. E é melhor ela tomar cuidado também”, disse ele com um olhar desesperado em seu rosto, “pois por Deus – vou fazê-la desistir de todos os seus sonhos com Frank, ao invés de buscá-los. Oh! É a chance da minha vida; e a senhora acha que terei tudo destruído pelo capricho de uma garota?”

“Eu acho que também é bem difícil para sua irmã”, alegou sua mãe. “Ela gosta muito dele, e teria sido uma união muito boa para ela.”

“Bah! Ela ainda não fez nem dezenove, tem muito tempo para escolher outra pessoa; enquanto que eu se for pego e exilado, estarei acabado para o resto da vida, a senhora não vê? Além do mais, sei que Frank já está se cansando do relacionamento; ele teria terminado em um mês ou dois sem deixar nada para ela.”

“Bem, se você pensa assim”, respondeu a Sra. Browne. “Mas eu sinto muito por Maggie. Sempre lhe dizia que era tolice pensar tanto nele; sei que se romperem, ela ficará arrasada.”

“Oh! Ela em breve terá o consolo da certeza de ter salvado seu irmão. Gostaria que ela voltasse. Deve ser quase onze. Eu

realmente gostaria que ela voltasse. Ouça! Não é a porta da cozinha?”, disse ele, ficando pálido e refugiando-se mais uma vez na cristaleira. Edward deixou-a entreaberta até ouvir Maggie pisando sutil e lentamente no piso. Ela abriu a porta do salão e ficou em pé olhando para dentro com o olhar estranho e imperceptível de um sonâmbulo. Depois de se recobrar, viu que ele não estava lá; entrou, então, em um passo ou dois, sentou-se com sua capa encharcada numa cadeira próxima à porta.

Edward voltou corajoso agora que não havia nenhum perigo.

“Maggie!”, disse ele, “o que você preparou para dizer ao Sr. Burton?”

Ela suspirou profundamente e então ergueu seus olhos grandes e inocentes para o rosto dele.

“Não posso desistir de Frank”, disse ela com uma voz baixa e calma.

A Sra. Browne ergueu suas mãos e exclamou, aterrorizada:

“Oh! Edward, Edward! Vá embora – eu lhe darei todos os utensílios de prata e ouro que tenho; você pode vendê-los. Vá, meu querido!”

“Não antes de trazer Maggie à razão”, disse ele de modo tão calmo quanto o dela, mas com uma ferocidade controlada que ela notou, porém que não a intimidou.

Ele dirigiu-se a ela e falou suavemente.

“Maggie, crescemos juntos – nós dois – irmão e irmã de um mesmo sangue! Você realmente me abandonará, deixando que me coloquem em uma cadeia junto com criminosos vis – em um navio-prisão, ou sei lá onde – tudo em nome de sua própria felicidade egoísta?”

Ela tremia bastante; mas não falou, nem chorou, ou emitiu som algum.

“Você sempre foi egoísta. Sempre pensou apenas em si mesma. Mas achei que desta vez mostraria o quão diferente poderia ser. Mas é sempre você – e *somente* você – acima de tudo.”

“Oh, Maggie! Como você pode ter um coração tão duro e egoísta?”, ecoou a Sra. Browne, chorando e soluçando.

“Mãe!”, disse Maggie, “sei que penso muito e muito frequentemente em mim mesma, mas desta vez pensei apenas em Frank. Eu sei que ele me ama; eu partiria seu coração se escrevesse o que o Sr. Buxton deseja, separando nossas vidas sem dar nenhuma explicação.”

“Ele te ama tanto!”, disse Edward, zombeteiramente. “O amor de um homem parte seu coração! Você tem ideias tão lindas! Quem disse a você que ele a ama assim tão desesperadamente? Como sabe disso?”

“Porque eu o amo tanto”, disse ela, com uma voz calma e sincera. “Não conheço nenhum outro argumento; mas é suficiente para mim. Acredito nele quando diz que me ama; e não tenho o direito de lhe causar a infinita e terrível dor que meu próprio coração diz que ele sentirá se eu fizer o que o Sr. Buxton pede.”

Seus modos eram tão simples e tão completamente verdadeiros, que eram tão calmos e destemidos quanto os de uma criança; os furiosos olhares de ódio de seu irmão não tinham poder sobre ela; e a intensidade deles desvaneceu diante dela, transformando-se no medo e na covardia que ele mostrara naquela manhã. Mas a Sra. Browne dirigiu-se até Maggie e pegou a mão de sua filha por entre as suas, que tremiam.

“Maggie, você pode salvar Edward. Eu sei que não a tenho amado como deveria, mas sempre a amarei e sempre lhe darei conforto se você ao menos escrever o que o Sr. Buxton disser. Pense! Talvez o Sr. Frank não aceite suas palavras e venha até aqui para vê-la. Aí então seu noivado será recuperado e, ainda assim, Edward poderá ser salvo. É só escrever a carta; você não precisa ficar presa a ela.”

“Não!”, exclamou Edward. “Uma assinatura, se a coação puder ser provada, não é válida. Todos nós provaremos que você foi coagida a escrever tal carta; e se Frank ama você tão desesperadamente, ele não vai desistir de seu amor sem tentar fazê-la mudar de ideia.”

“Não!”, disse Maggie de maneira firme. “Se eu escrever a carta, serei fiel a ela. Não brincarei com a minha consciência. Edward! Não me casarei – irei morar perto de onde você estiver e irei até você

sempre que puder – e lhe entregarei a minha vida se for mandado para a prisão. Minha mãe e eu iremos se preciso for – ainda não sei o que posso ou não posso fazer por você, mas tudo aquilo que puder eu farei; no entanto, isso em especial, não.”

“Então estou partindo!”, disse Edward. “Em seu leito de morte você irá se lembrar deste momento, e eu vou me lembrar de como negou o pedido de seu único irmão. Você pedirá o meu perdão em seu último suspiro e eu estarei lá para negá-lo.”

“Espere um minuto!”, disse Maggie, saltando repentinamente. “Edward, não me amaldiçoe com palavras tão terríveis até que tudo se acabe. Mãe, eu imploro à senhora que o mantenha aqui. Esconda-o – faça o que puder para ocultá-lo. Farei uma última tentativa.” Ela pegou seu gorro e partiu, antes mesmo que tivessem tempo para pensar ou para tentar impedi-la.

Maggie voou pela Estrada de Combehurst. Enquanto seguia, as lágrimas escorriam como chuva em seu rosto; e ela falava consigo mesma:

“Ele não deveria ter dito aquilo. Não! Ele não deveria ter dito tal coisa. Éramos nós dois e mais ninguém.” Mas, ainda assim, ela apertava o passo sob as urzes marrons, densas e molhadas. Maggie viu o Sr. Buxton vindo e seguiu ainda mais rápido. A chuva havia parado e os raios amarelos e molhados do sol esforçavam-se para aparecer. Ela parou, pois ele teria passado por ela sem que a percebesse, já que não esperava encontrar com ela ali.

“Eu queria vê-lo”, disse ela, retomando imediatamente sua compostura, e quase assumindo modos solenes. “O senhor não deve descer até nossa casa; temos tristeza suficiente por lá. Venha debaixo destes abetos e deixe-me conversar com o senhor.”

“Espero que tenha pensado sobre o que disse e que esteja disposta a fazer o que lhe pedi.”

“Não!”, disse ela. “Pensei muito – não com um espírito egoísta, apesar de eles dizerem que sim. Eu orei primeiro. Não poderia fazer isso de forma sincera, e ser egoísta, acredito. Não posso desistir de Frank. Eu conheço a desgraça; e se ele, sabendo de tudo, achar que faz sentido desistir de mim, jamais direi uma palavra, apenas abaixarei a cabeça e tentarei viver meus dias designados com

calma e alegria. Mas ele é o juiz, não o senhor; e eu também não tenho o direito de fazer o que me pede.” Ela interrompeu sua fala, pois a agitação tirara-lhe o fôlego.

Ele começou de forma fria: “Sinto muitíssimo. A lei deve seguir seu curso. Eu teria poupado meu filho da dor de saber de tudo isso, dor que ele certamente sentirá diante da necessidade de romper seu noivado. Eu teria simplesmente me recusado a testemunhar contra seu irmão, mesmo com sua vergonhosa ingratidão. Agora – não duvide – agirei de acordo com o conselho de meu agente, irei processá-lo como se fosse um estranho.”

Ele virou-se para partir. Ele estava tão frio e determinado, que por um momento Maggie teve medo. Mas, então, ela colocou sua mão sobre o braço dele.

“Sr. Buxton”, disse ela, “o senhor não levará essa ameaça adiante. Conheço-o muito bem. Pense! Meu pai era seu velho amigo. Tal crédito talvez tenha caído por terra por conta da conduta de Edward, mas não creio que o senhor possa apagar tal ligação por completo. Se o senhor levasse adiante a ameaça que acabou de fazer, haveria momentos, enquanto estivesse envelhecendo, e enquanto a vida estivesse cada vez mais perdendo sua força diante de seus olhos, momentos tranquilos de reflexão, em que se lembraria dos dias de sua juventude e dos amigos que tinha e conhecia naquela época. Em momentos assim, surgiria a lembrança de um desses amigos, um homem que deixara um único filho, um garoto que cometera um erro, um pecado em um momento de fraqueza – um pecado contra o senhor – o senhor então pensaria – não conseguiria evitar – pensaria no quanto havia se esquecido do perdão, e lembraria de como, por conta das exigências da justiça, ele havia sido tratado como um criminoso; lembraria de como o senhor havia atirado aquele garoto junto a criminosos – onde toda luz de bondade era apagada para todo o sempre. Edward é, afinal, mais fraco do que maldoso; ele ficará maldoso por completo se for colocado na prisão, em exílio. Deus é piedoso – não podemos dizer ou imaginar o quão piedoso. Oh, senhor, tenho toda a certeza de que será piedoso e que dará ao meu irmão – ao meu pobre irmão pecador – uma chance. Apelo à sua piedade. Edward está agora em

casa, terrivelmente triste e desesperado – minha mãe está muito atordoada para compreender toda a nossa desventura – estamos todos muito tristes com tamanha vergonha.”

Enquanto ela falava, o vento ergueu-se e estremeceu as folhas rijas dos abetos, e havia um som lamurioso como o de algum Ariel¹ aprisionado nos grossos galhos que se emaranhavam acima de suas cabeças, fazendo-lhes um abrigo. Nem o barulho nem os pensamentos do Sr. Buxton suscitaram resposta para a voz de Maggie – uma súplica com sua súplica – um tom triste de lamento, distinto, mas que se misturava com sua fala; um som que enfraquecia e morria enquanto sua voz era apagada em desgostoso suspense.

1

- Nome dado a um suposto anjo.

Pode ter sido isso – formada como foi pelo cuidado e amor da Sra. Buxton, a maneira de falar e as palavras usadas eram idênticas às daquela senhora, que agora descansava de qualquer tristeza; de qualquer maneira, um pensamento passou como um relâmpago pela mente do Sr. Buxton, o pensamento de que, enquanto Maggie falava, a voz de sua falecida esposa era ouvida, implorando por misericórdia em tom claro e distinto, apesar de frágil; como se estivessem separados por uma distância infinita. Ao menos essa é a descrição que o Sr. Buxton teria feito da maneira com que a lembrança de sua esposa tornara-se presente para ele, evidenciando o que ela teria desejado que ele fizesse – motivação poderosa para sua conduta. Palavras dela, ditas há muito tempo e misericordiosas, expressões clementes utilizadas no passado para abrandá-lo durante algum humor raivoso, eram claramente lembradas enquanto Maggie falava; e a influência de tais palavras era perceptível na mudança de seu tom e na hesitação de seus modos doravante.

“Então não poupará Frank de ser envolvido em sua desgraça?”, disse ele como se pesasse e considerasse o caso mais do que em qualquer outro momento.

“Se Frank desejar, tranquilamente me retirarei de seu caminho para sempre; eu prometo ao senhor, e diante de Deus, que assim o farei. Não direi uma só palavra de súplica ou reclamação. Tentarei não duvidar nem me surpreender; darei a ele minha bênção em cada ação de sua vida futura – mas imagine o quão terrível seria a desgraça e a vergonha que cairia sobre minha pobre mãe quando ela acordasse para aquilo que seu filho fez! Seu extremo torpor em relação a isso agora já é mais doloroso do que palavras podem descrever.”

“O que Edward poderia fazer?”, perguntou o Sr. Buxton. “O Sr. Henry não me deixará ignorar fraude alguma.”

“Oh, o senhor ameniza!”, disse Maggie, pegando sua mão e apertando-a. “O que ele poderia fazer? Ele poderia fazer o mesmo – seja lá o que for – que o senhor havia imaginado que ele pudesse fazer caso eu escrevesse aquela terrível carta.”

“E você aceitará romper, se Frank assim desejar quando ele souber de tudo?”, perguntou o Sr. Buxton.

Ela cruzou os braços e abaixou sua cabeça, mas respondeu firmemente.

“Depois que Frank souber de tudo, farei com satisfação qualquer coisa que ele desejar. Direi a verdade, não acredito que vergonha alguma poderá alterar o amor de Frank – desde que tal vergonha esteja ao meu redor, e não em mim.”

“Veremos”, disse o Sr. Buxton. “Mas o que pensei que Edward pudesse fazer no caso – bom, não importa!” Ele preferiu não continuar, pois percebeu o quanto ela se retraía diante de qualquer menção a tal carta. “Pensei em mandá-lo para a América, para longe daqui. Então o Sr. Henry pensaria que Edward teria fugido, e jamais precisaria saber sobre minha convivência. Acredito que ele largaria a agência se soubesse; e ele é um homem muito inteligente. Se Ned ficar na Inglaterra, o Sr. Henry conseguirá encontrá-lo. E, além do mais, esse caso já se espalhou tanto, que não acredito que ele consiga voltar para sua profissão. O que me diz disso, Maggie?”

“Eu direi a minha mãe. Preciso perguntar a ela. A mim me parece mais desejável. No entanto, temo que ele esteja muito

doente; e parece solitário; mas não importa! Seremos gratos ao senhor para sempre. Não tenho como dizer o quanto espero e confio que ele viverá para mostrar ao senhor o que sua bondade terá feito a ele.”

“Mas você não deve perder tempo. Se o Sr. Henry rastreá-lo – eu não posso responder pelos meus atos. Não terei boa razão para dar, como teria se eu pudesse dizer a ele que Frank e você passariam a ser como estranhos um para o outro. E, mesmo em tal situação, eu deveria ter medo; ele é um sujeito muito determinado, mas de inteligência rara. Espere!”, disse ele, cedendo a um desejo repentino e inexplicável de ver Edward e de descobrir se sua criminalidade havia de alguma forma mudado sua aparência externa. “Irei com você. Posso acelerar as coisas. Se Edward for, ele deve partir o mais rápido possível para Liverpool, e sem deixar rastros. A próxima embarcação sai depois de amanhã. Eu tomei nota depois de conferir no *Times*.” ²

²

- The Times, como passou a ser chamado em 1788, é um jornal britânico que surgiu em 1785 com o nome de The Daily Universal Register.

Maggie e o Sr. Buxton apressaram-se pela estrada. Ele pensava em voz alta:

“Eu me pergunto se ele ficará grato a mim por isso. Não que eu espere por gratidão mais uma vez. Minha intenção é não me importar com mais ninguém a não ser Frank. ‘Governe os homens com força externa’, diz o Sr. Henry. Ele é um homem de rara inteligência, e ele diz que quanto mais ele vive, mais convencido fica da maldade dos homens. Agora, ele sempre procura por ela, mesmo naqueles que são os melhores, aparentemente.”

Maggie estava muito ansiosa para responder, até mesmo para atendê-lo. No topo do morro, ela pediu a ele que esperasse enquanto descia correndo para contar o resultado da conversa. Sua mãe estava sozinha, com aparência pálida e doente. Ela contou que Edward estava no palheiro, na parte de cima do velho estábulo em desuso.

Maggie relatou a essência de sua conversa com o Sr. Buxton, e o desejo dele de que Edward fosse para América.

“Para América?”, bradou a Sra. Browne. “Oh, é tão longe quanto Botany Bay. É a mesma coisa que o exílio. Eu pensei que tivesse feito algo por nós, você parecia tão contente.”

“Querida mãe, mas isso é algo. Ele não está sujeito a encarceramento ou julgamento. Devo contar a ele, preciso apenas acenar para o Sr. Buxton primeiro. Mas quando ele vier, mostre a ele o quão gratas estamos por sua misericórdia para com Edward.”

O murmúrio da Sra. Browne, qualquer que fosse seu significado, fora perdido por Maggie. Ela correu pelo pátio e subiu a ladeira com a leveza de uma relva; apesar de estar cansada fisicamente em um nível que jamais estivera em sua vida, o feixe inicial de esperança no céu de escuridão fez seu espírito superar seu corpo naquele momento.

Ela sinalizou para que o Sr. Buxton a seguisse e, sem parar para falar, virou-se novamente. Deixou a porta da casa aberta para que ele entrasse e saiu novamente pela cozinha para o espaço que havia atrás dela, espaço que em uma parte era um quintal aberto e em outra era um terreno baldio cheio de pedras. Maggie correu pela pequena área verde até o estábulo e subiu a escada até o palheiro pouco iluminado. Lá em cima, em um canto escuro, estava Edward com um velho ancinho em sua mão.

“Achei que fosse você, Maggie!”, disse ele, respirando aliviado. “O que você fez? Concordou em escrever a carta? Fez algo por mim, vejo pelo seu olhar.”

“Sim! Conte tudo para o Sr. Buxton. Ele está esperando por você no salão. Oh! Eu sabia que ele não poderia ser tão rígido!” Ela estava sem ar.

“Eu não entendo você!”, exclamou ele. “Você não seria tão tola a ponto de dizer onde eu estava?”

“Sim, eu contei. Senti que podia confiar nele. Ele prometeu que não o processará. O ruim é que ele diz que você precisa ir para a América. Mas desça aqui, Ned, e converse com ele. Você deve agradecer e ele quer vê-lo.”

“Eu não posso entrar numa arena. Eu não estou pronto para isso. Além do mais, você tem certeza de que ele não está armando uma cilada para me entregar à polícia? Se eu tivesse um ceitel, não confiaria nele e fugiria para as colinas.”

“Oh, Edward! Como você acha que ele faria algo tão traiçoeiro e maldoso? Imploro que não perca tempo com desconfiança. Ele mesmo disse, se o Sr. Henry chegar antes de você partir, que não sabe qual será a consequência. A embarcação sai para a América em dois dias. É triste que você tenha que ir. Talvez ele ainda consiga pensar em algo melhor, apesar de eu não saber como poderíamos perguntar e nem mesmo se podemos esperar algo.”

“Eu não quero nada melhor”, retrucou ele, “do que ter dinheiro suficiente que me leve à América. Estou em mais apuros aqui na Inglaterra (apesar de não ser nada assim tão sério); e na América existe muita oportunidade de fortuna.” Ele seguiu-a descendo os degraus enquanto falava. Assim que alcançaram a luz amarela do dia úmido, ela foi atingida pelo seu terrível olhar. Traços acentuados de suspeita e malícia pareciam estar estampados em seu rosto, fazendo-o parecer muitos anos mais velho do que sua idade assegurava. Sua alegre vestimenta para noite, toda manchada pelo tempo e suja, acrescentavam à aparência desesperada e desonesta; mas, acima de tudo – mais intensa que tudo –, era a impressão que ela tinha de que ele não duraria muito neste mundo; e oh!, ele era tão impróprio para o próximo! Ainda assim, se houvesse tempo – se ele fosse afastado da tentação, ela imaginou que o filho de seu pai ainda poderia se arrepender, e ser salvo. Ele retraía-se conforme se aproximavam da porta do salão. Então ela pegou sua mão e levou-o para dentro. Maggie parecia um anjo da guarda com seu rosto reluzindo confiança, esperança e gratidão. Edward, pelo contrário, estava envergonhado e com raiva, e em um estranho embaraço; ele quase desejou ter confiado em seu juízo, tentando fugir da polícia ao invés de ser forçado a ter tal conversa.

Sua mãe veio até ele. Ela o amava mais que tudo, mesmo agora, quando ele parecia tão degradado e pouco amigável. Não conseguia compreender o tamanho de sua culpa; e havia repreendido o Sr. Buxton o máximo que pudera por pensar em

mandá-lo para América. Houve um silêncio quando ele entrou; um silêncio insuportável para o garoto, que olhava para cima com olhos sombrios – olhos que não ousavam encarar o Sr. Buxton.

“Estou aqui, senhor, para saber o que deseja que eu faça. Maggie diz que irei para América; se é para lá que quer me mandar, estou pronto.”

O próprio Sr. Buxton, tanto quanto Edward, desejou estar longe dali. As broncas da Sra. Browne fizeram com que se sentisse abusado, pois acreditava que havia feito uma boa ação rendendo-se contra seu próprio julgamento para atender aos pedidos de Maggie. E, agora, aqui estava Edward falando com um jeito soturno e violento ao invés de mostrar qualquer gratidão. A ideia do austero desgosto do Sr. Henry emergiu em segundo plano.

“Sim!”, disse ele, “estou feliz que tenha aceitado a ideia de ir para a América. É o único lugar para você. O quanto mais breve for, melhor.”

“Não posso ir sem dinheiro”, disse Edward, obstinadamente. “Se eu tivesse dinheiro, não precisaria ter vindo aqui.”

“Oh, Ned! Você teria ido sem me ver?”, disse a Sra. Browne, esvaindo-se em lágrimas. “Sr. Buxton, não posso deixá-lo ir para América. Olhe como está doente. Ele morrerá se mandá-lo para lá.”

“Mãe, não se revele assim”, disse Edward, gentilmente, pegando sua mão. “Não estou doente, não seriamente pelo menos. O Sr. Buxton está certo, a América é o único lugar para mim. Para dizer a verdade, se o Sr. Buxton for bom o bastante” (ele disse isso como se não quisesse usar nenhuma palavra de gratidão) “para não me processar, existem outros que podem e que assim o farão. Estarei mais seguro fora do país. Dê-me dinheiro suficiente para chegar a Liverpool e pague minha passagem, assim, partirei neste minuto.”

“Você não partirá”, disse a Sra. Browne, abraçando-o firmemente. “Você disse hoje pela manhã que fora vencido pela tentação e que cometera um erro porque não tinha um lar confortável, nem ninguém para cuidar de você e para fazê-lo feliz. Será pior na América. Você cometerá erros novamente, e estará longe de qualquer um que possa ajudá-lo. Ou morrerá sozinho em algum lugar afastado. Maggie! Você precisa falar, ajude-me – como

pode ficar aí parada, deixando-o ir para América sem dizer uma palavra?”

Maggie olhou para cima expressiva e com firmeza, como se visse algo além do presente material. Estava aí a oportunidade de autossacrifício sobre a qual a Sra. Buxton havia falado com ela em seus dias de criança – a hora que chega para todos, mas que chega sem ser percebida ou vista para aqueles cujos olhos não estão treinados para ver.

“Mãe! Você conseguiria passar bem sem mim? Se conseguisse, e se isso fosse acalmar a senhora, e se fosse ajudar Edward a...” A palavra morreu em seus lábios, pois parecia implicar em uma repreensão àquele que estava entre eles tomado pela vergonha.

“Você iria?”, perguntou a Sra. Browne, agarrando a sentença incompleta. “Oh! Maggie, essa é a melhor coisa que já disse ou fez desde que nasceu. Edward, você gostaria de ter Maggie com você?”

“Sim”, disse ele, “seria muito bom. Seria muito melhor para mim do que ir totalmente sozinho; apesar de que ousou dizer que conseguiria muito bem preparar o meu caminho depois de um tempo. Mas, se ela fosse, poderia ficar até que me sentisse estabilizado e que tivesse feito alguns amigos. E, então, ela poderia voltar.”

O Sr. Buxton estava perplexo a princípio com a proposta de Maggie. Ele não pôde compreender logo de cara a diferença entre o que ela agora oferecera fazer e o que ele havia-lhe solicitado naquela mesma manhã. Mas, conforme refletiu, percebeu que o que era dela ela estava disposta a sacrificar; mas em relação ao coração de Frank, uma vez entregue a sua guarda fiel, ela era responsável por ele diante de seu dono e de Deus. Tal luz desceu até ele lentamente; porém quando compreendeu, admirou-a com uma reverência quase milagrosa. Aquela pequena garota tímida era corajosa o suficiente para atravessar o oceano e ir para uma terra estrangeira para salvar seu irmão!

“Tenho certeza Maggie”, disse ele, virando-se para ela, “você é uma criaturazinha boa e atenciosa. Isso poderá salvar Edward – acredito que salvará. Creio que Deus a abençoará por ser tão devota.”

“O gasto será dobrado”, disse Edward.

“Meu querido garoto! Não se preocupe com dinheiro. Posso adiantá-lo aqui mesmo”, disse o Sr. Buxton.

Sem saber se gostaria obter a resposta, Maggie propôs: “Não poderíamos transferir a mobília, os livros do papai e o pouco de ouro e prata que temos para o Sr. Buxton como se os estivéssemos penhorando – no caso de ele adiantar o dinheiro necessário? Por mais estranho que pareça, ele é a única pessoa a quem podemos recorrer nesse grande apuro.”

E assim foi feito depois de certa dúvida por parte do Sr. Buxton. Mas Maggie manteve-se firme em sua argumentação depois que percebeu que era exequível; e a Sra. Browne parecia igualmente inflexível, apesar de ser movida por sentimentos diferentes. Ela considerava o Sr. Buxton a causa do banimento de seu filho, e recusava-se a aceitar qualquer favor dele. Se houvesse tido tempo, na verdade, ela iria ter preferido receber o dinheiro da mesma maneira de qualquer outra pessoa. Edward iluminou-se um pouco quando ouviu a soma que poderia conseguir; ele era quase indiferente a como. Estranhamente insensível, conforme Maggie pôde perceber, propôs que ele mesmo preparasse um documento legal apropriado. O Sr. Buxton apenas pensava em acelerar a partida; mas não conseguia evitar sua expressão de aprovação e admiração por Maggie sempre que se aproximava dela. Antes de ir, chamou-a de lado:

“Minha querida, não tenho certeza se Frank poderia fazer algo melhor do que se casar com você, no final das contas. Preste atenção! Ainda não refleti como deveria. Mas se a senhorita voltar, como planejamos, no próximo outono, e se ele estiver firme com você até lá – e se Edward estiver indo bem (se ele puder ao menos ficar bem, e ficará, pois é muito perspicaz – ali está um documento que ele redigiu bastante consciente) – oh, pensarei nisso! Deixe apenas Frank ver um pouco do mundo antes. Eu iria preferir, porém, que você não contasse a ele que estou considerando mudar de ideia, que poderá ter um julgamento justo; e esconderei o segredo de Erminia se conseguir – já que ela contaria tudo a ele. Encontrarei vocês amanhã na carruagem. Que Deus a abençoe,

minha menina, e que a proteja no grande e vasto mar.” Ele estava tomado por lágrimas quando partiu – lágrimas de admiração e remorso em relação a Maggie.

CAPÍTULO X

Quanto mais Maggie pensava, mais certeza ela tinha de que o impulso que a fizera agir propondo ir com seu irmão era correto. Independente do destino mundano guardado para ele, ela temia que houvesse pouca esperança para seu caráter caso fosse largado, na condição mental em que estava agora, junto a um grupo de homens aventureiros que estão continuamente indo para América em busca de um El Dorado¹ a ser descoberto por sua sagacidade. Maggie sabia que tinha pouca influência sobre ele no momento, mas não duvidaria nem vacilaria em sua esperança de que a paciência e o amor poderiam endireitá-lo finalmente. Ela pretendia conseguir algum emprego – ensinando bordado em alguma loja – não importaria o quão modesto fosse; sua intenção era não ser um fardo, oferecendo-lhe um lar feliz, de onde ele não teria vontade de sair para perambular. Sua maior preocupação era em relação a sua mãe. Ela não conseguia parar de pensar na longa ausência de Frank – era muito triste, mas ainda assim necessária. Maggie pretendia escrever e contar tudo sobre ela e Edward. A única coisa que guardaria para um futuro feliz seria a possível revelação da proposta que o Sr. Buxton lhe fizera, a de que deveria desistir de seu noivado como condição para que não processasse Edward.

1

- El Dorado é uma antiga lenda da época da colonização das Américas que atraiu muitos aventureiros europeus, pois falava de uma cidade feita de ouro que guardava muitos tesouros.

Havia muito alvoroço e desventura no chalé de Moorland naquele dia. Erminia trouxe uma quantia do dinheiro que o Sr. Buxton havia prometido que adiantaria, junto com uma solicitação de que Edward não se mostrasse para fora de casa; trouxe também um relato da carta do Sr. Henry, dizendo que a polícia de Woodchester acreditava que ele estava em Londres e que uma busca por ele estava sendo feita lá.

Erminia parecia muito séria e pálida. Ela deu sua mensagem à Sra. Browne, falando pouco além do que era absolutamente

necessário. Então puxou Maggie para o lado e repentinamente caiu em pratos.

“Maggie, querida, que *história* é essa de ir para a América? Você esteve sempre e sempre se sacrificando por sua família, e agora você está partindo, ninguém sabe para onde, com uma esperança vã de corrigir Edward. Gostaria que ele não fosse seu irmão para que eu pudesse falar dele como gostaria.”

“Ele fez algo muito errado”, disse Maggie. “Mas você – nenhum de vocês – conhece seus pontos positivos – nem sabem como ele foi exposto a todos os tipos de más influências, sem dúvida; ele nunca teve a vantagem do treinamento e amizade de um pai, que são tão inestimáveis a um filho. Oh, Minnie! Quando me lembro de como nós dois costumávamos ajoelhar de noite ao lado dos joelhos de meu pai para fazermos nossas orações e para, então, ouvirmos em respeitoso silêncio suas bênçãos sinceras, que se tornavam cada vez mais um tipo de oração para nós conforme sua vida se esvaia – eu faria qualquer coisa por Edward para que aquela luta angustiante de súplica não tenha sido em vão. Penso nele como o menininho inocente cujo braço envolvia-me como se me desse apoio diante da Presença Dramática, presença cujo nome verdadeiro, Amor, ainda não havíamos aprendido. Minnie! Ele não teve treinamento apropriado – treino nenhum, quero dizer, que o fizesse capaz de resistir à tentação – e foi atirado diante dela sem aviso ou conselho. Agora ele sabe o que é; e eu devo tentar, apesar de não ser nada além de uma garota sem conhecimentos, devo tentar alertá-lo e fortalecê-lo. Não enfraqueça minha fé. Quem poderá fazer o que é certo se perdermos a fé?”

“E Frank?”, disse Erminia depois de uma pausa. “Pobre Frank!”

“Querido Frank!”, respondeu Maggie, olhando para cima e tentando sorrir; mas, contra sua vontade, seus olhos encheram-se de lágrimas. “Se eu pudesse ter perguntado a ele, sei que ele teria aprovado o que vou fazer, teria sentido que o certo é que eu coloque todo meu esforço nisso. Não estou dizendo que...” disse ela enquanto suas lágrimas escorriam por suas bochechas, apesar de seu agitado esforço para sorrir, “Não estou dizendo que eu não teria gostado de tê-lo visto. Mas não adianta falar sobre o que alguém

teria gostado. Estou escrevendo uma longa carta para ele em toda pausa de descanso.”

“E estou tomando de você todo este tempo”, disse Erminia, levantando-se para sair. “Quando você pretende voltar? Deixe-nos sentir que existe uma época definida. América! Oh, fica a milhares de milhas daqui. Oh, Maggie! Maggie!”

“Eu voltarei no próximo outono, estou confiante”, disse Maggie, consolando sua amiga com delicadas carícias. “Edward estará estabelecido até lá, tenho esperança. Você esteve por mais tempo na França, Minnie. Frank esteve longe por mais tempo naquela vez em que passou o inverno na Itália com o Sr. Monro.”

Erminia foi lentamente até a porta e, então, virou-se, encarando Maggie diretamente.

“Maggie! Diga a verdade. Meu tio pressionou-a para ir? Porque se ele fez isso, não acredite nele; é só para romper o seu noivado.”

“Não, ele certamente não me pressionou. No início, foi ideia minha mesmo. E logo vi o alívio que foi para minha mãe – minha pobre mãe! Erminia, a ideia de seu sofrimento diante da ausência de Edward é o julgamento; e, para o meu bem, você virá muito frequentemente e trará consolo a ela de toda maneira que puder.”

“Sim! Isso eu farei; diga-me tudo que puder fazer por você.” Beijando uma a outra, com longa demora, despediram-se.

Nancy foi informada sobre o motivo do tumulto na casa; e, quando constatou sua natureza, não perdeu tempo e quis fazer uma série de perguntas; levantou-se calmamente e vestiu-se; apareceu entre eles muito fraca e tremendo, mas estava tão calma e atenciosa, que sua presença foi de infinita ajuda para Maggie.

Quando a partida estava próxima, Edward entrou silenciosamente na casa mais uma vez. Ele estava bastante extenuado por ter estado ansioso e escondido por tanto tempo. Mas seu corpo estava renovado, e seu ânimo aumentava de forma inconcebível para Maggie. Os espanhóis que saíam com Pizarro ² não eram mais atraídos do que ele pelas mais fantásticas ideias de riquezas a serem conquistadas no Novo Mundo. Ele sonhava com tais visões de forma tão intensa e vívida, que até fez sua mãe parar

seu enfadonho lamento que, apesar de todos os esforços de Maggie, havia durado o dia todo. Acalmando-se, finalmente, a Sra. Browne ergueu seus olhos para ouvi-lo.

2

- Francisco Pizarro González (1476 – 1541) foi um explorador e conquistador espanhol, conhecido pela conquista ao Império Inca.

“Vou lhe explicar”, disse ele: “em breve serei um juiz americano com milhas de plantações de algodão.”

“Mas na América?”, suspirou sua mãe.

“Não se preocupe, mãe!”, disse ele, com um carinho que deixou o coração de Maggie feliz. “Se a senhora não vier para América até mim, oh, eu venderei todas as terras e voltarei para morar na Inglaterra. As pessoas já estarão esquecidas dos deslizes da juventude deste Americano rico.”

“Você então poderá devolver o dinheiro para o Sr. Buxton”, disse sua mãe.

“Oh, sim, claro!”, retrucou como se houvesse tido uma ideia nova e trivial.

Assim a noite foi passando. Mãe e filho estavam sentados de mãos dadas em frente ao pequeno fogo reluzente e fulgurante do salão, com as velas apagadas sobre a mesa atrás deles. Maggie, ocupada com os preparativos, entrava e saía suavemente. E quando tudo que podia ser feito antes de irem para Liverpool já estava pronto, quando esperava ter ainda algum tempo para preparar seus trajes mais completamente, ela voltou silenciosamente para o lado de sua mãe. Mas seus pensamentos perdiam-se e lembrava-se de Frank, “abrindo seu caminho pelo sul através de todos os condados de caça”, como ele havia escrito para ela. Se não tivesse insistido em sua ausência, ele estaria aqui com ela para que visse seu nobre rosto mais uma vez; mas assim, talvez, ela não tivesse forças para ir.

Muito tarde da noite, separaram-se. Mas Maggie não conseguia descansar e entrou silenciosamente no quarto de sua mãe. A Sra. Browne chorou até dormir, como uma criança. Maggie levantou-se, olhou para o rosto dela, ajoelhou-se ao lado da cama e, então,

orou. Quando se levantou novamente, viu que sua mãe estava acordada, fitando-a.

“Maggie querida! Você é uma boa menina e acredito que Deus ouvirá suas preces seja lá o que tenha pedido. Não posso descrever que alívio é para mim pensar que você irá com ele. Meu coração estaria partido se não fosse. Se às vezes não fui tão gentil quanto deveria, peço seu perdão agora, minha querida; e abençoo você e agradeço-lhe por ir com ele, pois sei que ele não está bem, nem está forte, e precisará de alguém que cuide dele. E você não perderá o Sr. Frank, pois, assim que o vir, direi a ele como tem sido boa filha e irmã; e direi que, mesmo sendo tão rico, acredito que procuraria muito antes de encontrar uma esposa para ele semelhante à nossa Maggie. Eu realmente gostaria que Ned estivesse com aquele sobretudo novo, ele disse que o deixou em Woodchester.” Sua mente voltou para seu querido filho; mas Maggie teve seu curto sono ao lado da Sra. Browne, com os braços de sua mãe em volta dela; acordou e sentiu que seu descanso havia sido abençoado. No escritório em que reservariam a carruagem no dia seguinte, encontraram o Sr. Buxton pronto como que para uma jornada; ele olhava ao redor como se temesse que algum inimigo estivesse por vir.

“Vou com vocês até Liverpool”, disse ele. “Sem delongas a respeito disso, por favor. Vou gostar de vê-los partir. E, sabendo que posso ser de alguma ajuda para vocês, Erminia implorou-me isso. Além do mais, isso me manterá longe do caminho do Sr. Henry por algum tempo – temo que ele descubra tudo e que me julgue muito fraco. Mas vocês vêm que ele me fez ser severo demais com Crayston; quero agir de forma um pouco mais bondosa com o filho de um velho amigo.”

Neste exato momento, Erminia veio correndo em meio à névoa branca da manhã, ruborizada pela pressa.

“Maggie”, disse ela, “estou aqui para cuidar de sua mãe. Meu tio disse que ela e Nancy deverão ficar conosco para uma longa, longa visita. Ou, se ela preferir ir para casa, irei com ela até que se sinta apta para vir até nós. Farei por ela qualquer coisa que puder imaginar; tentarei ser uma filha até que você volte, Maggie. Apenas

não demore, ou Frank e eu ficaremos com nossos corações partidos.”

Maggie esperou até que sua mãe terminasse seu longo abraço apertado em Edward, que estava controlado o suficiente esta manhã; e então, com um sentimento semelhante à ânsia de Esaú³ por bênção, ela veio oferecer um adeus a sua mãe, recebendo o carinho caloroso que desejava por anos. Logo depois, a carruagem partiu, e, em menos de meia hora, o pináculo da igreja de Combehurst foi deixado para trás em uma curva da estrada.

3

- Esaú e Jacó é uma história da Bíblia que conta a relação entre os filhos gêmeos de Rebeca, que tinha preferência pelo mais novo, Jacó.

Edward e o Sr. Buxton não se falavam, e Maggie estava quase em silêncio. Chegaram a Liverpool de tarde, e o Sr. Buxton, que havia estado lá uma ou duas vezes antes, levou-os diretamente para um hotel tranquilo. Ele estava muito mais preocupado que Edward não fosse exposto a nenhuma chance de ser reconhecido do que o próprio Edward em si. Ele desceu até as Docas para garantir leitos na embarcação que sairia no dia seguinte, e ao voltar levou Maggie para fazer as compras necessárias.

“O senhor pagou para nós?”, perguntou Maggie, ansiosa para acertar a quantia de dinheiro que lhe sobrara depois de acertar as passagens.

“Sim”, respondeu ele meio desconcertado. “Erminia implorou a mim que não contasse a você sobre isso, mas não consigo lidar bem com segredos. Você sabe que ela não gostou da ideia de vocês viajarem nas acomodações mais baratas, como pretendiam; e pediu a mim para que, por ela, conseguisse lugares em cabines para vocês. Isso não é coisa minha, minha querida. Eu nem havia pensado nessa questão; mas agora vi como estão lotados os alojamentos baratos, e fico feliz que Erminia tenha pensado nisso. Edward bem que poderia passar uns bons apuros lá, mas você, jamais.”

“Foi um gesto muito gentil de Erminia”, disse Maggie, tocada pela consideração de sua amiga, “mas...”

“Nada de ‘mas’ a respeito disso”, interrompeu ele. “Erminia é muito rica, e tem tanto dinheiro, que nem sabe o que fazer com ele. Só estou aborrecido por não ter eu mesmo pensado nisso. Maggie, eu posso ter minhas próprias maneiras de pensar em alguns pontos, mas não posso continuar cego diante de sua bondade.”

Durante toda a noite o Sr. Buxton esteve ocupado em nome deles. Até mesmo Edward, quando viu a atenção que estava sendo dada para o seu conforto físico, sentiu um tipo de penitência; e depois de resistir uma ou duas vezes ao impulso, conquistou seu orgulho (assim eu classifico porque desejo um mundo melhor), pelo menos para expressar arrependimento por sua conduta no passado e certa gratidão pela presente gentileza do Sr. Buxton. Ele o fez de forma bastante desajeitada, mas deixou o Sr. Buxton contente.

“Bem, bem, está tudo muito certo”, disse ele ruborizado com o desconforto de seus sentimentos. “Agora não diga mais nada sobre isso, e faça o seu melhor na América, não me deixe sentir que fui um tolo por perdôá-lo. Sei que o Sr. Henry assim pensará de mim. E, acima de tudo, tome conta de Maggie. Considere o que ela disser, e você com certeza estará no caminho certo.”

O Sr. Buxton pediu a eles que subissem a bordo cedo no dia seguinte, pois havia prometido a Erminia vê-los embarcar, mas queria retornar o mais breve possível. Era evidente que ele esperava, ao fazer de sua ausência a mais curta possível, evitar que o Sr. Henry descobrisse que saíra de casa, ou que de alguma forma fora conivente com a fuga de Edward.

Então, apesar de a embarcação não sair até a maré da tarde, eles deixaram o hotel logo depois do desjejum e foram para o “Anna-Maria.” Eles estavam entre os primeiros passageiros a bordo. O Sr. Buxton levou Maggie até a cabine e, então, ela viu a razão pela qual ele havia estado tão ocupado na noite anterior. Todo suprimento que pôde ser fornecido estava lá. E diversos livros estavam sobre a pequena mesa – livros perfeitamente apropriados para o gosto de Maggie. “Aqui está!”, disse ele, esfregando suas mãos. “Não me agradeça, pois é tudo coisa da Erminia. Ela

escreveu a lista de livros. Não consegui todos, mas acredito que serão suficientes. Apenas escreva uma linha, Maggie, dizendo que fiz o meu melhor.”

Maggie escreveu com lágrimas em seus olhos – lágrimas de amor pela generosa Erminia. Mais alguns minutos e o Sr. Buxton havia partido. Maggie observou-o até não mais conseguir vê-lo, e, conforme sua figura imponente desaparecia por entre a multidão no cais, seu coração foi ficando cada vez mais apertado.

O de Edward, pelo contrário, alegrou-se com sua ausência. A única pessoa ciente de sua vergonha e de seu erro havia partido. Uma nova vida estava diante dele, reinício que se tornara agradável pela posição em que se encontrava – um passageiro de cabine com muitos confortos proporcionados a ele, apesar de as necessidades de Maggie terem sido o principal objeto da atenção do Sr. Buxton, Edward não fora esquecido.

Logo ele estava entre os marinheiros, falando sem parar de maneira pretensiosa. Edward conheceu os passageiros das outras cabines, pelo menos aqueles que chegaram antes do alvoroço final começar, e trazia sempre para sua irmã as notícias que conseguia coletar.

“Maggie, eles estão dizendo que provavelmente teremos um bom começo e uma agradável noite de luar.” E ele saía de novo.

“Maggie! Existe abordo, junto com aquelas pessoas velhas de preto, uma garota de beleza incomum. Ela acabou de entrar na cabine. Gostaria que você a conhecesse, e que me desse uma chance.”

CAPÍTULO XI

Maggie sentou-se no convés, embrulhada em sua capa de pano grosso – a velha e familiar capa que havia sido seu cobertor em suas frequentes e felizes caminhadas, quando visitava os arredores de seu lar. O clima não estava frio para a época do ano, mas estava fresco demais para qualquer um que estivesse parado. Mesmo assim, ela queria dar sua última olhada nos cardumes de pessoas inglesas que se amontoavam para lá e para cá como formigas no cais. Pessoas felizes, que podem ficar com seus entes queridos. Os demônios zombeteiros juntaram-se ao redor dela como costumam juntar-se ao redor de todos que sacrificam suas próprias vidas, trazendo a tais pessoas a tentação. Uma porção de dúvidas sugestivas pesava sobre ela. “Será que era realmente necessário que ela fosse com Edward? Será que ela iria realmente conseguir fazer algum bem a ele? Será que ele seria de algum modo influenciado por ela?”

Então o demônio tentou outra dúvida. “Era realmente tarefa sua ir? Ela estava deixando sua mãe sozinha e estava dando a Frank muita tristeza neste momento. Ainda não era tarde demais!” Ela não podia mais suportar, e respondeu para seu próprio coração tentado:

“Eu estava certa ao ter esperanças em relação a Edward; estou certa ao lhe dar a chance da perseverança que minha presença representa. Estou fazendo o que minha mãe sinceramente desejou que eu fizesse; aquilo que no final fez com que ela sentisse certo alívio. Sei que Frank ficará deprimido, mas eu mesma tenho o coração machucado; e, de qualquer forma, se eu tivesse lhe perguntado se achava mesmo certo que eu fosse, ele teria sido muito sincero ao dizer que sim. Tentei fazer o que era correto; e, apesar da possibilidade de falhar e do mal parecer surgir do meu esforço mais do que o bem, ainda assim aceitarei o risco do fracasso, e tentarei dizer ‘que seja feita a vontade de Deus!’ Se ao menos eu pudesse ter visto Frank mais uma vez, e pudesse ter contado tudo a ele pessoalmente!”

Para livrar-se de tais pensamentos, ela decidiu não ficar mais sentada e hipnotizada, tentada pela costa; e, dando uma olhada no solo em que estava seu amado, desceu e, mesmo com sua vista comprometida pelas lágrimas, ocupou-se tentando arrumar sua própria cabine e a de Edward. Ela ouviu barco após barco chegar carregado de passageiros. Soube, através de Edward, que desceu para dar-lhe a notícia, que havia mais de duzentos passageiros nas acomodações econômicas. Ela sentiu finalmente a agitação trêmula que anunciava que o navio estava solto de seus ancoradouros e que estava sendo puxado rio abaixo. Maggie cobriu-se mais uma vez e foi para o convés para sentar-se por entre os muitos que olhavam para a Inglaterra pela última vez. Caía outra noite de inverno antecipado e, com o distanciamento da costa galesa, as colinas eram similares àquelas de casa. Ela deu graças a Deus, então, por estar indisposta demais para continuar com seus pensamentos e lembranças.

Exausta e imóvel, ela não sabia se estava dormindo ou acordada, se tinha dormido desde que se atirara em seu leito. Foi quando, repentinamente, houve uma grande correria, e então Edward surgiu em pé como um relâmpago ao lado dela, erguendo-a pelo braço.

“O navio está em chamas! Para o convés, Maggie! Fogo! Fogo!” Ele gritava como um louco enquanto arrastava sua irmã para cima – como se o grito pudesse convocar socorro diante de um grande abismo. E seu grito ecoou até o firmamento através de toda aquela multidão em tom de desespero.

As pessoas amontoavam-se, vestidas e despidas; sob a lúrida luz vermelha, mostravam seus rostos aterrorizados com coroas brancas de fumaça – espremiavam-se para o mais longe da proa que pudessem; acima do porão, erguiam-se colunas de fumaça, e vez ou outra uma chama feroz erguia-se exultante – cada vez mais alta; enquanto isso, cada fenda naquela parte do convés emitia prenúncios da terrível destruição que os esperava.

Os marinheiros estavam descendo os barcos, e acima deles estava o capitão, calmo como se estivesse diante de sua própria lareira em casa – lar em que jamais estaria outra vez. A voz dele

era baixa – e ainda mais baixa; mas tão clara quanto a luz do dia em sua distinção; tão sábia em suas instruções quanto um pensamento seguro poderia ser. Alguns passageiros das acomodações baratas ajudavam; mas eram mais silenciosos e imóveis por conta do medo. Naquele silêncio mortal, surgia um baixo lamento triste, como o de muitos cuja força fora arrancada por aquele dramático terror. Edward ainda estava agarrado ao braço de Margaret.

“Esteja pronta!”, disse ele em um suspiro feroz.

O fogo saltou ao longo do mastro central e não diminuiu nem sumiu novamente. Eles souberam então que todos os esforços extremos feitos por alguns para apagá-lo eram em vão. Surgiram, assim, as orações de centenas, tomados pelo pavor e por uma agonia mortal:

“Senhor! Tenha piedade de nós!”

Jamais, em nenhuma igreja tranquila de qualquer povoado, pranto tão comovente erguera-se aos céus; era como uma única voz – como o dia do julgamento na presença do Senhor.

E depois daquilo não houve mais silêncio, mas uma confusão de terríveis despedidas, choros descontrolados de pavor e correrias sem motivo para lá e para cá.

Os barcos estavam lá em baixo, balançando no mar, quando o capitão falou:

“Coloquem primeiro as crianças; elas são as mais indefesas.”

Um ou dois marinheiros corpulentos estavam nos barcos para recebê-las. Edward aproximava-se cada vez mais da escada do costado, puxando Maggie com ele. Ela estava quase morrendo de tão espremida e sufocada. E perto de seu ouvido, ela ouvia uma mulher rezando consigo mesma. Ela, pobre criatura, não conhecia ninguém ali presente a não ser Deus, e naquela hora terrível falava em voz baixa com Ele.

“Os queridos ao meu coração foram levados para longe de mim. Fé! Fé! Oh, meu bom Deus! Morrerei em paz se Vós garantirdes a mim fé nesta hora terrível para que eu sinta que tomareis conta dos meus pobres órfãos. Calma, querido Billy!”, gritou ela, em voz aguda para um menino no barco que esperava por sua mãe; e a

mudança em sua voz, de desespero para um tipo de alegria, mostrava o que o amor de uma mãe seria capaz de fazer. “Mãe virá em breve. Cubra o rosto dele, Anne, e enrole-o firme com seu xale.” E então a voz dela abaixou novamente para a mesma oração sussurrada e desesperada por fé. Maggie não conseguia se virar para ver o rosto dela, mas pegou sua mão, que estava ao lado. A mulher agarrou-a com o aperto de um torninho; mas continuou a rezar meio que inconscientemente. A multidão havia cedido um pouco, pois o capitão havia dito que as mulheres seriam as próximas. Mas o furor era tanto, que deixaram de obedecer às ordens dele, e agora se esmagavam para trás e para frente. Os marinheiros, em obediência firme e muda, esforçavam-se para seguir as instruções do capitão. Enquanto isso, Edward puxava Maggie, que ainda segurava a mão da mãe desconhecida; mas o imediato na frente do passadiço empurrava o rapaz de volta.

“Apenas mulheres irão!”

“Há homens lá.”

“Três para controlar o barco.”

“Venha, Maggie! Venha enquanto ainda há espaço para nós”, disse ele sem dar atenção ao imediato. Mas Maggie hesitou e colocou a mão da mãe desconhecida na do imediato. “Salve-a primeiro!”, disse ela. A mulher não entendia nada, sabia apenas que seus filhos estavam lá; apenas dias depois, e em horas de tranquilidade, ela lembrou-se da jovem criatura que a havia empurrado para junto de seus filhos sem pai, e que, perdendo seu lugar na multidão, fora empurrada – para onde ela não sabia – mas com quem sonhara até seu último dia de vida. Edward empurrou, sem saber que Maggie não estava mais perto dele. Estava surdo para repreensões e, sem notar a mão esticada para puxá-lo de volta, saltou para o barco. Como a embarcação já estava mais do que lotada, desatracaram, caindo ao mar nas soturnas águas agitadas.

O último grito dele fora o nome de Maggie – um nome que, enquanto era empurrada de volta, enferma e sem ar, imaginou que jamais ouviria de novo em sua vida. Mas, de repente, uma voz lançou-se acima de todas aquelas outras que se confundiam, acima

de todas as famintas ondas que murmuravam e acima do fogo que rugia.

“Maggie, Maggie! Minha Maggie!”

Da multidão do lado das acomodações baratas, uma figura alta surgia suja e esfumaçada. Ela não conseguia enxergar, mas a reconheceu. Como um pássaro domesticado bate as asas para o peito de seu protetor quando assustado por algum inimigo mortal, Maggie voou e escondeu-se nos braços dele. Por um momento, não havia mais terror ou pensamento de perigo nos corações daquele par, apenas paz infinita e absoluta. Ela não se perguntou como ele estava lá, o fato de *estar* já era o bastante. Ele pensou primeiramente na destruição que estava diante deles, calmo e composto como se estivessem sentados debaixo da árvore de espinhos nas tranquilas montanhas tão distantes. Ele levou-a para o final do tombadilho sem dizer uma palavra e amarrou-a com uma corda a um pedaço do mastro. Ela ficou em silêncio:

“Maggie”, disse ele, “minha única chance é lançá-la ao mar. Este pedaço de mastro manterá você flutuando. No início, você afundará – bastante. Mantenha a boca e os olhos fechados. Estarei lá quando você voltar para a superfície e, com a ajuda de Deus, lutarei bravamente por você.”

Ela ergueu seus olhos e, com um lampejo, ele pôde ver um sorriso de confiança e amor no rosto dela. Ele sorriu de volta com um olhar belo e sereno, colocado em seu rosto como se estivessem no paraíso, e ajudou-a a ir até a lateral da embarcação, longe dos pedaços de mastro que caíam em chamas. Então, por um momento, ele hesitou.

“Maggie... E se eu *estiver* atirando você para a morte...” Ele colocou sua mão sobre seus olhos – aquele homem forte havia perdido sua coragem. Mas, então, ela falou:

“Eu não estou com medo; Deus estará conosco, se vivermos ou se morrermos!” Ela parecia tão tranquila e feliz quanto uma criança no colo de sua mãe! E então, antes que ele perdesse a coragem novamente, puxou-a para cima e atirou-a o mais longe que pôde sobre as águas brilhantes e vertiginosas, saltando imediatamente depois dela. Maggie logo emergiu com um olhar de terror

involuntário no rosto, mas quando avistou Frank próximo ao clarão vermelho do navio em chamas, ao lado dela, fechou os olhos como se fosse dormir tomada pela paz. E ele, por sua vez, nadou, direcionando o mastro.

“Acho que estamos perto de Llandudno; sei que passamos a parte mais alta do pequeno Ormes.” Foi tudo o que ele disse; mas ela não respondeu.

Ele nadou para longe do calor e das intensas chamas de luz, em direção às águas escuras e tranquilas; seguindo, depois, para a trajetória da lua. Ele deve ter levado meia hora até entrar naquela corrente prateada e, quando os raios caíram sobre ambos, ele olhou para Maggie. A cabeça dela descansava no mastro, imóvel. Ele não podia suportar aquilo. “Maggie, *meu amor!* Fale comigo!”

Com um grande esforço ela foi chamada de volta da beira da morte por aquela voz, abrindo seus olhos enevoados. Maggie olhou ao longe, como se não pudesse ver nada mais próximo do que as luzes brilhantes do Paraíso, e, então, deixou suas pálpebras caírem suavemente outra vez. Era como se ele estivesse sozinho na vastidão do mundo apenas com Deus.

“Mais quinze minutos e tudo estará acabado”, pensou ele. “As pessoas em Llandudno deverão ver nosso navio em chamas e virão em seus barcos.” Ele manteve-se na faixa de luz para que as pessoas pudessem vê-los, mesmo sabendo que ela não os levaria diretamente para a praia. Ele nadou com desespero. E em certo momento, pensou ter ouvido os estertores finais de Maggie em meio à agitação das águas; e, perdendo assim todas as suas forças, deitou-se nas ondas como se ele mesmo devesse morrer, para subir com ela diretamente pelo ascensor púrpuro até o paraíso; mas, em seguida, ele ouviu o barulho de remos, e levantou-se gritando bem alto. Os barqueiros recolheram os dois. Examinaram Maggie com uma lanterna e falaram em galês, balançando suas cabeças. Frank atirou-se de joelhos e suplicou para que a levassem para o continente. Eles não conheciam suas palavras, mas entenderam sua súplica. Ele beijou os lábios de Maggie – esfregou as mãos dela para aquecê-las – tirou o excesso de água de seus cabelos – segurou os pés dela contra o seu peito quente.

“Ela não está morta”, repetia ele para os homens quando via seus olhares tristes e piedosos.

As pessoas gentis em Llandudno, assim que descobriram a natureza da calamidade que assolara o navio em seu litoral, haviam preparado suas próprias camas humildes com qualquer tipo de conforto nos quais conseguissem pensar. Frank andava encharcado e com a cabeça descoberta ao lado de sua Margaret, que era conduzida por alguns homens ao longo da inclinada praia rochosa. “Ela não está morta!”, dizia ele.

Frank parou, então, na primeira casa para a qual se dirigiram – casa que pertencia a uma mulher de coração profundamente gentil. Os homens que carregavam Maggie deitaram-na em uma cama e chamaram imediatamente o médico do povoado para vê-la.

“Ainda existe vida”, disse o médico com seriedade.

“Eu sabia”, disse Frank, atirando-se ao chão. Primeiro caiu em oração e, então, em insensibilidade. O doutor fez de tudo. Durante toda aquela noite, foi para lá e para cá de casa em casa, pois muitos haviam nadado até Llandudno. Outros, conforme imaginavam, tinham ido para Abergele.

Pela manhã, Frank sentia-se recuperado o bastante para escrever para seu pai ao lado da cama de Maggie. Ele enviou a carta a Conway com a ajuda de um menino galês de aparência alegre. No final da tarde, ela acordou.

Em um momento ou dois, ela olhou ansiosa ao redor, como se buscasse ar; e, então, cobriu sua cabeça e soluçou tristemente.

“Onde está Edward?”, perguntou ela.

“Nós não sabemos”, disse Frank em tom sério. “Estive por todo o povoado e vi todos os sobreviventes que vieram para cá; ele não está entre eles; mas deve estar em algum outro lugar ao longo da costa.”

Ela estava em silêncio, lendo nos olhos dele seus medos – suas suspeitas.

Enfim, ela perguntou novamente:

“Eu não consigo entender. Minha mente não está clara. Há tanto barulho e confusão nela. Como você veio parar aqui?”, ela estremeceu involuntariamente ao lembrar-se do terrível cenário.

Por um instante ele teve medo, pelo bem dela, de relembrar as circunstâncias da noite anterior; mas, então, imaginou que a mente dela remoeria aquelas lembranças até que estivesse satisfeita.

“Lembra-se que escreveu para mim, meu amor, contando tudo? Recebi sua carta – não sei quanto tempo atrás – ontem, acredito. Sim! De noite. Você não pensou, Maggie, que eu deixaria que você fosse sozinha para a América. Não falarei nada contra Edward, pobre sujeito! Mas ambos temos que concordar que ele não era a pessoa que cuidaria de você como um tesouro deveria ser cuidado. Imaginei que pudesse ir com você. Nem sei se pretendia me revelar para você de uma vez, pois não tinha vontade de ter envolvimento algum com seu irmão. Vejo agora que foi egoísta de minha parte. Bem! Não havia nada a ser feito depois de receber sua carta, a não ser partir diretamente para Liverpool e me juntar a você. E depois de tomar tal decisão, fiquei animado, pois as velhas conversas sobre o Canadá e a Austrália vieram à minha mente, e parecia que se concretizariam. Além do mais, Maggie, eu suspeitava – até agora suspeito – que meu pai havia tido algum envolvimento com a ideia de ter você partindo com Edward.”

“Oh, Frank”, disse ela, com sinceridade, “você está enganado! Não posso contar-lhe tudo agora, mas ele foi muito bom e gentil no final das contas. Ele nunca me pediu que fosse; acredito, porém, ter ouvido dele que isso seria a salvação de Edward.”

“Não fique agitada, meu amor. Acredito que haverá tempo suficiente, em algum dia feliz em casa, para que me conte tudo. E até lá, acreditarei que meu pai de forma alguma sugeriu esta viagem. Mas você concordará, depois que tudo passar, que é natural que eu suponha tal coisa. Bom, eu simplesmente disse a Middleton que me via forçado a deixá-lo no próximo trem. E não antes de estar bem longe, comecei a refletir sobre o dinheiro que tinha comigo. Mas até duvido que tenha lamentado quando descobri que tinha tão pouco, pois com aquela situação eu teria que colocar mais energia e lutar do meu jeito, exatamente como sempre quis fazer. Lembro-me de pensar no quão feliz você e eu seríamos, esforçando-nos juntos como pessoas pobres. Quando

“você disse que iria em acomodação econômica, vi que aquilo tudo era compatível com os meus próprios desejos.”

“Foi a gentileza de Erminia que nos impediu de usar tais instalações. Ela pediu ao seu pai que nos conseguisse acomodações em cabines sem que eu soubesse.”

“Ela fez isso? Querida Erminia! Isso é típico dela. Eu quase posso rir quando me lembro do entusiasmo com que me despi dos sinais de riqueza e vesti aqueles da pobreza. Vendi meu relógio quando cheguei a Liverpool – ontem, acredito – mas é como se fossem meses atrás. Equipei-me em uma loja simples com roupas apropriadas para um passageiro de acomodação barata. Maggie! Você nunca me disse o nome do navio em que viajaria!”

“Não soube até chegamos a Liverpool. Tudo o que o Sr. Buxton havia dito era que seria algum navio que sairia no dia 15.”

“Concluí que deveria ser o Anna-Maria, (pobre Anna-Maria!) e eu não tinha tempo a perder. A âncora tinha acabado de ser recolhida quando eu subi a bordo. Você não se lembra de um barco chamando pelo navio no último momento? Havia três de nós a bordo.”

“Não! Eu estava lá embaixo em minha cabina... tentando não pensar”, disse ela, enrubescendo um pouco.

“Bem! Assim que subi a bordo, começou a escurecer, ou, talvez, fosse a neblina no rio; de qualquer forma, como eu não conseguia identificar a sua figura de uma vez, Maggie – é uma dentre milhares – tive que observar o rosto de cada mulher; e muitas estavam reclusas. Procurei por você nos conveses, e logo temi que houvesse errado de embarcação; sentei-me – não tinha ânimo para ficar em pé; e, toda vez que uma porta era aberta, eu levantava e olhava – mas você nunca vinha. Estava pensando no que fazer; se ia para o litoral da Irlanda, ou se ia para Nova York esperá-la – foi o pior momento de todos, pois não havia nada que eu pudesse fazer; e o suspense era horrível. Eu deveria ter imaginado”, disse ele, sorrindo, “que a minha pequena imperadora da Rússia não era alguém para ser passageira de acomodações baratas.”

Mas Maggie estava muito abalada para sorrir, e o pensamento em Edward pesava em sua mente.

“E assim o fogo começou; como, ou por que razão, eu suponho que jamais descobrirão. Foi no final do navio. Agradei a Deus, então, que você não estava lá. O segundo imediato queria que alguém descesse com ele para que trouxessem para cima a pólvora, para atirá-la ao mar. Eu não tinha o que fazer, e fui. Nós embrulhamos toda a pólvora em velas úmidas, mas era um trabalho delicado, e levou tempo. Quando conseguimos atirá-la ao mar, as chamas já se espalhavam. Não me lembro do que fiz até ouvir a voz de Edward dizendo seu nome.”

Estava decidido que na manhã seguinte eles deveriam partir para casa, fazendo de tudo no caminho para obterem notícias de Edward. Frank teria dado sua única coisa de valor, (a corrente de diamantes de sua mãe, que ele usava constantemente), como garantia para o adiantamento de um pouco de dinheiro; mas as gentis pessoas galesas não aceitariam. Eles não tinham muito dinheiro disponível, mas, a quantia que tinham, emprestaram prontamente para os sobreviventes do Anna-Maria. Com as humildes vestes de campo que deram a eles, Frank e Maggie partiram em uma carruagem. Era uma clara e gelada manhã, a primeira daquele inverno. A estrada logo subiu para os penhascos ao longo da costa, e puderam avistar o mar que balançava abaixo deles. Eles paravam em cada povoado, e Frank perguntava por Edward, ou pedia para que o motorista perguntasse em galês; mas não conseguiam nenhuma informação sobre ele, apesar de Maggie ver Frank entrar em algum chalé ou outro para ver um corpo morto, amado por alguém – e, quando ele saía, sério e solene, seus tristes olhos encontravam com os dela, e ela sabia que não estava ali aquele que procuravam. Palavras não eram necessárias.

Eles pararam para descansar em Abergele, já que, por ser um lugar grande, seria necessária uma busca maior. Maggie deitou-se no sofá, pois estava muito fraca, e fechou seus olhos, tentando não ver incessantemente aquela multidão descontrolada que sofria sob a luz das chamas vermelhas.

Frank voltou em uma hora, mais ou menos; e suavemente atrás dele, pisando laboriosamente na ponta dos pés, seguia o Sr.

Buxton. Ele estava evidentemente segurando seu choro, mas quando viu a figura pálida e abatida de Maggie, ergueu seus braços.

“Minha querida! Minha filha!”, disse ele. “Deus a abençoe!” Ele não conseguia mais falar – estava chorando copiosamente; mas colocou a mão dela na de Frank e ficou segurando ambas.

“Meu pai”, disse Frank com uma voz rouca enquanto seus olhos enchiam-se de lágrimas, “ele ouviu a respeito do acidente antes mesmo de receber minha carta. Eu deveria ter imaginado que os sinais do farol chegariam rapidamente a Liverpool.

Eu havia escrito algumas linhas para ele dizendo que iria até você – felizmente nunca chegaram, poupando meu querido pai.”

Maggie viu o olhar de confiança restaurada entre pai e filho.

“E minha mãe?”, perguntou ela, enfim.

“Ela está aqui”, disseram os dois de uma só vez, com triste solenidade.

“Oh, onde? Por que não me disseram?!”, exclamou ela, saindo. Mas as expressões deles responderam a ela o motivo.

“Edward afogou-se? Ele está morto?”, disse ela, lendo seus olhares.

Não houve resposta.

“Deixem-me ir até minha mãe.”

“Maggie, ela está com ele. Seu corpo foi trazido pelo mar na noite passada. Meu pai e sua mãe ouviram a respeito quando chegaram. Você tem forças para vê-la? Ela não o deixará.”

“Levem-me até ela”, pediu Maggie.

Eles levaram-na a um quarto. Esticado em uma cama estava Edward, mas parecia agora cheio de esperança e de planos para o mundo.

A Sra. Browne olhou ao redor e viu Maggie. Ela não se levantou de seu lugar próximo à cabeça de seu filho, nem desviou por muito tempo os olhos do pobre rosto dele, mas segurou a mão de Maggie enquanto a garota ajoelhava-se ao lado dela, e falou com uma voz abafada, porém inabalada pelas lágrimas. Seu triste coração não conseguia encontrar alívio.

“Ele está morto! Ele se foi! Ele nunca voltará! Se ele tivesse ido para a América – poderia levar anos – mas ele teria voltado para

mim. Agora, ele nunca mais voltará – *nunca mais, nunca mais!*”

A voz dela diminuiu conforme as lamúrias do vento da noite silenciaram a distância; e houve silêncio, um silêncio mais triste e sem esperança do que quaisquer palavras passionais de sofrimento.

E ainda hoje as coisas continuam as mesmas. A Sra. Browne elogia seu filho morto mais do que mil filhas vivas, felizes e prósperas como é Maggie hoje em dia – rica perante o amor de muitos. Maggie demonstra tanta reverência para as lamúrias sinceras de sua mãe, que os outros se surpreendem ao vê-la recusar o conforto de tão doce filha. Mas a bondosa garota trata sua mãe com simpatia tão carinhosa, sem jamais pensar em si mesma ou em suas vontades, que Frank, Erminia, o Sr. Buxton, Nancy, e todos, são respeitosos e simpáticos também.

Acima dos velhos e dos jovens, a memória de alguém que já não vive mais protege e afaga como uma pomba – aquela que pouco pôde fazer durante sua vida – que fora condenada a simplesmente “ficar e esperar...” aquela que estava constantemente feliz em ser gentil, santa, paciente e imaculada – a memória da debilitada Sra. Buxton.

“Existe o alecrim para relembrar.”¹

1

. Trecho de Hamlet, obra de William Shakespeare (1564 – 1616) poeta, dramaturgo e ator inglês.

FIM

PEDRAZUL EDITORA

Copyright © 2016 by Pedrazul Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583,
de 29 de setembro de 2008.

Direção Geral: Chirlei Wandekoken

Editora: Naiara Aimeé

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Tradução: Andrea Carvalho

Capa: George Barret

Comissão de capa: Carolina S. L. Pegorini, Fabiana Petrucci Swingler,
Fernanda Huguenin, Marcia Bock Belloube e Tully Ehlers.

CIP-Catálogo na publicação (elaborada pela Bibliotecária Andreia Beatriz Pereira CRB-
8/8773)

Gaskell, Elizabeth Cleghorn, 1810-1865.

G248c O Chalé de Moorland / Elizabeth Gaskell ; tradução de Andrea Carvalho.

Domingos Martins, ES: Editora Pedrazul, 2016.

Título original: The Moorland Cottage

ISBN: 978-85-66549-18-8

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Romantismo I. Título.

II. Título. III. Gaskell, Elizabeth. IV. Carvalho, Andrea.

CDD – 823

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

Caixa postal: 645

AGF Fernando Ferrari – Vitória/ES – CEP: 29075-972

www.pedrazueditora.com.br

contato@pedrazueditora.com.br